ALMA PORTUGUEZA

FREI GIL DE SANTAREM

Lenda faustiana da Primeira Renascença

POR

THEOPHILO BRAGA

> Algures lhe chamei já o nosso **Doutor Fausto**; e é com effeito. — é necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.
>
> GARRETT, *Viag. na minha Terra*, c. XXXIX.

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores

1905

OBRAS COMPLETAS

ALMA PORTUGUEZA

FREI GIL DE SANTAREM

ALMA PORTUGUEZA

Rhapsodias da grande Epopêa de um pequeno Povo

I. **VIRIATHO** — Narrativa epo-historica. Porto, 1904. 1 vol. in-8.º de xx — 367 pag.

II. **FREI GIL DE SANTAREM** — Lenda faustiana. Porto, 1905. 1 vol. in-8.º de xxxii — 370 pag.

III. **LINDA IGNEZ** — Tragedia classica.

TRILOGIA
- **1.ª — A pallida Donzella.**
- **2.ª — Morta e Rainha.**
- **3.ª — A Vingança do Justiceiro.**

IV. **OS DOZE DE INGLATERRA** — Poema de aventuras. Porto, 1902. In-8.º de vii — 304 pag.

V. **O PEITO LUSITANO** — Rhapsodias cyclicas das Navegações.

VI. **CAMÕES** — Poema epo-lyrico.

VII. **GOMES FREIRE** — Drama em cinco actos.

moral, que, preparando a nova ordem porá termo á crise de dissolução em uma *Synthese affectiva.*

Quando no meio da sua concentração especulativa Gil de Valadares procurava um objectivo para aspiração affectiva, é que inesperadamente D. Thereza, a esposa divorciada do rei de Leão, vindo tomar posse do Castello de Montemór, que herdara de seu pae D. Sancho I, se hospéda na passagem por Coimbra em Santa Cruz. Dá-se a psychose no joven escholar, e nasce o amor absorvente e desvairado; por ella, vae Gil de Valadares combater no *Cêrco de Montemór*, contra a hoste do rei de Portugal D. Affonso II. Fizeram-se tréguas e o accôrdo do rei com as irmãs, e Gil, tendo posto em suspeição a fidelidade do Alcaide-mór de Coimbra, Ruy Pires, seu pae, este propõe-lhe: que vá servir no Cêrco de Alcacer do Sal, sustentado pelos Cruzados Teutonicos contra os mussulmanos, ou então ir frequentar a Universidade de Bolonha.

Gil prefere antes ir para as Escholas de Paris. Parte subitamente, como Escholar errante, relaciona-se em Lisboa com Thomaz Scotto, e dirige-se para Toledo no intuito de vêr a Rainha divorciada, que elle ama loucamente á imitação dos Trovadores. Thereza estava, pelos seus grandes desgostos e pelas devoções das *Flagellantes*, em um estado de hallucinação, e no seu delirio attonito mal o conheceu. E' então que Gil de Valadares comprehende, que o Amor, nascido da Vontade ou propriamente o *Desejo*, se torna contemplativo pela *Piedade.* Condoido da loucura de Thereza, o Escholar resolve seguir immediatamente para os Estudos de Paris e ahi entregar-se á Sciencia, a vêr se consegue trazer aquella mulher amada á rasão, á consciencia. Esta anciedade de saber leva-o a iniciar-se no espirito critico nas *Covas de Toledo*, onde se conservam as tradições da Cabala e da Alchimia. Espera alli o descobri-

mento da Panacêa universal. Em uma insurreição mental reconhece a decadencia do Monotheismo, e consequentemente a necessidade da construcção de uma Philosophia baseada sobre factos *positivos* e não sobre méras relações das cousas ou entidades *cathegoricas*. N'esta tendencia dos espiritos, até os Monges trocam a Theologia pelo estudo da Medicina.

Parte para Paris, e ahi nas Escholas turbulentas da *Montanha Latina* Gil de Valadares reconhece o syncretismo de todas as Doutrinas determinado pelas Cruzadas: o espirito do Oriente no Gnosticismo, confundindo-se com o Hellenismo, com as tradições theurgicas da Chaldêa por via dos Judeus, e com a Alchimia dos Egypcios explorada insistentemente pelos Arabes. A preponderancia objectivista, pela importancia excessiva dada á *Logica*, provoca a elaboração de uma nova synthese mental ou subjectiva. Predomina o *Organum* de Aristoteles, e pelo emprego do Syllogismo dissolvem-se os Dogmas da Theologia; pelo commentario das *Pandectas* é atacada a Auctoridade privilegiada diante da justiça impessoal. Contrariado no seu amor pela terrivel fatalidade, Gil de Valadares entrega-se por completo ao estudo da Medicina, e quando chega a entrevêr as *leis da harmonia mental*, na justa relação entre o mundo real e a representação subjectiva regulando-lhe a reacção, sabe que a rainha divorciada acaba de falecer. E' então que renuncia a todos os prazeres da vida; meditando no amor de Heresta, sublimado pela morte, reconhece que a paixão simultanea pela Belleza *realista* e pela Belleza *symbolica* é em que consiste a fórma superior do Amor; e assim na sua alma a lembrança de Heresta se associa ao Symbolo da Virgem, em um imperecivel *Amor*, que o eleva á suprema emoção, á pureza de alma, ao extasis e até á santidade. Segundo as doutrinas do Amor, na côrte dos Plan-

tagenetas: «O Amor deve ser a fonte das Virtudes sociaes; d'elle deriva a força nobilitante. — O amante só se torna digno de ser amado pelo duplo exercicio da Valentia e da Cortezia. Por tal preço é que o Amor conduz á perfeição.» A loucura de Heresta elevara-o do Amor-*Desejo* ao Amor-*Piedade*, e pela sua morte inesperada, liberto da fórma material, attinge o Amor-*Ideal*, universalisado no Symbolo poetico ou philosophico — o *Eterno feminino*, a Virgem-Mãe do evhemerismo theologico, mas na sua vindoura expressão esthetica — a Humanidade. E' n'este terceiro Amor, que como em Boecio e em Dante, a paixão pela Verdade natural ou moral é representada pela Philosophia.

Em quanto se entrega a estas concepções, Gil de Valadares é chamado como medico para a Côrte da rainha Branca de Castella, em que assiste o principe Dom Affonso de Portugal, com os Fidalgos e Bispos que conspiravam contra D. Sancho II, preparando a sua deposição, por pretender sustentar a independencia do Poder real contra o clero e contra a nobreza. E' alli que melhor observa a lucta entre os dois Poderes, e reconhece que não sendo constructivo, tendo por ideal o fim humano, o Poder torna-se esteril abdicando no goso material da personalidade. Elle aspira ao Poder, como meio de tornar effectiva a concordia humana pelo affecto, e a libertação das consciencias pela unanimidade da Sciencia. Como alcançar a posse do Poder, no intuito de uma acção social? Na *Côrte de Branca de Castella* predomina a Ordem dos Pregadores, então denominada dos *Irmãos da Virgem;* Jordão de Saxe, seu companheiro de estudos, revela-lhe que essa Ordem é a que dispõe do maior poder social, e a que sustenta a Egreja nos conflictos entre a Rasão e a Fé, sendo o *Bastão de S. Domingos* mais poderoso do que o Sceptro dos Reis. Procura attrahil-o a professar na Ordem

dos Pregadores, mostrando o prestigio de seu Poder, e aproveitando resoluto o desalento moral pelo fallecimento de Heresta.

Como se operou esta crise, em que um espirito que chegara ao livre exercicio da critica negativista, conhecendo que a Sciencia da sua epoca ainda está improficua por não ter conseguido reunir os dois elementos os *phenomenos* e as *relações*, regressa outra vez ás ficções theologicas, e se submette á disciplina monachal? Esta crise individual foi a consequencia da crise do Seculo XIII, em que a sua fecunda e generosa primeira Renascença se apagou em um retrocesso pavoroso. A Egreja estabeleceu o regimen da Inquisição, das perseguições contra as Heresias, extinguiu a efflorescencia da Architectura e da Esculptura, fechando-se em um canonismo frio e mesquinho; a Realeza, que se apoiava nas Communas, submette-as á obediencia passiva, e fortifica-se com a guarda de corpo, que se torna no seu destino de oppressão o Exercito permanente.

No estudo sobre o *Evangelho eterno*, Renan caracterisa as forças de reacção reflectidas e disciplinadas que paralisaram todas as energias do seculo XIII: «A Egreja romana, a Universidade de Paris, a Ordem de S. Domingos, o poder civil, tantas vezes inimigos, acharam-se ligados contra pretenções que não se dirigiam a menos que mudar as condições fundamentaes da sociedade humana. A atrocidade dos meios empregados para aniquilar estas estranhas doutrinas nos revolta; uma multidão de instinctos louvaveis foram envolvidos na condemnação que os feriu; póde-se dizer comtudo, que o verdadeiro progresso não estava com estes bons sectarios. Estava no movimento parallelo e que levava o espirito humano para a Sciencia, para as reformas politicas, para a constituição definitiva de uma sociedade leiga. Desde 1255 póde-se já reconhe-

cer que o progresso, como o entendem as sociedades modernas, vem de cima e não debaixo, da rasão e não da imaginação, do bom senso e não do enthusiasmo, dos homens sensatos e não dos hallucinados que procuram em chimericas aproximações os segredos do destino.» [1] Esta liga tremenda das forças conservadoras, é que nos explica como Gil, o escholar do pacto demoniaco, o medico glorioso das Escholas de Paris, cáe subitamente na corrente theocratica sustentada sanguinariamente pela Ordem dominicana, e sendo um seu corajoso instrumento. Esta conversão, renegando o passado, o espirito da Renascença, mais do que um phenomeno individual, representa a nova epoca e estado de depressão dos espiritos.

N'esta dissolução de um negativismo, que alliou a insurreição mental ao radicalismo social, dando logar ao conservantismo feroz do Poder catholico-feudal, como achar a vereda para reentrar na phase constructiva? Pelo regresso saudavel e vivificante á *Natureza*, que a apathia ascetica tornara detestavel, repellindo-a como um fóco de podridão. A *Natureza*, segundo o symbolo hellenico, é a Circe encantadora que attrae; é ella que hade dar realidade ao sentimento humano, e fornecer á rasão os phenomenos concretos, que relacionados entre si renovarão a Sciencia pela descoberta de uma Lei geral, esbôço primeiro da Synthese objectiva. A Grecia é que suscitou esta segunda Renascença, no seculo XVI, pela emoção das obras primas da Arte hellenica e pela renovação do par scientifico a Mathematica e a Astronomia, conduzindo para a demonstração da *Ordem physica* no universo. Cabe a Petrarca a gloria de ter preparado a transição da primeira

---

[1] *Nouvelles Études*, p. 322.

Renascença para a grande Renascença do seculo XVI, impulsionada pela Italia; a *Theoria do Amor* da Edade média, tornada mais profunda pelo idealismo neoplatonico, constitue o thema fundamental do Lyrismo moderno; o Humanismo, ou a paixão pelos exemplares da Litteratura e da Philosophia greco-romana reconstruidos pela erudição, deu uma consciencia da Humanidade, que sem dependencia de revelações divinas, chega a reconhecer-se Providencia de si mesma. Sem essa constituição do primeiro par scientifico, não se teriam elaborado os outros pares, que levaram á comprehensão da *Ordem organica*, e á previsão da *Ordem social*. A segunda Renascença fructificou, abrindo á humanidade a éra dos progressos conscientes, pelo concurso de todas as energias, activas, especulativas e affectivas.

Para representar estas duas Renascenças em Symbolos poeticos, não basta o typo do pensador audacioso, tal como fornecem a historia e a lenda popular do Sabio com o seu *pacto* diabolico. N'esta aspiração de tudo saber, de tudo discutir e explicar pela rasão, destituindo a fé, ha a representar esse espirito suggestivo da Negação, que as lendas theologicas identificaram com o Diabo, desligado do seu primitivo Dualismo. Na lenda do *Doutor Fausto*, que synthetisa a segunda Renascença, é *Mephistopheles* que representa esse Espirito contradictorio, em quanto á racionalidade; mas é elle que serve o genio da Renascença acordando a paixão pela Natureza, na energia sensual com que arrebata o sabio á serenidade especulativa. O nome de *Mephistopheles* exprime este poder da sensualidade, e os escriptores do seculo XVI e XVII, que o adoptaram, tiveram uma intuição admiravel. No texto hebreu dá-se o nome de *Mipheletzeth* ao que na Vulgata se traduz por Priapo, divindade phalica, da qual fô-

ra sacerdotisa a mãe do rei Aza; ás *imagens do sexo masculino*, condemnadas pelo propheta Ezechiel, (16, ✝ 17) e ás columnas phálicas dos Altos logares. Rabelais, no *Pantagruel*, faz de *Mipheletzeth* a rainha do povo da ilha de Andouilles. Para o seculo XVI, esse idolo sexual tomado como Diabo sensual pela maldição da Egreja, foi bem escolhido pelos poetas para representar o aspecto de seducção da Natureza, que caracterisa a segunda Renascença.

Era preciso encontrar um Symbolo caracteristico para representar o facto da insurreição mental da primeira Renascença, sob o imperio do Scholasticismo, do syncretismo doutrinario de todas as theorias philosophicas, theologicas, cabalisticas, do mais anarchico radicalismo social e religioso. Na tradição das Escholas das Collegiadas e das Universidades foi creado esse typo, que encarnara a Dialectica dissolvente; era a entidade malevola *Titivetilarius*, que apanhava na discussão e exposição escholares todas as syllabadas, que tornavam erroneas as fórmulas dogmaticas. Desde que a Verdade se não procurava nos phenomenos, mas nas fórmulas verbaes que os significavam, o erro systematico era uma condição para dar margem á livre critica. Victor Leclerc, o erudito que mais profundamente conheceu a vida das Universidades nos seus usos e conflicto de doutrinas, notou essa Entidade malévola creada sob o terror da Sciencia no seu destino emancipador. *Titivetilus* é pois um Symbolo de origem escholaresca, que, sem o ridiculo do diabo de farça, exprime bem o aspecto da insurreição mental que hallucinou a maior parte dos pensadores da primeira Renascença; e para que essa Entidade tome realidade e actue na agitação das Escholas, encarna-se no typo vulgar do *Escholar pobre*, tão caracteristico pela sua vida errante de Universidade em Universidade, e na turbulencia

estudantesca levada ás vezes a plenas revoltas. *Mephistopheles* suscita na segunda Renascença a seducção da Natureza, particularisada na sensualidade feminina; *Titivetilus* provoca a insurreição mental, e pelo abuso da Dialectica formalistica arrasta á Negação, que predominou na primeira Renascença.

Gil de Valadares entra na Côrte de Branca de Castella pelo prestigio da Sciencia; e alli, quando pela sua tristeza tinha renunciado a todas as esperanças, e o Poder se lhe tornava uma utopia, é alli que o Poder o procura e o investe de uma auctoridade extraordinaria. Os Prelados e Fidalgos portuguezes que estão refugiados na Côrte de Branca de Castella, trabalham para a deposição de D. Sancho II, e obtiveram uma bulla de Honorio III retirando-lhe o summo imperio e desligando senhores e vassallos do juramento de fidelidade. O principe D. Affonso é o pretendente ao throno do irmão, e pelo seu casamento com Mathilde, a Condessa de Bolonha, é auxiliado pela rainha Branca de Castella e pelo Papa. Então professo na Ordem dominicana, Gil é mandado a Portugal intimar a D. Sancho II a bulla da deposição, é elle que assigna com D. Affonso III a carta de confirmação de privilegios á cidade de Lisboa, e é o que protege o monarcha contra o interdicto por causa do casamento com a filha do rei Affonso o Sabio, tendo viva ainda sua primeira mulher. Todo este Poder excepcional é representado pelo Symbolo lendario do *Bastão de San Domingos*, que póde mais do que o Sceptro dos Reis. Já na velhice, retirado no seu asceterio em Santarem, Frei Gil reconhece que o Poder sem ideal é esteril, se não se inspirar no fim humano; que a Sciencia, reduzida á critica das relações em vez dos phenomenos é improgressiva, e que só pela acção gradativa do tempo, alliando os factos cosmologicos, organicos e sociaes, é que se prestará á concepção posi-

tiva do mundo e da consciencia. A unica luz que nos guia n'esta incapacidade do Poder e incongruencia da Sciencia, é o Amor, realisando-se na sympathia, na liga das Confraternidades, na associação para a cooperação pacifica, definindo a Providencia humana. Por este regresso á affectividade humana, como unico equilibrio nas crises de renovação social, sendo Frei Gil venerado pelas piedosas mulheres, ellas na sua morte proclamam, que a laurea do Sabio murchará, fulgindo eterna a auréola do Santo.

II

A Lenda agiologica e as tentativas de elaboração litteraria

Esta singular figura, que na insurreição mental da primeira Renascença representa a par da corrente mystica (ANTONIO DE PADUA) e da aristotelica averroísta (PEDRO HISPANO) a corrente do negativismo critico e naturalista, pela tradição popular entrou nas Lendas agiologicas do seculo XIII até ao seculo XVI, destacando-se a sua maravilhosa individualidade nas Comedias famosas do seculo XVII, e em um poema didactico do seculo XVIII, até que Garrett teve a intuição esthetica d'este thema nacional.

Citaremos primeiramente as Lendas agiologicas, em que se colheram os elementos tradicionaes para a idealisação artistica:

I. *Legenda Fratris Aegidii, Patria, Partes, Studia ejus et Conversio.* (Em latim barbaro; outr'ora no Convento de San Domingos de Santarem.)

II. *Series Vitae B. Aegidii.* (Nova recensão do Ms. antecedente, e anterior ao seculo XVI: = *Librum vetustissimum membrana scriptum.* =

III. *Vitae Fratrum*, por Humberto, Geral da Ordem de S. Domingos, no Liv. IV, cap. 2, *De virtute Orationis. — De diversis visionibus.*

A) *Conversio miranda D. Aegidi Lusitani*, lib. 4, por Mestre André de Resende. (Serviu-se das fontes antecedentes, II e III.)

B) *Vida de S. Frei Gil*, pelo P.e Balthazar de S. João. 1528. Manuscripto, em Santarem.

C) No *Flos Sanctorum*, de Fr. Diogo do Rosario, (1612) seguindo: «*um Livro authentico que trata da vida de alguns Santos*, da mesma Ordem (dominicana) a qual parece que foi tirada da que está escripta no Convento de Santarem.» Fr. Diogo do Rosario attribue-a a um contemporaneo do santo, por estas phrases: «Tambem em mi experimentei as maravilhas d'este santo.»

D) Quetif-Echard, nos *Scriptores Ordinis Predicatorum*, (t. I, p. 474) refere-se á Vida manuscripta, citando a auctoridade de Nicoláo Antonio, que diz ter d'ella extrahido Resende o seu texto.

E) Nas *Acta Sanctorum*, Mai, III, tambem vem a vida de Frei Gil; o redactor procedeu a investigações em Portugal, mas já se não encontraram os Manuscriptos no seculo XVII.

F) Cardoso, no *Agiologio lusitano*, t. III, p. 251, (Lisboa, 1666), referindo-se a Frei Gil dá-o como conego da Sé de Coimbra, fundado no — *Kalendarium Cathedralis Ecclaesiae Conimbricae.* (E' o *Livro das Kalendas da See de Coimbra . . . tresladado dos antigos por mandado do Cabido.* Ms. da Bibliotheca da Universidade; a fl. 215 vem a referencia á conesia.)

G) Frei Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, P. I, Liv. 2, cap. 12.

H) David Clément, *Bibliothèque curieuse et historique, ou Catalogue des Livres difficiles à trouver*, vol. IX, p. 179. Fr. Gil de Santarem é ahi notado com uma pequena memoria pelo Cavalheiro de Oliveira.

*

Entre as *Comedias famosas* do Theatro hespanhol do seculo XVII, figuram:

— *El Esclavo del Demonio*, por Mira de Amescua.
— *Caer para levantar* — *San Gil de Portugal*, por João de Mattos Fragoso, Jeronymo de Cancer e Agustin Moreto.

Esta Comedia famosa versa sobre o pacto com o Diabo por causa de uma mulher desejada. A scena fundamental do encontro com a dama é uma reminiscencia da comedia famosa de Calderon *El Magico prodigioso*, em que o estudante Cypriano faz o pacto com o Diabo para lhe entregar Justina; o Diabo não póde vencer a virtude de Justina, e illude-o com a apparencia, de sorte que quando o apaixonado lhe alevanta o véo, dá com um cadaver. Tambem na comedia famosa de Mattos Fragoso, Gil deseja D. Leonor, que estava para entrar religiosa em um convento em Coimbra; para obtêl-a assigna a cédula da sua alma ao Diabo, mas ao entrar em uma caverna onde ella se occulta encontra um cadaver. E' este o lance capital, em torno de que gira a acção pobre apesar de complicada. Um fidalgo D. Vasco tem duas filhas, D. Violante e D. Leonor; a esta diz-

lhe que irá casar com o rei D. Sancho II de Portugal. Declara Violante que está apaixonada por Dom Diogo de Menezes e que lhe jurou casamento. Dom Vasco deblatera, manda chamar D. Gil, que tem fama de Santo, para que intervenha n'esta complicação. D. Vasco consegue desviar D. Diogo de Menezes, e quando D. Violante foge de casa uma noite, D. Gil substitue-se ao amante, que fôra fazer penitencia, e lança-se no peccado com ella. E' depois d'isto que vê a outra irmã D. Leonor e a deseja, fazendo o pacto demoniaco, dizendo que não receiava entregar a alma ao Diabo depois de morto, porque morrendo a alma deixava de ser sua. E' no meio das suas loucuras que D. Violante lhe clama que faça penitencia. Estas exhortações produzem seu effeito; Violante entra em scena de cruz ás costas, Gil arrepende-se confessando os seus peccados, e é perdoado por D. Vasco e por D. Diogo de Menezes.

A Egidea, Poema heroico *ou a historia da protentosa vida do grande penitente S. Fr. Gil portuguez* ... Lisboa, Anno M. DCC. LXXXVIII. 1 vol. in-16, de 155 p. (Consta de 9 Cantos em outava rima.) Não tem nome de auctor, mas sabe-se que o escreveu o medico de Santarem João Pedro Xavier do Monte. Termina com esta allusão á profissão do auctor:

Faze pois, que te imite convertido,
Medico e peccador pois tenho sido.

Quando Garrett comprehendeu o valor das tradições para a elaboração esthetica da Litteratura nacional, introduziu no poema *Dona Branca* a figura lendaria de *Frei Gil de Santarem*, que os agiologios medievaes apontavam como tendo, no seculo XIII, feito um pacto

da alma com o Diabo, vindo pela conversão e penitencia a sublimar-se na santidade; eis as referencias laconicas de Garrett:

. . . . quem sabe
E tudo póde em coisas taes de encantos,
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarem . . . .
. . . . quanto mudado
Está *Frei Gil!* Do Diabo, a quem vendera
A alma pelo poder da bruxaria,
O escripto cobrou, que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o Diabo, a quem servira escravo,
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e cousas que se hão feito
Por sua intervenção. Peça mais fina
Nunca santo pregou a um fino Diabo,
Do que o padre *Frei Gil:* fal-o ir ao córo,
Resar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até.
—Mas quem vê isso?
«Ninguem senão *Frei Gil;* boa era essa!
Se o vira alguem forte milagre fóra.

Riram-se os cavalleiros do bom lôgro
Que pregára ao demonio o santo frade.

(Cant. VIII, est. IX-XI.)

Garrett, no canto IX da *Dona Branca* appresenta Frei Gil em acção, cobrindo o maravilhoso com o humorismo; a sua intervenção magica fica sem relêvo. Nas *Viagens na minha terra,* descrevendo os aspectos de Santarem, lembra-se do Frei Gil: «Algures lhe chamei

já o nosso *Doutor Fausto;* e é com effeito. Não lhe falta se não o seu Goëthe. — Nós precisamos de quem nos cante as admiraveis luctas — ora comicas, ora tremendas, do nosso Frei Gil de Santarem com o Diabo. O que eu fiz na *Dona Branca* é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago lusitano não apparece ali senão episodicamente; e *é necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.*

«Então o seu ardente e anciado desejo de saber, os seus vastos estudos, os reconditos mysterios da natureza, que descobriu até penetrar no mundo invisivel, — a sêde de ouro, de prazer e de poder que o perseguia e o fez cahir nas garras do espirito maligno, — o fastio e a saciedade que o desencantaram depois, — o seu arrependimento emfim, e a regeneração da sua alma pela penitencia, pela oração e pelo desprezo da vã sciencia humana — então essas variadas phases de uma existencia tão extraordinaria, tão poetica, devem mostrar-se como ainda não foram vistas, porque ainda não olhou para ellas ninguem com os olhos de grande moralista e de grande poeta que são precisos para as observar e entender.» (*Viagens,* cap. XXXIX)

Sob esta valiosa suggestão de Garrett, chegou Castilho a annunciar em 1843 na *Revista universal lisbonense,* em um prospecto de Obras ineditas que ia dar á publicidade:

— *O Homem do Diabo e de Deus, Santo Frei Gil,* Romance em prosa, em um volume.

(Não levou a effeito a promessa.)

Eça de Queiroz com o seu grande poder de descrever situações de emoção mystica, e sob a impressão do

romance de Gustave Flaubert, *Tentação de Santo Antão*, começou em 1891 a escrever alguns capitulos de um romance:

— *Vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil.*

Aponta-se este projecto no livro das *Prosas barbaras;* [1] abandonou o assumpto, porque a simples imaginação e os effeitos de estylo não chegam á riqueza do quadro do seculo XIII, nos differentes e surprehendentes aspectos da primeira Renascença. Garrett comprehendeu admiravelmente a fórma artistica como devia ser tratado este thema: «é necessario que appareça como protagonista de uma *grande acção* — em toda a luz do quadro.» O quadro não carecia de ser inventado, constitue uma esplendida época historica; a grande acção é a queda de um rei ante o poder theocratico. Faltava só vivificar estes elementos reaes em uma synthese poetica, seguindo a phase universalista da Arte.

---

[1] «Ennevoei-me outra vez totalmente no phantastico,— n'aquelle velho phantastico da *Gazeta de Portugal*, feito agora com menos abutres, e em prosa talvez menos barbara que então. Estou escrevendo *a vida diabolica e milagrosa de São Frei Gil*—e por signal—dir-te-hei agora aqui, quando justamente nos achamos sob arvoredos,—que a nossa riquissima lingua portugueza me parece deficiente em côres com que se pintem selvas; e tambem te confiarei que, tendo mettido, por minhas proprias mãos, o santo bruxo em uma floresta, não sei como o heide tirar de lá.» *(Prosas barbaras*, p. LIII.)

FREI GIL DE SANTAREM

—

PRELUDIO

Noite cerrada e sem estrellas. Ouvem-se badaladas soturnas na torre do Arco de Almedina; a intervallos destacam-se as phrases cadenciadas da

Canção do Sino corrido

Boa gente! gente boa!
O sino apregôa:
— Ao lar volvei logo;
Apagae o fogo;
E dormi contente. —

Boa gente! boa gente!

Lembrae-vos que o tempo vôa
Repentinamente!
Pois nós d'esta sorte,
Imos para a morte
Desfilando á tôa.

Boa gente! gente boa!

(Ao virar a encrusilhada)

Mesmo o fogo apagado,
A's vezes se ateia!
E inesperado,
Destróe o casal
De quem jaz dormente!

Boa gente! boa gente!

Eis a imagem do peccado:
É fogo latente,
Que nos incendeia;
Para sempre ao mal
Nossa alma agrilhôa.

Boa gente! gente boa!

Na torre a hora sôa
De volver ao lar;
O fogo apagar!
E dormir, sonhar...

(A voz perde-se na solidão, ficando tudo em uma mudez aziaga e temerosa, depois das ultimas badaladas do sino.)

Retrôam pelo Valle de Ribela gargalhadas francas e tropear de passos. Destacam-se distinctamente as Cantilenas da

Tuna de Estudantes goliardos

Emquanto estão dormindo, andamos em vigilia,
Em francas tropelias;
Nós sômos da familia
De Golias.

E' a nossa missão por todas as tavernas
Passar noites e dias,
Improvisar poesias,
Canções ternas.

Ternas Canções entoar á graça feminina,
Que mais nos hallucina!
Almas novas são prêza
Da sensual belleza.

Nossos descantes são consagrados ao vinho,
Que as tristezas nos tira
E ideias mil inspira
Em audaz desalinho!

Rancho de Sopistas

Oh subtis, affectados Trovadores!
Só cantaes allegoricos amores;
Nós, n'esta vida intensa
Sinceros precursores
Sômos da — Renascènça.

Oh Mysticos, na ascése macerados!
Andaes do amor divino embriagados,
E idealisaes a cova!
Nós vamos consolados
Para uma Edade nova.

(Os dois Bandos escholarescos juntando-se, em altos brados:)

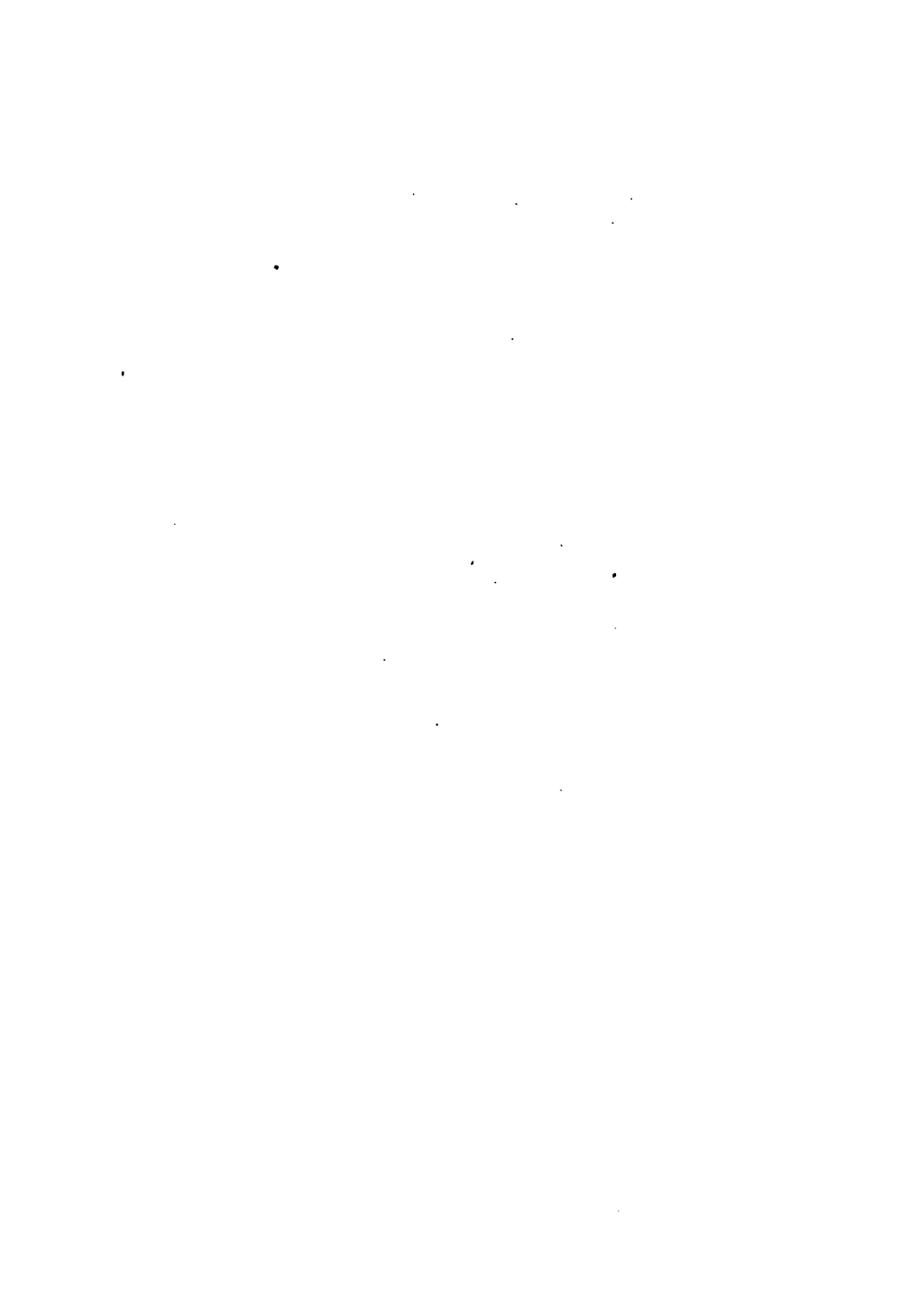
Claustros, Escholas! sempre em passos tardos
Com pedantismo e hypocrisia alardos
Fazeis da Auctoridade!
Só nós vêmos, Goliardos,
Clarão da Antiguidade.

Não illumina o seculo em seu giro
Dolce color d'oriental Zaffiro?
Já da manhã desponta a claridade,
Regressemos ao monachal retiro.

(O grupo dos Escholares recolhe-se no Mosteiro de Santa Cruz, em silencio.)

PARTE I

—

O AMOR

JORNADA PRIMEIRA

VIGILIA DO ESCHOLAR

1.º Quadro — A NOITE DA TUNA

Cella do estudo froixamente allumiada; encostado á mesa, Gil de Valadares concentra-se na leitura de um Codice pergaminaceo; ergue a cabeça subitamente, perturbado pelo ruido dos Goliardos:

Gil:

Na Livraria rica do Mosteiro
Fui topar em recondito escaninho
Poeirento pergaminho;
Interpreto-o ha quasi um mez inteiro,
No seu texto latino
Em que se lê o nome de — Plotino!

Nasceu-me n'alma este desejo immenso,
Talvez um desatino?
De penetrar mysterio estranho, denso
Das palavras do excelso alexandrino!

Não é em vão que eu penso
Sobre a apagada letra;
O espirito penetra
O esotérico senso.

(Abre ao acaso o Livro, para consultar a sorte; lendo:)

«O Subjectivo ou representação
Na mente que prescruta,
O Objectivo ou a realidade,
Não têem entre si contradição,
Antinomia ou lucta!
Ambos a base são,
Constituindo a sua identidade
Unidade
Absoluta.»

(Fechando o Livro apressadamente:)

Ah! mas para alcançar esta Unidade,
O pensamento debil disparata!
Impotente é toda a meditação.
Só por uma *Intuição* immediata
Eguala á divindade
Ideal revelação.

Existe uma Magia verdadeira,
Prestigiosa atmosphera,
Que leva a desvendar a Lei primeira!
Da unificação que os sêres gera
E' o Amor! a divinal chimera...

O Amor, faz a harmonia do universo,
Que as almas umas para as outras leva,
Luz que irrompe da treva!
Emanação em que anda tudo immerso,
Na ronda sideral
Modalidades da Alma universal.

Invocações e Canticos, imagens,
Lamentos e sorrisos, mil miragens,
Cambiantes de luz em prisma vitrio,
Embalam nossas almas em Poesia!
Mas quem se entrega a essa intima Magia,
Não disporá jámais do Livre-arbitrio;
Da consciencia plena
A individualidade em si aliena!

Essa força latente
E' uma seducção que ao goso incita
Em anciedade inquieta!
O extasi é a inspiração do Poeta,
Quando ascende ao ideal.
Só o extasi é a fusão completa
Da Natureza eterna e infinita
Com o mesquinho sêr individual.

O Extasi é o Amor,
Por onde póde a alma comprehender
Deus no infindo fulgor,
Na augusta magestade
Da absoluta Unidade,
Fóco de todo o sêr!
O Extasi é a morte antecipada
D'este terreno e transitorio nada,
Pois morrer é viver!

Como chegar ao Extasi? Eu me illudo
Se acaso emprego unicamente o Estudo,
Ou a ardente Vontade.
Faz perceber o Estudo uma unidade
Na cousa desconnexa a mais incerta,
E a Vontade? ella é quem nos liberta
Pela renuncia de emoções terrenas
Do goso ou dor, da esperança e penas.

N'esta altiva ascensão,
E' sómente o Amor
Que entre o goso e a dor,
Entre a paz e a lida,
Faz o mysterio da unificação
Da morte com a vida.

(Fica silencioso e immovel, com a cabeça pendida sobre o pergaminho, e sem ouvir o ruido crescente ao fundo dos corredores claustraes.)

Abre-se repentinamente a porta da cella, entrando de roldão o rancho dos GOLIARDOS.

UM SOPISTA, *erguendo-lhe a cabeça:*

Ha quasi um anno que te vêmos mudo,
Afferrado no solitario estudo.

OUTRO:

Pois se elle aspira de Doctor ao grão!

OUTRO:

Não te fazem taes garatujas somno?

TODOS:

Esta noite é Vigilia do Patrono
Dos Escholares, — de San Nicoláo!
Não nos parece máo
Que o que da noite resta
Seja passado em festa.

(Metem o braço a GIL DE VALADARES, *tirando-o do seu extasi:)*

Celebremos a Cêa Cypriana
Lá na Adega do velho Tructesindo,
Carrascão e chanfana
A' tripa fôrra devorando, e rindo!
Não percas occasião hoje opportuna,
Gil Rodrigues, de ser o heróe da Tuna.

(Sdem levando GIL *á frente, e cantarolando:)*

Celebremos em lubrica vigilia
San Nicoláo, patrono de Estudantes,
Erguendo ao ár as taças espumantes,
Invocando-o em doidas tropelias!
Nós sômos da Familia
Do patriarcha Golias.

(Vão cantando em rythmo de passa-calles:)

Aravia dos Trez Estudantes:

São tres Escholares,
Vão de terra em terra;
Deserta estalagem
Ao passar da serra,
Para lá seguiram,
A pousada pedem.
Mal entram a porta,
Que encontram aberta,
O estalajadeiro
Com ferrôlho a cerra.
Logo os tres degola,
E em sal os enterra!
Para serem pasto
Dos que alli vierem.
Nunca o negro crime
Fôra descoberto,
Se dos céos justiça
O mal não revela.

Velho peregrino
A passar acerta;
Pede de comer
Do que á mesa reste,
O estalajadeiro
De tal carne dera.
— Dos tres Escholares
De qual a carne era? —

A esta pergunta
Logo empallidece!
Poder alto o obriga
Que o crime confesse.
O bom Peregrino
Chama alli por elles;
Da salmoira erguidos
Cada um apparece,
Sorrindo contente
Do ruim sonho espertos!
Ao velho a mão beijam,
Que a benção concede.

San Nicoláo sempre
Studantes protege.
Pelos Escholares
No Céo intercede;
Fadigas da Sciencia
Protecção merecem.

Chegados os Escholares da Tuna perto do Chão da Figueira Velha, batem á porta da Adega de Tructesindo; entram atropeladamente.

TRUCTESINDO:

Ahi tendes, senhores,
Os bons Commentadores!
D'estes toneis repletos
Extrahi toda a ordem de argumentos
Que harmonisam espiritos inquietos
Nos debates violentos;

São pulpitos perfeitos
De singular Verdade...

OS ESCHOLARES, *interrompendo-o:*

Pois quem é que não hade
Abrir a mente, os peitos
A tão vitaes Conceitos?
Brilhe aqui a scholar fraternidade.

UM DONATISTA, *para* GIL DE VALADARES
apresentando-lhe um copo:

Tu, que entendes a Subjectividade
De *Generos* e *Especies*, no delirio
Que estudas em PROPHYRIO,
Dize, — se d'este vinho a qualidade,
Bem carregado e tinto,
Cujo espirito eu sinto,
E' incorpórea, ou tem realidade?

UM SUMMULISTA:

Oh almas transviadas!
Os *Universaes* são
De ordem intelligivel
Fóra do alcance fraco dos sentidos,
Os typos da rasão
De ser das cousas creadas,
De sempiterna Essencia indefinivel,
Que é Deus, para os mais cridos.

O DONATISTA:

Rio-me d'essas vagas Entidades
Ad rem ou *In re*,
Loucas visualidades;
No meu simples conceito, o que é — é.

(Leva á bocca um grande cangirão de vinho:)

Cantemos agora a Missa
Secundum Marcas argenti;
Sanctificando a cobiça
Que a lei dá *Primi capienti.*
Lá diz o rifão, senhores:
Res, anima et mores,
Sensus, corpus et honores,
Quod perdidit vere
Bonus clericus in muliere.

(Assentam-se todos em volta da mesa; o DONATISTA *conserva-se de pé officiando em parodia da Missa:)*

In principio — silentium;
In medio — stridor dentium;
In fine — rumor gentium!

(Levantando entre os dedos ao alto um Morabitino de ouro, como ostia do sacrificio:)

Consagração do Dinheiro

Do vil faço nobre,
Do malvado bom;
De ouro, prata ou cobre,
Conforme é o som,
Quem manda sou eu!

De uma voz suave,
Seduz tanto o tom;
Da argentina clave
Mais grato é o som;
Quem manda sou eu!

A magica Vára,
Das Fadas o dom,
A potencia rara
Não têm do meu som;
Quem manda sou eu!

Os dourados sonhos
Da Ilha Avalon,
Muito mais risonhos
Fal-os o meu som;
Quem manda sou eu!

A' traição infame
Do vil Ganelon,
Quem ha que lhe chame
Ouvindo o meu som?
Quem manda sou eu!

Milagres fez tantos
A vára de Aaron;
Hoje mais encantos
Produz o meu som;
Quem manda sou eu!

As Leis força enorme
Têm desde Solon;
Verga-as conforme
Ao caso, o meu som;
Quem manda sou eu!

Philosopho austero
Mais do que Zenon,
Vencido o espero
Se ouvir o meu som;
Quem manda sou eu!

As honras, as glorias
Que vão ao Pantheon,
Não são illusorias,
Se as ergue o meu som;
Quem manda sou eu!

Não tem a magia
Do canto de Amphion,
A minha valia:
Pois sem tom nem som,
No mar, terra e céo
Quem manda sou eu!

O SUMMULISTA:

Basta! Eu faço mais fiusa
Em que cada um sem pêjo
Diga o seu maior desejo,
Como quem a Deus se accusa.

TODOS:

Vamos aos *Souhets!* Bella ideia!
Como philosopho insigne,
Gil Rodrigues, nos designe
Que desejo o incendeia,
O mais audaz e altaneiro!
Seja elle a fallar primeiro.

(Abeiram-se todos em volta da mesa, e falla de pé:)

GIL DE VALADARES:

Qual o maior desejo que me anima?
O *Amor?* Ascendo ao Empyreo, e lá de cima,
De lá, d'essa eminencia
Eu entrevejo a *Sciencia,*
Que me faz comprehender
Que o mais supremo goso é — o *Poder!*

Por estes tres desejos eu me agito,
Anhelante palpito;
Solitario medito,
Soffrendo a sêde immensa do infinito.

O DONATISTA, *continuando a parodia da Missa:*

Quem, como eu, adore
A feminina graça,
Erguendo ao ár a taça
Dirá: *Bibo amore*
Sancti Johanis! Com tal philtro passa
Incólume e isento
Do veneno mais rábido e violento.

TODOS:

Os mysterios do Amor não investigues,
Que falla Gil Rodrigues;
Ninguem melhor tal fórmula define,
E que mais nos fascine.

GIL:

Pois que quereis ouvir fallar de Amor,
Inesgotavel thema
De um eterno poema,
Eis a primeira estrophe...

CODECISTA:

E' de primor.

GIL:

Eu vos direi agora a Boa Nova:
Abala o mundo uma emoção latente;
Que o seculo ou o mundo se renova!

O homem governado antigamente
Foi por Lei inflexivel e escura,
Lei da fatalidade atra, premente;

Lei do instincto, que empolga a creatura,
De paixões brutas, de odios e rancores
Das raças sobre a terra árida e dura;

Lei dos Dogmas, de trépidos horrores,
Dos Costumes, das Tradições sagradas,
Lei do arbitrio dos fortes, dos senhores.

Os Povos ou Nações eram manadas
Que ao mando do Deus-Pae eram na vida
Aos Sceptros, aos Oraculos votadas!

Mas um dia essa Lei foi infringida!
Feliz culpa! Começa o Sacrificio,
Que o sangue derramado nos decida,

A dar em tanto soffrimento inicio
A' concordia e á doce união fraterna;
Do homem o destino é mais propicio?

A expiação os animos governa,
O pranto é uma sensualidade,
Sonha-se uma outra vida vã, superna!

O tedio da existencia á solėdade
Leva as almas sinceras; n'esse trilho
A cova é berço, a Morte a realidade.

Tal foi o longo Spasimo do Filho!
Soffreu a humanidade este soturno
Eclipse da rasão!
Mas, outro brilho

Fulgura no horisonte, e por seu turno
E' chegada uma Nova Edade agora,
Depois d'esse collapso diuturno.

Vem allumiar o mundo um'outra aurora,
Chamma de Amor, que as almas unifica
Em mutua compaixão consoladora!

Do Espirito Santo significa
A voz o impulso á confraternidade
Universal! a terra em Eden fica.

A Lei cruenta da Antiguidade,
O Sacrificio pelo sangue nosso,
Não nos deram a Paz e a Verdade!

Jazeu a humanidade n'esse fosso;
Agora pelo Amor ergue-se altiva;
Logo que o homem para outrem viva
Submette a Natureza, eil-o um collosso.

O DECRETISTA:

Pelo que escuto ao inspirado moço,
São as doutrinas de Joachim de Flores,
Que andam cantando os ledos Trovadores;
Conformar-me não posso
Com o sophisma dos ideaes amores.

O CODECISTA:

Fallae-nos no desejo da *Sciencia,*
D'esse vedado pômo...
Queremos saber como
Em nós acorda a propria consciencia.

GIL, *com ironico sorriso:*

Houve um tempo feliz, tempo de outr'ora,
Em que altiva Senhora
Era a Theologia;
Muda, atraz d'ella, bem submissa ia
Por altas regiões fóra
Serva a Philosophia.

Soberana a Theologia arrasta
Cauda de triumphal manto;
E dominava tanto,
Que os horisontes da Rasão devasta;
E a cauda pela tréva
Philosophia a leva.

*

Chega o momento emfim, que um dia a Serva
Adiantando seus passos,
Illumina os espaços,
Abre caminho, todo o ambiente observa,
E audaz independencia
Suggere á Consciencia!

Do Dogma obscuro no insondado abysmo
De uma absoluta essencia,
Sobre a negação firma
A unanimidade da Sciencia!
Na Synthese do mundo, que a confirma,
Em vez da Theologia,
Põe a Philosophia,
Reconhecida agora
Universal Senhora.

(Gargalhadas dos Escholares; são instantaneamente interrompidas pelos rufos de tambores e toques de cornetas.)

Os Escholares sáem bruscamente da Taverna, para vêrem a Cavalgada que se approxima, e já vem na Ponte do Mondego. Apparece entre elles a figura mysteriosa do

ESCHOLAR POBRE, *respondendo a um da Tuna:*

Vêm ahi as Infantas portuguezas,
Dona Thereza, a esposa divorciada
Do Rei de Leão, e Sancha, a irmã mais nova;
Vêm ambas tomar pósse da herança
Que lhes coube em paterno testamento,
E o Rei de Portugal...

GIL:

Recusa a entrega?

ESCHOLAR POBRE:

E' esse o feito indigno do monarcha,
De mais a mais irmão! Tendo jurado
Cumprir o testamento, como consta,
Nas mãos do Bispo de Coimbra, e Abbade
De Alcobaça...

TODOS:

Ahi chega a comitiva!
Saudemos as Infantas donairosas!
Não ha Princeza que não seja linda.

(Abraços de Cavalleiros; vivas enthusiasticos:)

GIL:

Das irmãs ambas não sei qual mais bella!
Sancha, a mais nova, acorda-me o desejo;
Thereza inspira-me a piedade ao vêl-a,
Seu casto e suave pêjo
E' magoado harpejo;
Metia um pé no inferno para tel-a.

ESCHOLAR POBRE:

Percebi teu occulto pensamento!
Surge um dia o ensejo
Ao mais audaz intento:
O que aspiras, não são torres de vento?
De mais, possuindo tu coração terno,
Que te impelle a meter um pé no inferno...

(A Cavalgada dirige-se para o Mosteiro de Santa Cruz; raia o dia. Repiques de sinos á entrada das Infantas.)

GIL, *vendo passar as Infantas ao perto, sentindo-se apaixonado pela Rainha divorciada:*

N'um extasis de intermina surpreza,
Sob emoção de estranha intensidade,
Viram meus olhos tua ideal beldade,
Alliando o genio, a graça, a gentileza.

Erma estrella, da terrea sombra illeza,
Banhou-me em luz de etherea claridade,
Revivesce a illusão da ardente edade,
N'um sorriso ficou minha alma preza.

Sorriso de insondavel amargura,
De mudo anceio confidencia pura,
Que amor inspira, ainda que o não queira.

Oh, alta apparição, doce, graciosa,
Essa expressão dorida, silenciosa,
Fixa-me o enlêvo da impressão primeira.

O INFANTE D. PEDRO, *saudando o Prior-mór:*

Eil-as minhas irmãs, Thereza e Sancha;
Vêm procurar n'este Cenobio santo
Gasalhado ás fadigas da jornada
Lá desde o reino de Leão; pretendem

Agora em Portugal entrar na pósse
Dos seus Castellos do bom pae herdados.
Fazer a entrega o Rei actual recusa,
Faltando ao mais sagrado juramento
Prestado junto ao leito da agonia...

O PRIOR-MÓR:

No aprisco do Senhor tereis abrigo!
Como o Papa Santissimo Innocencio,
Pelo proprio pedido das Infantas,
Como Bens protegidos de San Pedro
Tomou suas heranças, — n'este Claustro
Terão as reaes pessoas honra, amparo.

(Dirigem-se para a Capella-mór; e emquanto fazem oração, preludiando o orgão:)

GIL DE VALADARES:

Pela augusta penumbra
Do templo ouve-se em côro
Cantico celestial;
Sobre a mudez resumbra
Mais vehemente e sonoro
Saudando Parsifal.

O que sôa lá dentro
Sobrehumano é,
De extático fervor!...
No imo d'alma o concentro:
Feliz o que tem Fé,
Feliz quem tem Amor.

No mundo tumultuario
Nunca a ventura passa
Quando vem d'alto ideal!
Entremos no sanctuario,
A Fé a Amor se enlaça
Em um côro nupcial.

Fé — é sinceridade,
Que pura divinisa
Indizivel sentir!
O Amor fica Piedade,
Como exprime a divisa:
Espoir sans plus joïr!

(A Rainha divorciada, terminada a oração, percorre os altares; GIL, *contemplando-a:)*

Do gothico Mosteiro entrando a porta,
Das abobadas sob a sombra densa,
D'entre as columnas pela renque immensa
Ella vaga n'um sonho que conforta.

Toda em silencio religioso absorta,
Do passado recorda a fé intensa,
Aspirando o perfume de uma crença
Que a Arte anima, e é já nas almas morta.

Como santa descida da capella,
Apparição surprehendente e bella,
Fechando os olhos, vêr-te assim comsigo!

Como eu quizera divagar comtigo
Sob amplas naves, n'estes claustros velhos,
E ao fallar-te de amor cahir de joelhos!

(As Infantas e a Comitiva recolhem-se no Mosteiro. Grupos de Escholares no Claustro do Silencio:)

SUMMULISTA:

Que pena! Breves são os feriados!

DONATISTA:

Dizem, que ámanhã parte a Comitiva.
Vão para Monte-Mór...

CODECISTA:

Porque tal pressa?

O ESCHOLAR POBRE:

Dona Thereza, a esposa divorciada
Do Rei de Leão, quer breve entrar na posse
Dos Castellos de Monte-Mór e Esgueira.
Dom Affonso o Segundo, d'esta feita
Tem de empregar a força, e em campanha
Hade encontrar as hostes leonezas,
Obrigando-o a que o testamento cumpra.

GIL, *passeando meditativo entre os demais Escholares:*

Sonhos de *Amor* ou de *Poder*, e *Sciencia*,
Tudo isso é futil, fria inanidade;
Mas este odor de feminil essencia
Deixa-me agora em tal passividade,
Que o meu desejo, não podendo obtel-a
Ao grado da vontade,
Será morrer por ella.

(Acabada a refeição no Mosteiro de Santa Cruz, a Cavalgada das Infantas põe-se a caminho para Monte-Mór; seguem-a os Escholares até ao Valle de Cozelhas.)

2.º Quadro — O CASTELLO DE MONTE-MÓR

Na cella, em Santa Cruz. Sobre a meza de estudo está ainda aberto o livro de Plotino. Fuzilam relampagos de quando em quando; oppressão de uma atmosphera pesada de tempestade.

GIL DE VALADARES:

O Extasi! Jámais eu comprehendera
Este poder latente,
Que torna o individuo,
De material residuo,
Na Alma universal força immanente!
Julgára-o metaphysica chimera,
Sonho vago n'este vital torpôr;
Um rosto de mulher fez-me sapiente,
O Extasi é o Amor.

Para ascender ao Extasi, buscava
A imagem subjectiva na abstração;
Na escuridão ignava
Da escandecida mente
Nunca attingia a anciada *Intuição*...
E um gesto de mulher
De luz n'um rosicler
A alma inunda-me em perennal visão.

Ví-a! ao perto, estatura soberana;
Como *Yseult la blonde*, os seus cabellos
São fios de ouro em meadas, em liana,
Prenderam-me esses élos.

Olhos verdes! que bellos!
Um céo; cariz de limpida atmosphera,
Com fulgor que fascina, em que se abysma
O desejo, que scisma
Inebriado ao vêl-os!
O Extasi não é uma chimera.

Vi n'aquelle semblante
Um sorriso, em que logo se adivinha
Funda magoa de uma alma desolada!
Ingenua, insinuante,
Minha vontade a ella é vinculada.
Mas... Princeza e Rainha...
A que aspiro? é casada.

(Fecha o Livro, como se lhe suscitasse esta obsessão; dirige-se para a janella e escuta attento:)

Tropear de cavallos ouço a esta hora!
Não será illusão de meus sentidos?
Instantaneos relampagos esboçam
Distante ainda a ingente Cavalgada.
Desfraldados balsões eu vejo ondeando;
Que floresta de lanças!... No Mosteiro
Deram já pelo inópino successo.
Incursão de Agarenos, casualmente?
Campa tangida a claustro a todos chama.

(A's primeiras badaladas sae precipitadamente.)

No Claustro do Silencio: Conegos, Escholares, Mousinhos e Leigos oblatos.

O PRIOR-MÓR:

Não tendes que temer. Por carta regia
Eu sei que passam hostes do monarcha,
Pôr cêrco a Monte-Mór vão; e ás Infantas
Extorquir os Castellos...

CONEGOS:

Que injustiça!
Os Castellos que Elrei seu pae deixara
Em testamento a cada uma d'ellas:
Monte-Mór e Esgueira, de Thereza,
Do Rei de Leão a divorciada esposa;
E' Alemquer da Infanta Dona Sancha.
Brada aos céos a tremenda iniquidade.

O CHANTRE:

Dom Affonso Segundo bem jurara
Cumprir do pae o testamento, e quebra-o?

O CRASTEIRO:

Dizem homens de Leis, que o Rei procede
Mantendo a causa da Soberania,
Direitos da Corôa e Summo Imperio!
Não esbulha as Infantas dos Castellos
De herança paternal, mas quer que prestem
Homenagem ao Rei, quaes feudatarias,
Que reconheçam as Justiças suas.

O PRIOR-MÓR:

Bem entendo! São as doutrinas puras
De infernaes Regalistas, que trabalham
Pelo Poder civil, dando á Realeza
Preponderancia sobre o Sacerdocio,
Contraminando a Senhorial Potencia.
Grandes perigos corre a Ordem hoje;
Vejo a revolução sobre o horisonte!
Chamam Renascimento a este cáhos...

O CRASTEIRO:

Pelo que oiço, anda o Rei aconselhado
Por um Jurisconsulto italiano,
Leonardo Milanez...

O PRIOR-MÓR:

Ah! já me tarda
Forte anáthema fulminado a tempo
Contra o monarcha iniquo, que só trata
De sustentar suprema a Realeza
A' custa das odientas dissidencias
Na familia real! Um Interdicto
Sobre o Reino seria bom remedio,
Para contêr a audaz Soberania.

MANSAGEIRO, *offegante:*

Vão as hostes do Rei já mui distantes
Para além do Arnado, em desfilada
Correndo pelos campos de Coimbra.

O PRIOR-MÓR:

Louvor aos Céos, por termos escapado
De hospedagem prestar a tanta gente!
Os celleiros e a adega, que estão cheios,
Ficariam exhaustos...

GIL DE VALADARES, *afastado e fallando comsigo:*

Tresvario!
Que impetos de vontade me suscitam
N'este momento o indomito desejo
De ir para Monte-Mór! brandir as armas,
Luctar, bater-me pelas fracas Damas,
Morrer pela Rainha divorciada,
Que o irmão expolia... e por mão d'ella
De Cavalleiro receber a insignia!
A hesitação me prende! Bem conheço
Que meu pae é o Alcaide mór de Coimbra,
Adstricto á fé real por Dom Affonso;
Parecerá traição minha partida
Para o Cêrco de Monte-Mór agora?
Esperar mais uns dias... é vileza
Permanecer indifferente á lucta
Contra Princezas delicadas, bellas.

(Embrenha-se pela Tapada espessa de Santa Cruz, meditando na obra de PLOTINO:)

Depois que vi aquelle rosto claro,
Oval, e de uma estranha suavidade,
De ethereo palôr raro,

Que me lança em febril cogitação,
Eu comprehendo a verdade:
Entre o *Real* e a *Subjectividade*
Não ha contradição!

Quando viu Dante a Beatriz no empyreo,
N'um extasi ineffavel, surprehendente,
Reconheceu em mystico delirio
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Oh visão suave! alma expressão do sonho
Ideal, indefinivel, mas presente;
Exclamo a sós, se em ti os olhos ponho:
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Quem sente o Bello, e arde em sua chamma,
Quem torna o espirito angustiado crente?
Quem tanto ardor de inspiração derrama?
Quella ch'emparadisa la mia mente.

Se o canto escuto, ou se te absorvo a falla,
Se o ár te aspiro, ou se te evoco ausente,
E's sempre, oh vibração que o sêr me abala,
Quella ch'emparadisa la mia mente.

O ESCHOLAR POBRE, *apparecendo inesperado:*

Bem sei em quem estás pensando a esta hora;
Em Thereza! a Rainha divorciada!
Venho de Monte-Mór, do seu Castello.

Na Torre de Menagem, penserosa,
Os campos de Coimbra olhava ao longe;
Seu coração pressente...

GIL:

Não admira!
Divorciada de um Rei indigno, odioso,
Deixando o throno, que ella exaltou tanto;
Roubada pelo irmão, outro monarcha
Expoliando-a da paterna herança!
E não heide ir bater-me pelos fracos!
Sacrificar-me á Ordem Santa e heroica?
Combater contra Mouros e Agarenos
Aqui, ou Além-mar pelo Sepulchro,
Não é aos Céos mais grato, que o amparo
Prestado agora á innocencia oppressa.

O ESCHOLAR POBRE:

Não estão as Infantas portuguezas
Tão sós como tu cuidas. Contra o Cêrco
Que Affonso poz a Monte-Mór, pediram
Auxilio ao Rei de Leão: hostes sem conta
De leonezas tropas vem talando
O luso territorio, confiadas
Ao Infante Dom Pedro, destemido,
O Cavalleiro mais audaz que existe
Presentemente em todas as Hespanhas.
Onze Fortes já foram assaltados,
E ao poder do Rei de Leão entregues.
E' vindo o Arcebispo de Strigonia,
Com o Bispo de Zamora, em cumprimento
De ordem papal, saber das dissidencias

Da familia real; e estão armados
Com as Bullas de anáthema e Interdicto!
Tu, Gil, ainda hesitas na partida?
Que futuro te espera! Amor e gloria...

GIL, *fitando o* ESCHOLAR POBRE:

Acho-te, o quer que é de extraordinario;
Ora te vejo, ora desappareces,
Sem eu saber aonde é que assim te occultas,
Desde a noite da Tuna, em que fallámos!
Vinhas na Cavalgada das Infantas;
Tu informas de tudo; n'este instante
Vens do Cêrco de Monte-Mór,... e contas
Cousas que me deslumbram! Quem és? Dize!

O ESCHOLAR POBRE:

Sou um pobre Escholar, que vago errante
Por Universidades d'essa Europa,
Cumprindo o árduo fadario da Sciencia!
Pobreza é santidade! Hoje no mundo
Tem a Pobreza celestiaes thezouros.
Não vês os Minoritas Mendicantes,
Como se alastram sem possuirem mealha?
O Estudante pobre segue um voto
Egual ao dos fallados Franciscanos:
Vive á custa dos outros nas Escholas,
E passa vida solta, divertida!
Eu estive em Paris, na rua Fuárre,
Na Montanha Latina, em convivencia
Com todas as Nações dos Estudantes,

Codecistas, Legistas, Donatistas,
Summulistas e os das Escholas baixas,
N'esse cadinho ardente de argumentos
Que elabora o moderno Pensamento
Heterodoxo e livre! Isso é que é vida!
Vim ha pouco de Hespanha: Salamanca
As Escholas Geraes de Italia eguala:
Se lá vi os Juristas combatendo
Pela Ordem civil, cá os Doutores,
Como João de Moron, Pedro de Luna,
Alvar Pelagio e Denis de Murcia,
Raymundo Lullo, intrépidos, dissolvem
Em Dialectica pura — a Theologia!
Embala-me este vento de revolta
Do Pensamento humano, que eu respiro:
Credibile non scibile! eis o lemma.

GIL:

Attrae-me a nova arena de combate;
A intelligencia pede essa luz viva;
Mas obedeço ao sentimento agora.
Para o Cêrco de Monte-Mór me impelle
O coração, um doido amor; intento
Morrer, viver pela mulher que adoro.

(Devaneando:)

Toada esparsa de uma eólia lyra,
Loira menina e moça,
Que o meu desejo esboça,
Ella excede o que a mente minha vira.

ESCHOLAR POBRE:

Tu amas a Rainha divorciada?
Dona Thereza, a loira, a gentil dona?
Poderia o futuro desvendar-te...
Mas, não ouso... receio...

GIL:

Falla! falla!

ESCHOLAR POBRE:

Eu ouvi-te dizer — que um pé no inferno
Meterias pela graciosa diva...
Se sustentas teu dito, eu mostro o Livro,
Onde verás do teu amor a sorte.
Não viste nunca os *Naibs?*

GIL:

Nunca!

ESCHOLAR POBRE:

Olha,

Estas folhas illuminadas, sôltas,
Se baralham á tôa e á ventura.
As figuras que sáem representam
A successão de eventos, revelando
As relações incognitas das cousas.

(Vae com GIL *sentar-se no tronco de um cedro derrubado; ahi deitando os Naibs:)*

Sahiu esta figura. Vês? E' o *Louco*...

GIL, *com espanto:*

O *louco* serei eu ... este amor doido,
Sem esperança, e todo de piedade...

O ESCHOLAR POBRE, *tirando as Cartas:*

O *Signo de Leão!* Agora entendo
Essa insondavel magoa, que o semblante
A' Rainha divorciada véla;
E' um prenuncio triste...

GIL:

Mais não digas;
Que me aterras!

O ESCHOLAR POBRE, *tirando ainda as Cartas:*

Contempla os Elementos:
O *Fogo!* é a paixão, que te domina;
A *Agua!* hasde correr regiões extranhas;
A *Terra!* a penitencia, ou mil prazeres;
O *Ar!* região etherea, a beatitude.

GIL:

Eu não posso fugir ao meu destino.
Amor, *Sciencia* e *Poder*, são tres desejos
Que me exaltam a sêde do infinito.
Para o Cêrco de Monte-Mór partamos.

(Saem da matta de Santa Cruz e dirigem-se para os Campos de Coimbra.)

Proximo do Castello de Monte-mór, cercado pelas hostes de D. Affonso II.

GIL DE VALADARES:

Como entraremos para a Fortaleza?
E' apertado o cêrco!

ESCHOLAR POBRE:

Facilmente;
A Porta da Traição só eu conheço.

(Já dentro do Castello, o INFANTE D. PEDRO *encontra* GIL DE VALADARES, *que lhe é desconhecido:)*

INFANTE D. PEDRO:

Quem és? e d'onde vens? Responde presto.

GIL:

Sou o filho do Alcaide mór de Coimbra,
De Ruy Pires de Valadares; venho
Das Escholas de Santa Cruz fugido.
Quero servir a causa generosa
Da Rainha e da Infanta; dar meu sangue
Vindicando dos fracos o direito.

INFANTE D. PEDRO:

Teu pae deve homenagem ao monarcha
Dom Affonso Segundo! E tu...

GIL:

Eu devo
Meu sangue, vida e honra á alta Senhora
Que tanto tem soffrido.

INFANTE D. PEDRO:

Vem commigo.
Quero á Rainha, minha irmã, levar-te;
Teu enthuziasmo inspira confiança.

(Os dois dirigem-se para a quadrella do Castello de Monte-Mór, aonde estavam D. THEREZA *e* D. SANCHA.*)*

O INFANTE D. PEDRO, *appresentando-o á Rainha leoneza:*

Feliz agouro!... O joven cavalleiro
Abandonou d'ElRei o estandarte,
E a vida prazenteiro
Veiu sacrificar-te,
Por teus direitos combatendo aqui.

D. THEREZA, *fitando-o meigamente:*

Acceito o sacrificio por inteiro;
Eu tenho fé em ti.

GIL:

Se abaixaes os vossos olhos
Apartando-os de mim,
Senhora, é quando protestam
Uma ternura sem fim.

A luz diaphana e pura
De uma refulgente estrella,
Baixando de lá da altura
Cá na terra ainda é mais bella:
Senhora, vós sois assim,
O vosso olhar é como ella:
Quando o abaixaes, revela
Uma ternura sem fim.

Nas sombras a vista cega
O deslumbrante clarão:
Vosso meigo olhar no chão
Se descuidado se emprega,
Toda a sua luz me nega...
Que mal! se a conhecer vim
Essa alma que se me entrega
N'uma ternura sem fim.

D. SANCHA:

Sois trovador, e saboroso! Eu peço
Que nos digaes uma Canção sentida.
Que saudades da Côrte me desperta!

GIL, *olhando a furto para* D. THEREZA:

Não penseis, meu pensamento,
Tanto na ideal formosura;
Do amor immenso que inspira
Hão de dizer que é loucura.

Eu bem sei que o pensamento
Nenhum olhar o penetra;
E' de todo o laço isento;
Mas, se a ancia, o desalento,
Se a alegria, ou a ventura,
Mais expressivas que a letra,
Revelam meu sentimento,
Hão de dizer que é loucura.

N'um simples olhar, n'um gesto
O pensamento é legivel;
Sempre o amor indefinivel
Quando o inspira é manifesto.
Ante essa ideal formosura
Logo se adivinha o resto...
Se o immenso amor não tem cura,
Podem dizer que é loucura.

(GIL DE VALADARES *retira-se respeitosamente, cahindo-lhe por descuido uma folha de papel com algumas estrophes, que o vento approxima das Infantas.)*

D. Sancha, *erguendo furtivamente a folha:*

Talvez uma Canção? e é, com certeza.

D. Thereza:

Lê-me as estancias; devem ser vehementes.

D. Sancha, *maravilhada:*

Intitula-se *Heresia!* um anagramma...

(Lendo com interesse:)

No seu berço côr de rosa
Fadaram-a com surpreza
Trez Fadas! Deu-lhe a primeira
Graça, bondade, — realeza.

Outra, deu-lhe voz maviosa,
Poder do canto, harmonia,
Da Arte intuição verdadeira,
A flor virgem da Poesia.

A ultima Fada, anciosa
De ser nos dons mais completa,
Segredou do berço á beira:
— Terás o amor de um Poeta.

(Continuando a leitura da)

Canção a Heresta

Tracei teu nome sobre o areal da plaga,
Quando a revôlta, rugidora vaga
Vem de longe, espumante,
E espraiando-se o apaga
Com fragor, n'um instante!

Com mais paixão o delicioso nome
De um alto plátano eu gravei no tronco;
Que tufão ha que o dome?
Mas cresce, enorme, bronco,
No ár o nome some.

Insculpir esse nome sobre a rocha
Inabalavel, firme, que o mantenha,
Com mais ardor ensaio!
Eis, que a rocha despenha
Esmigalhando-a o raio!

Onde inscrever teu nome, da alma emblema,
Que o mar, o tempo, o raio não delira;
Nem que se extinga eu tema?
Só no immortal Poema
Que immenso amor inspira.

D. Thereza, *córando:*

Sómente os poetas podem dizer tudo;
E encanta sempre a sua liberdade.

D. Fernando, *rejubilando com as novas que traz:*

Bellas novas! Já onze Fortalezas
Sob o poder de ElRei de Leão cahiram!
Contra Affonso ha chegado o Interdicto
Que lhe fulmina o Papa, já que o Cêrco
De Monte-Mór não levantou ainda.

(Ouve-se grande rumor de povo; marchas tocadas por Menestreis que se aproximam.)

Infante D. Pedro, *para as irmãs:*

Da Virgem da Assumpção a festa é hoje.
Celebra o povo o Auto do Milagre
Do *Santo Abbade João;* quer d'esta fórma
Prestar á Soberana leoneza,
De Monte-Mór Senhora, o vivo preito
De a ter gloriosa dentro dos seus muros.

(D. Thereza *e* D. Sancha *dirigem-se para a Capella da Virgem da Assumpção, e em quanto na praça se reunem as figuras do Auto.)*

D. THEREZA, *entôa o*

Cantico das Creaturas:

«Oh alto, omnipotente, bom Senhor!
Os loôres som teus, a gloria e o honor.
Todas as bendições em ti confino,
E nulho ome de nomear-te é dino.

Loado seja Deus e meu Senhor,
Com tudo de quanto elle é Creador!
E ao nosso irmão Sol em especial,
Pois por elle nos dá luz divinal.»

GIL DE VALADARES, *aproximando-se da Capella:*

Como esta voz me vence,
Me enlouquece e apaixona!
Expressões da Madona
Em sua face vêem-se.

Este piedoso Canto,
Que suavemente diz,
Compôl-o com espanto
O Seraphim de Assis.

Ao ditar a poesia
Na santa singeleza,
Antonio a escrevia
Na lingua portugueza...

DOM PEDRO, *saindo com o irmão:*

Venceremos pelo poder de Roma.

Em frente da quadrella descobre-se o Tablado em que se vae representar o

AUTO DO ABBADE JOÃO

O Tablado semelha o Castello de Monte-Mór *cercado pela* Mourisma.

ESCULCA, *voltando de uma sortida:*

O Rei Almançor
Lá vem avançando;
Formam o seu bando
N'um doido furor,
Infantes sem conto,
Cavallos aos mil;
A mourisma vil
O golpe tem promto.

ABBADE JOÃO:

O Kalifa ha muito
Destruir intenta
Fóco que sustenta
Da Fé santa o fruito.
A scismar me perco·
Como, sem vitualhas,
Darei mais batalhas,
Defendendo o cêrco.

UM BÉSTEIRO:

De trigo e centeio,
De agua estamos faltos;
Da fome os assaltos
E' que mais receio.

4

ABBADE JOÃO:

Chamem a conselho
A todo o bom homem,
O moço e o velho
Resolução tomem.

(Ouvem-se toques de corneta, em signal de alarme.)

(Reunem-se em volta do ABBADE JOÃO *homens de armas e homens validos.)*

ABBADE JOÃO:

Eu ouço distantes
Eccos do anafil!
De Almançor infantes
Vêm quarenta mil.
Ao cêrco pôr termo
Procura de vez;
Que Monte-Mór ermo
Fique, em que lhe pez.
Cumpre-me dizer,
Já sem esperança,
Qual é mais pujança:
Viver ou morrer?

BÉSTEIROS e ALABARDEIROS:

Contra a dura sorte
Em que o céo nos deixa,
Bradamos sem queixa
E'-nos doce a morte.

ABBADE JOÃO:

Sentença terrivel
Que as almas enluta.

TODOS:

Vemos bem que a lucta
E' já impossivel.

ABBADE JOÃO:

Para a morte vamos
Com risonhas caras,
Mas todos vendamos
Nossas vidas caras.

CAVALLEIRO:

Quem assim arrasta
A combates loucos?
Doentes e poucos,
A morte nos basta.

INFANÇÃO:

Mas nossas esposas
E filhos pequenos,
Fragoas affrontosas
Terão de Agarenos?

ABBADE JOÃO:

D'esses transes duros
Hãode os filhos vossos
De crueis destroços
Quedar-se seguros.

CAVALLEIRO:

Aonde o abrigo
Na calamidade?
Só na escuridade
Do feral jazigo.

ABBADE JOÃO:

Virgem da Assumpção,
Mãe de poder tanto,
Dar-lhes ha seu manto
Toda a protecção.
Quem morrer n'essa hora,
Martyr no escarcéo,
Chamal-o-ha ao céo
No aceno a Senhora.
Filhos e mulher,
Pessoas queridas,
Ceifemos-lh'as vidas
Quando a manhã vier.

D. GARCIA, *creado do Abbade:*

Na Virgem fiae-vos,
Será certo o tombo...

ABBADE JOÃO:

Cala-te, homem rombo!
Tu de impio tens laivos.

TODOS:

Oh bicho damnado,
Por tal malvadez,
Chegámos ao estado
Em que tu nos vês.
Seja posto fóra
Do Castello, ao menos!

(Arrojam o creado da muralha abaixo.)

Que se vá embora
Para os Agarenos!

ABBADE JOÃO:

Virgem da Assumpção,
Fica ao vosso amparo
Quanto nos é caro,
Almas, corpos não.
A' espada passadas
Mulheres, crianças,
Já por malandanças
Não são ultrajadas!

Depois de feito isto,
Sangue encharque a terra;
Todos logo á guerra
A morrer por Christo!

TODOS:

Já que outro remedio
Achar ninguem pensa,
Cumpra-se a sentença
No final do assedio.

ABBADE JOÃO:

Passados á espada,
Dando-lhes resgate,
Saia-se ao combate
Presto, na alvorada.
Seja de Innocentes
Novo Sacrificio!
Negro precipicio
Attrae-nos contentes.
Findem os desgostos
D'esta vida anciada!
Tocando a alvorada,
Todos a seus póstos.

TODOS:

Pela Cruz da espada,
Cada um jura e beija,
Que cumprida seja
A ordem votada.

(Retiram-se da scena, que escurece.)

Corrida a cortina do fundo da scena apparecem corpos estendidos a esmo, e ao esclarecer-se a alvorada, reconhece-se terem sido degolados. — *(Toques de marcha vão a perder-se ao longe.)*

(No meio do silencio apparece radiante a VIRGEM DA ASSUMPÇÃO, *tocando com o seu Ramo de Lirios cada um dos mortos, e desapparece, quando volta:)*

ABBADE JOÃO, *á frente dos Cavalleiros e homens de armas:*

Por tomar vingança
Da morte dos nossos!
Que enormes destroços,
Faltando a esperança!
Grande é a victoria
Contra o Almançor;
Mas, que dor! que dor!
Pena em vez de gloria!
Ao que em terra jaz
De nada aproveita
A derrota feita,
A imposta paz!

UM HOMEM BOM, *vendo os corpos mortos:*

Venceu-se o inimigo;
Tristes os christãos
Pelas proprias mãos
Dão-se atroz castigo...

Abbade João:

Voltemos á guerra
A buscar a morte...

os mortos, *erguendo-se:*

Por milagre á terra
Veiu a Mulher forte!
A Virgem-Mãe santa,
Santa Virgem-Mãe,
Do chão nos levanta
Pelo summo bem.
Cada um adore-a,
Cada qual proclame-a
Causa da victoria
Da Agarena infamia.

(Abraçam-se jubilosos ao som de uma marcha triumphal. Rumor de applausos.)

---

o escholar pobre, *para* Gil:

Tem bom sabor esta piedosa historia;
Era em verdade o Abbade sanguinario,
Mas, catholico, olé!

Gil de Valadares:

Não ouvi nada.
Durante o Auto, eu tive os olhos n'ella;
Absorvi-me no Extasis, levado
A estranhos mundos pelo mago encanto.
Quando contemplo Heresta devaneio:

Dormindo por horas mortas,
O coração sempre vela,
Abrindo do Sonho as portas
Por onde radiante entra ella,
Ideal das visões absortas.

Como alva pomba esvoaça
Indo do par á procura,
Rosto inundado de graça,
Excelsa de formosura,
Em todo o meu sêr se enlaça.

Com que voz meiga confessa:
— Tenho em ti fé... — Expressão
Que me desvaira a cabeça!
A creatura como essa
Pouco é mesmo a — adoração.

Abertas do Sonho as portas
Do extase e miragens bellas,
Dormindo por horas mortas,
A que mundos me transportas,
Coração, que sempre velas?

ESCHOLAR POBRE, *com ironia:*

Se é assim como dizes,
Que vela o teu coração,
Para seres dos felizes
Do mundo, á louca paixão
Falta só a — occasião.

(Desapparece entre a multidão que assistira ao Auto e se dispersa.)

D. THEREZA, *achando-se junto de* GIL DE VALADARES:

A Musica e Poesia
Em um noivado santo,
Unem-se na magia
Do expressivo canto.

A fé, a sympathia
De uma a outra alma passa,
Amor sublime enlaça
A ambas no mesmo encanto.

GIL:

Poder do Pensamento!
Pela evidencia guia
A' unanimidade.

Tambem o Sentimento
Pela sinceridade
Se eleva á sympathia,

Que amor se torna um dia!
Mas, o dever isento
Contradita a Vontade.

Sendo o amor harmonia,
Como é que o amor hade
Mudar-se em soffrimento?

Pela Arte — ideal momento —
O amor faz-se piedade,
A dor fulge em Poesia.

D. Thereza:

Sois Trovador e moço; em vossa falla
Ha balsamos de suavidade infinda!
Que ternura se exhala
Sobre a dor muda n'essa Canção linda!
Quizera ouvil-a ainda.

Gil, *recitando a meia voz:*

Da Cruzada longinqua do Oriente
Regressou ao fim de annos, mas doente,
Desalentado heroe.

Chegara á sua aldeia; vendo-a, chora.
Quem seja o forasteiro a gente ignora;
Ah, quanto isto lhe dóe!

Ninguem hoje o conhece no povoado;
Moços de outr'ora, tudo está casado,
Descantam outras vozes;

Têm os sitios ainda o mesmo encanto,
Fallam-lhe do passado tanto, tanto;
Mas, ha lances atrozes:

Chega ao seu lar, e vê fechada a porta;
Soube logo que a mãe estava morta.
Seu pae, o proprio irmão,

Não conhecem o vulto que arde em febre!
Alguem se lembra d'elle ainda... e alegre
Vem festejal-o... o cão.

Assim baixaste ás regiões terrenas,
Na dor suprema, e sob mudas penas
Submersa no escarcéo,

Alma sedenta do que é bello, da Arte,
De Poesia, de Amor! ao encontrar-te,
Reconheci-te... eu.

D. Thereza, *tira do seio um relicario, que entrega a* Gil de Valadares:

Guarda o sagrado Espinho
Da Corôa do Martyr-Salvador;
Como expressão de Dor
Merece-o o Poema de gentil carinho.

*(*Gil, *ajoelhando, beija a reliquia e a mão que lh'a entrega.)*

(Ouvem-se extraordinarios rumores; movimentos de tropas. Chegam os Infantes D. PEDRO *e* D. FERNANDO; DONA SANCHA *approxima-se da irmã, seguida do* ARCEBISPO DE STRIGONIA *e do* BISPO DE ZAMORA. *Fórmam conselho:)*

UM TEMPLARIO:

Dom Affonso Segundo aqui me manda
A declarar — que o Papa reconhece
Direitos proprios da Soberania!
Que a lucta sustentada é simplesmente
Por dignidade que á Corôa impende;
E para a Paz taes condições declara:

«Integral paga em maravedis de ouro,
«Ou em florins, a herança das Infantas!
«Praças, Castellos serão logo entregues
«Em mutua fé á Ordem dos Templarios,
«Penhor mutuo do cumprimento pleno.»

(Emquanto cada membro do Conselho medita as condições da paz, apparece subitamente monologando sobre o Dinheiro)

O ESCHOLAR POBRE:

Os temerosos Despotas nos thronos,
Arrotando poder e auctoridade,
Dando morte ou falaz felicidade

Com soberbos entonos,
Proclamam como doésto á humanidade,
A razão affrontando:
— Eu quero! posso! e mando.

Mas d'esse Imperio no sombrio abysmo
O Dinheiro luziu, appareceu...
Nas graças, no terror do Despotismo,
Diz: — *Quem manda sou eu!*

(Aproximando-se de GIL DE VALADARES, *com malicia:)*

Profligam as Nações, luctam as raças,
N'um odio antigo, que não cansa, herdado!
Ensopa a terra o sangue derramado
Nas monstruosas caças!
Da Consciencia no bruto cataclysmo,
Clamam os bravos — que o Patriotismo
Quer o holocausto das humanas massas!

Mas, n'esses Arcos triumphaes das praças
Falla o motor que a crimes taes moveu:
O Dinheiro, na insania d'esse abysmo,
Submettendo as vontades mais escassas,
Diz: — *Quem manda sou eu!*

O LEGADO DO PAPA, *depois de lêr as condições da paz, fita com ardil o* ARCEBISPO DE STRIGONIA *e o* BISPO DE ZAMORA:

Foi o ouro, que ateou a dissidencia
Na Familia real, o ouro a congrassa;
Que bellas Fundações vão ter inicio
Para gloria da Egreja! a piedade
Pode dar largas a efficazes votos,
Dotações de Mosteiros opulentos...

O ESCHOLAR POBRE, *monologando á parte:*

Dá-se o Papa de Deus por delegado
Sobre a terra, e no espiritual governo
Dispõe de sua colera e vingança,
Com que arroja ao inferno,
Ou eleva a seu grado
A' bemaventurança!

Mas através dos Symbolos piedosos,
Dogmas impondo, ou trucidando o atheu,
Dá volta á Chave com que elle abre o Céo
O Dinheiro, e espalhando ethereos gosos,
Diz — *Quem manda sou eu!*

Concilios, Tribunaes e Parlamentos,
Academias sabias e Congressos,
Leis, Codigos de textos bem expressos,
Com toda a claridade;
Magistrados, de vis paixões isentos,
A's normas sempre attentos
Da integra Justiça,
De inconcussa Verdade,
Invocam a consciencia n'esta liça.

Mas, as opiniões mudam com os ventos!
D'essas fórmulas ôcas
Enchendo então as boccas,
Quem, de invocar a Lei já se esqueceu?
O Dinheiro, effectuando as habeis trocas,
Diz — *Quem manda sou eu!*

Os Infantes, *segredando com os Prelados:*

Entreguemos as Praças aos Templarios,
Já que o Thezouro real em florins paga!
Um de vós as Princezas leve a Hespanha.
Ao Tejo é uma Armada de Cruzados
Chegada ha pouco; a gloria lá nos chama,
Vão ao Cêrco de Alcacer dar auxilio...

(Arvora-se a bandeira branca. As tropas reaes entram no Castello de Monte-Mór e fraternisam com os homens de armas das Infantas.)

O escholar pobre, *rindo com descaro:*

Corôas, palmas de uma immortal gloria,
Honras do Capitolio,
Altas façanhas de imponente solio,
Nomes inscriptos no Pantheon da Historia,
Grandezas estupendas,
Em longa admiração de edade em edade;
Valentia, talento, santidade,
Estas estranhas Lendas
Da ingenua e popular credulidade,
Incitam com descaro
A' torpe exploração do vulgo ignaro.

Mas, com sinceridade,
Francamente o declaro:
O Dinheiro, alastrando o denso véo
Das ficções na explorada sociedade,
Diz — *Quem manda sou eu!*

(As hostes desfilam, deixando Monte-Mór, fazendo sequito de honra ás Infantas, que são levadas para Hespanha.)

O ESCHOLAR POBRE, *para* GIL, *que está triste, vendo a partida:*

N'esta Babel humana
De vãos orgulhos, de ambição insana,
Convence a todos uma mesma falla,
Que as vontades eguala,
Que os attritos aplana,
E cada qual entende...

Hoje, emfim, se comprehende
Que os temporaes e espirituaes Poderes,
Virtudes, honra de homens e mulheres,
Tudo ao influxo numismal se rende;
Solios, consciencias, opiniões abala!
Com gloria ou com desdouro
Põe todos rasos, como a mortal vala,
A idolatria do Bezerro de ouro.

Renegue agora o Stoico o que apprendeu;
Fique sabendo: aonde bota o arpéo,
Onde quer que o Dinheiro se intercala,
Diz — *Quem manda sou eu!*

(Vendo os BISPOS DE STRIGONIA *e* ZAMORA *e as* INFANTAS *seguirem para Coimbra.)*

Olha! a caminho de Coimbra os Bispos
De Strigonia e Zamora e as Infantas,
Partem juntos... Não sabes qual o plano
Que os leva lá? A mim nada é occulto.

GIL:

Voltam por esse mesmo itinerario
Que trouxeram.

ESCHOLAR POBRE:

Não vês adiante um palmo.
A Infanta Dona Sancha fez o voto
De erigir um domínico Mosteiro
De sua herança á custa, ahi em Coimbra;
Offerece a Rainha divorciada
Todo o terreno para a grandiosa obra.
O que é piedade! Aos Bispos vão dar posse.

GIL:

Quero assistir á inesperada festa
Em que a primeira pedra vae ser pósta,
Posso outra vez ainda contemplal-a.

(Seguem no encalço da Cavalgada.)

ESCHOLAR POBRE, *com ironia:*

Conta-nos velho mytho,
Que enroscada Serpente
Do éden n'Arvor' florente,
Esse reptil maldito
A Mulher seduzira,
E pela tentação,
Do Deus chamou a ira
A' humana Geração.

Do passado inconsciente
O Mytho da Serpente
Que incita á tentação,
Tem melhor expressão
Que ao seu intuito quadre:
E' na edade presente
O influxo do — Padre.

Sorrateiro e astuto,
Nas mulheres impera:
Hallucina-as c'o fructo
De sensuaes devoções
De mystica chimera!
Por ellas se apodera
Das novas Gerações.

GIL DE VALADARES, *seguindo pelo Valle de Ribella para Coimbra:*

Foi um sonho! febril impaciencia,
Mal me posso contêr;
Voto agora a existencia
Ao *Amor*, á *Sciencia*,
Ao mundano *Poder*,
Plenas sublimações do humano sêr.

JORNADA SEGUNDA

OS IRMÃOS DO LIVRE ESPIRITO

No Castello de Coimbra o velho Alcaide mór conferenciando com o filho depois do seu regresso do Cêrco de Monte-Mór.

RUY PIRES DE VALADARES:

Não te reprehendo, nem sequer condemno
O generoso impulso que seguiste;
E' natural em um coração puro!
Teus sentimentos de nobreza estreme
Fizeram-te abraçar com fé a causa
D'essas fracas Infantas portuguezas,
Que de El-rei seu irmão se lamentavam
Como expoliadas da paterna herança.
Seguindo o intimo impulso generoso,
Os Estudos de Santa Cruz deixaste,
Para ir com ardor luctar por ellas
Do Castello de Monte-Mór no cêrco!
Eis felizmente as tréguas por um anno;
Todas as Fortalezas retomadas
Por El-rei Dom Affonso á viva força,

São confiadas á Ordem de Templarios,
Até que a herança em maravedis de ouro
A's chorosas Infantas seja entregue.
Tu, no tropel das ambições violentas,
Nos successos confusos te envolveste,
Sem penetrar o intuito que os motiva.
A mim creaste a situação difficil,
Pois como Alcaide-mór de Coimbra, ignoro
Se hoje ainda eu mereço a confiança
De que El-rei me investira...

GIL DE VALADARES:

Comprehendo.

RUY PIRES:

Bastante novo és, para comprehenderes
Da familial politica estes casos.
Dom Affonso Segundo, hoje, a Corôa
De Portugal sustenta com firmeza,
Tem da Nação toda a Soberania,
Tornou-se d'ella seu depositario;
O dever é mantel-a illeza sempre,
Contra o assédio do Clero e Fidalguia,
Na grande lucta da moderna edade!
N'este egoismo de classes, a Realeza
Na Lei Civil intégra o Summo Imperio.
Conservando os Castellos, as Infantas,
Sem prestarem ao rei a homenagem,
Invadiam a Soberana esphera!
Dom Affonso exigindo-lhes o preito,
Só reclamava o reconhecimento
Da indivisa e actual Soberania.

GIL:

Nunca eu vi esse aspecto do Direito;
Que poder novo o da Rasão escripta!

RUY PIRES:

Só os Bispos e o Papa fomentaram
A dissidencia na real familia;
Fizeram que as Infantas recorressem
A' protecção theocratica, e os Castellos
Logo aos Bens de San Pedro equipararam,
Por tremendos anáthemas guardados!
Teve El-rei de mostrar quanto podia:
Um a um conquistou esses Castellos
Isentos de homenagem; elle proprio
Capitulos de Paz offerecendo,
Paga ás Infantas toda a herança em ouro!
Como viste, foi logo a paz acceita,
Por que em mãos femininas, é sabido,
O ouro é gasto em fundações piedosas,
Mosteiros e Capellas, Votos, festas...
Bem vês que te illudiu o sentimento.

GIL:

Fui pelos fracos combater sincero.

RUY PIRES:

Agora, por esse acto desvairado,
Tomando armas contra El-rei, seguindo
A causa das Infantas, és incurso
Em lesa-magestade; e eu perdendo

Talvez a Alcaidaria de Coimbra!
Dom Affonso Segundo é generoso;
Para obter seu favor tens um caminho:
E' chegada a Lisboa a grande Armada
De Cruzados Teutonicos; commandam-os
Dois bravos Condes, o de Widde e Frisia;
O destemido Paladino branco
Gil de Lewes arrasta esses guerreiros
Pela fé com que préga e com que lucta.
Mas antes de irem para a Palestina,
Resolveram prestar ao Rei auxilio
Em Alcacer do Sal no longo assédio.
Estreito é o cêrco! Os Arabes de Hespanha
Alli convergem com as forças todas!
E' momento magnifico, em que ostentes
Os teus heroicos brios, no serviço
Do Rei que a terra patria audaz alarga.
Se em vez das Armas, tua mente absorvem
As Lettras, o Saber, é essa arêna
Egualmente gloriosa! e em tal caso
Pódes partir em breve para a Italia,
A frequentar Bolonha!

GIL:

A ideia encanta.

RUY PIRES:

Ahi cursarás Leis, lições ouvindo
De Leonardo Milanez, famoso
Jurisconsulto de alta auctoridade!
A Lei escripta póde mais que a Espada;
Junto dos Reis, o homem que a cultiva,

Como seu Chanceller de puridade,
Effectiva Soberania exerce,
Ficando os mortos Symbolos ornato
Do estulto e vaidoso egoismo regio.
Medita com vagar no meu alvitre,
E livremente delibera.

GIL:

Eu peço
Tres dias para a decisão da escôlha:
Armas ou Lettras! meu destino e vida,
Consagrarei a uma das Divisas.

1.º Quadro — O PACTO DA NEGAÇÃO

No campo da Figueira Velha, junto das obras do Mosteiro de San Domingos.

GIL DE VALADARES:

Estes longinquos sons, vẽem plangentes
Acordar-me a saudade
D'aquellas horas mortas e silentes
De estudos insistentes,
Na intuição da universal Verdade.

Comprehendia do livro de Plotino
A ideia manifesta;
Mas quando vi o rosto seu divino,
Aquella expressão mystica de Heresta,
Rainha divorciada,
E' que me foi á mente revelada
A plena identidade
Da visão subjectiva e a realidade.

O mundo real é sempre incomprehensivel
Através de mil fórmas incompletas;
Da unidade incoercivel
Têm consciencia os Poetas.
Impressões fulgurantes
Representam-me em todos os instantes
A imagem que trago n'alma impressa,
E que o sangue me inflamma,
Interpretando o olhar, muda promessa
Do espirito que tanto soffre, e ama.

ESCHOLAR POBRE, *apparecendo repentinamente:*

Oh pensador acerrimo,
Andava a procurar-te,
Doido, por toda a parte;
Em meu viajar asperrimo,
Correndo pelo mundo
Aqui vim dar comtigo,
Sereno n'este abrigo,
Ermo e meditabundo:

Venho de Hespanha! Tantas
Leguas transpuz n'uma veloz carreira,
Por povoados, sem mesmo conhecel-os!
Parti na companhia das Infantas,
Quando se fez a entrega dos Castellos
De Monte-Mór e Esgueira!

Não as largam os Bispos, ao presente;
Tinir maravedis de ouro luzente
Cada um d'elles sente.
Ah! preguemos-lhe um lôgro, suggerindo
Uma paixão terrena á que é mais bella;
Que faceta esparrella
A' devoção sensual o amor unindo.

GIL:

Quem és tu, que de subito appareces,
E rapido te escondes?
Já te inquiri, mas nunca me respondes;
Se Espirito do Mal não és, pareces...

ESCHOLAR POBRE:

Vae ser o teu desejo satisfeito:
Sempre é conveniente
O trato com um ente
Mysterioso, quando nos dá proveito!
O Amor, Gloria ou Riqueza
Dirão de meu influxo, ao teu serviço;
Não hesites; por isso
Ordena, e finde essa intima tristeza.

GIL:

Meu pae receia decahir da graça
Do seu rei Dom Affonso, que lhe dera
A Alcaidaria-mór de Coimbra; e espera
Que o meu feito justa ruina faça.
Para obstar ao desfavor, que o aterra,
Propoz-me ir para a guerra
No exercito real,
Que em Alcacer do Sal
Põe assédio contra a Mourisma pêrra.

ESCHOLAR POBRE:

Confia, em que eu te sirvo com vontade;
Trago o *Livro*, que vês, e se intitula
Do Santo Nome, o nome de *Ogdoade*,
Nome, que em sete letras se articula.
A Moysés se attribue!
Por esses sete sons em tudo influe,
Como os Planetas sete,
As sete côres que o Iris nos reflete,
E os tons da escala, com que te apoderas
Da infinita harmonia das espheras.

Tem este Livro phrases
Que fazem abalar do orbe as bases;
Torna invencivel a qualquer pessôa,
Fal-a transpôr o espaço como o vento,
Como o espirito glorioso vôa;
Faz lêr o mais occulto pensamento!
Paralisa a serpente, e cala a inveja;
Attrae toda a mulher que o homem deseja
No enlêvo de um momento!
E pacifica os Reis em crú egoismo,
Restituindo logo
Sem mais supplica ou rogo
O cortezão ao seu favoritismo.

(Rasga uma pagina do Livro e entrega-a a GIL DE VALADARES.*)*

GIL, *com surpreza:*

Mas, quem és tu? que fazes tanto alarde
De incognitos poderes?

ESCHOLAR POBRE:

Sou um *Escholar pobre*, ou quem quizeres,
Vago no mundo inerme;
Já que em ti tanto arde
O desejo que tens de conhecer-me:
Como o occulto verme
Que opéra a destruição,
Meu sêr seja-te emfim patenteado:

Eu pertenço á anonyma phalange
Do Proletariado,
Que se ergue da miseria e escravidão,
E em seu immenso numero hoje abrange
Os elementos da Revolução!
Do *Pobre Homem* descendo,
Pae dos servos da gleba...
Quem ha que ahi perceba
O impulso da revolta que ora rúe!
Eis dos seus privilegios
Os Barões destitue,
Apêa as Thiaras e os Thronos regios,
Vendo o vasio dos Symbolos egregios!

Ante a desgraça e a iniquidade,
Affirmando no fundo d'este abysmo
A fraterna — Egualdade,
Proclama o anarchismo!
Por toda a França, vão-se erguendo em bando
Os *Pobres Jacques*, dando
Para a Allemanha a mão ao desgraçado
D'esse *Pobre Conrado!*
Os *Turlupins*, *Golfinos* e *Begards*,
Os famintos *Lollards*,
Quantos soffrem da sorte o menoscabo,
Chamam-se com desdem *Pobres de Christo.*
D'este tropel no cabo
Tambem a ignobil multidão avisto
Por nome *Pobre Diabo!*
Mas, uns aos outros estendendo as mãos
Por França, Italia, Allemanha e Hespanha,
Formam a liga estranha,
Do *Espirito livre* são *Irmãos!*

Já vês quem sou. Pertenço
A esse grupo immenso
Que espalha os germens da Revolução!
Na Religião, na Sciencia,
Eu sou a dissidencia,
Duvida e Negação!

O Seculo dissolve-se na lucta
Da humana Consciencia
Que anceia a liberdade!
Ataca a força bruta,
Discutindo dos Reis a Auctoridade;
Já não crê, não escuta
Por ficticia a theologica Verdade.
Tudo isso a Rasão sóme,
Como ás trévas a luz! Abre-se agora
Um mundo novo, fulgurante aurora,
De harmonia, de Confraternidade!
Queres ser grande? Inscreve pois teu nome
Do *Espirito Livre* na *Irmandade.*

GIL:

Bem que a ambição me tome
Na minha ardente edade,
Devo ainda a resposta
A meu pae; elle gósta,
E quasi que me obriga,
Que a carreira das Armas eu prosiga,
Indo para a Cruzada
Que em Alcacer do Sal é sustentada.
Ou, então, se á Sciencia me disponha,
Se o Saber me agrada,
Que frequente Bolonha.

ESCHOLAR POBRE:

Gloria das Armas e de Academias,
São chimeras, estultas phantasias;
Vêem-se em nossos dias
Os Symbolos da Fé e do Imperio
Perderem o prestigio,
Destituidos de sentido sério!
Do influxo da Rasão cresce o prodigio,
Na discussão das concepções chimericas;
Ha um combate acerrimo no mundo
Mais acceso e jocundo
Que as batalhas homericas!
Considera, repara:

E' entre os *Dois Poderes* esta guerra
Tremenda, que os separa!
Deus dividiu na terra
O Poder seu por uma fórma clara:
Deu o *Espiritual* ao Sacerdocio,
Contemplativo no ocio;
O *Temporal* por sua vez confere-o
Aos Reis, o Summo Imperio.

Mas estes dois fragmentos,
Tornados entre si incompativeis,
Cada qual pucha para a sua banda;
Invadem-se violentos,
E entre baldões terriveis
A vida social anda!

Vês a *Heresia* dissolvendo a Egreja,
Que sanguinaria almeja
A temporalidade!
A *Revolução* cresce, dia a dia
Minando a Monarchia;
Aos *Dois Poderes* vão abrindo a cova!

GIL, *com espanto:*

D'onde emfim hade vir a *Ordem* nova?

ESCHOLAR POBRE:

Um grande ideal te acorda o enthuziasmo;
Sacerdotaes ficções
Incitam o sarcasmo
Do natural bom senso!
Da despotica Espada
As arbitrariedades,
Fazem unir as Ghilds e Irmandades,
Trazendo aos fracos um poder immenso.
Em uma aberta liça,
E com audacia insana,
Affirma-se a Justiça
Com a concordia humana!

= Sem Reis, nem Padres! = lucida divisa
Da liberta Consciencia,
Que torna a Humanidade uma, indivisa,
De si a — Providencia.
A voz: *Destruam et edificabo,*
Que solta o *Pobre Diabo,*

Fecunda orientação
Dá a tua existencia.
Pende o Seculo para a Negação
Que o governa latente!
Tens de um enorme campo o andito em frente.

GIL:

Eu agora comprehendo a inanidade
D'esta sangrenta lucta
Disputando o dominio
De um Sepulchro vasio, escura gruta
Da morta Divindade!
Ao frio raciocinio,
Os Symbolos da Cruz e do Crescente,
A ideia absoluta
De um Deus unico exprimem egualmente.
Na agitação hodierna,
Para fazer concordia, união fraterna,
E' a Crença impotente.

Attrae-me a lucta viva das Idéas,
Das Escholas Geraes, das Assembléas;
Nas discussões eu sinto-me feliz!
A guerra verdadeira é o pensamento,
As armas — o argumento,
A estacada — Paris!
Em Paris! n'um oceano de Sciencia,
Do Saber n'esse abysmo,
Lá, com que gloria, scismo
Afundar a existencia!
Vibrando com denodo — o Syllogismo!

ESCHOLAR POBRE:

Paris! Paris! que immensa luz espalha!
Ahi grande batalha,
Das ideias se fere.
Ao que á ruidosa Eschola chega á porta,
Conhecer esse estranho mundo importa;
Para ter nome o que é que se requere.
Eu t'o revelo azinha:
Ha duas Sciencias n'uma Sciencia; ólha:
A que se lê no Livro em cada folha,
E a que se adivinha
Lendo na entrelinha...
Os crédulos estudam com paciencia
Morta, apagada letra;
Nenhum d'elles penetra
A esoterica essencia
Que ha em toda a Sciencia.
Saber quadrivial immovel jaz,
E mil pedantes faz!

Existe imo prestigio na Palavra
Vehemente proferida;
Viva luz na alma accende, brilha, lavra,
E' o Verbo da vida,
Que novas fórmas cria,
E a novos mundos ala,
Eis o que é a Magia!
Auscultatio, que chamam a *Kabala*,
Lá da antiga Chaldêa
Transmittida na tradição hebrêa;
Um thezouro infinito,
Arte de fazer ouro, a *Chrysopêa*,
Tambem a *Argyropêa*,
Conservam-se em Papyros do Egypto!

Mandou queimar o Imperador de Roma
Diocleciano, outr'ora,
Da Alchymia os Livros, que aos Egypcios toma,
Cuidando que assim doma
A nação ao servil jugo romano,
Podendo-o lançar fóra
Se possuirem do Ouro o grande arcano.

Eu sei onde se guardam essas Obras!
De Marcos os Discipulos dilectos,
Conservam Panacretos,
Desvendando-lhe as dobras
Dos seus véos mais secretos!
N'esse Livro, a Moysés attribuido,
Citam-se velhos Magos,
Tphé, o Hierogrammata, e Evenus
Abertamente pagos
De Sciencia infinita;
Erotylo, e Zminis Tentyrita,
Ostanes entendido,
E gloriosos não menos
Agathocles, Pebechius, eminentes
Por fórmulas potentes
Em seu influxo infindo!
Micres e Mirnefindo,
Arthefius, Comarus Byzantino,
Avicena, Calib e Morienus
O segredo divino
Da mystica Serpente sem venenos,
Proclamam-o com brilho!
Géber, Zadith de Hamuelis filho,
A Lei de Hermes explicam:
Omnia ex Uno procedunt! Que trilho
Para os que Ouro fabricam!

Mesmo o proprio San João Evangelista
O castissimo ágno,
Meigo, suave e louro,
Tambem foi Alchymista,
Como canta o seu Hymno
Do inexhausto Thezouro!
Vicente de Beauvais, Alberto Magno,
Arnaldo Villa Nova e Hortolanus,
Por esta Sciencia occulta dos Arcanos
Possuiram da Luz clarão divino!
Como elles tambem tu podes ser grande,
Com gloria o nome teu no orbe se expande.

Na Sciencia das Escholas,
Dos Syllogismos e doutrinas tolas,
Sempre hade ser ahi teu nome obscuro.
Nenhuma gloría assoma,
Que hoje offusque a que nimba GIL DE ROMA,
O *Doctor fundatissimus*, seguro,
Mestre afamado de Philippe o Bello!
Ai de ti! outro nome o teu domina:
Gil de Corbeil, subtil na Medicina,
E Medico do Rei Philippe Augusto;
Como Theologo tem renome justo.
Ah, pobre Gil! até como poeta
Olha *Gil de Paris!*
Seus Poemas ao Principe Luiz
Dedica; a sua fama hoje sem custo
De revolucionario se completa.
Tens *Gil le Chantre*, que entre estas querellas
Chefe dos Turlupins,
Irmãos do Livre Espirito, em Bruxellas
Prosegue d'esta lucta os altos fins!

E' elle que sustenta:
— Vale o Peccado mais que a Oração!
A fragil vida augmenta;
Porque o Prazer na doce seducção
Satisfaz a Alma dos desejos prêza,
Realisa a Lei da livre Natureza! —

GIL DE VALADARES:

Como posso alcançar nome glorioso
N'este Seculo revolucionario?

ESCHOLAR POBRE:

Tens de seguir um novo itinerario!
Aqui affirmal-o ouso.
Na gloria militar teu nome offusca
Gil de Lewes, agora em Portugal;
Em Alcacer do Sal
Para as hostes da Cruz o triumpho busca,
Guerreiro e prégador d'esta Cruzada
Que passa á Palestina.
Se acaso a santidade te domina
A alma transviada,
Não és n'isso feliz;
Confundida verás a tua fama
Com o humilde e piedoso *Gil de Assis*,
Auctor da *Aurêa verba*,
Onde ao mundo proclama
As virtudes que elle em Francisco observa.

GIL:

Contra este fatalismo do acaso
Que o meu nome confunde,
O que ha que o secunde,
E á gloria me dê azo?

ESCHOLAR POBRE:

Tu, sómente! Pelo individualismo,
Investigando da Sciencia o abysmo,
Com mais coragem e talvez acerto
Do que esse Magno Alberto,
Ante o conflicto da Rasão e a Fé!
Ou Simon de Tournay,
E Siger de Brabant,
Mostrando inâne o Dogma dominante.

GIL:

Esses problemas têm-me hallucinado.

ESCHOLAR POBRE:

A Natureza é pura e sem peccado!
Voltemos com franqueza
A' santa Natureza.
O individuo é o sêr prefeito,
Social e independente;
Sereno, consciente
Eis do *Espirito livre* o Irmão eleito.

GIL:

Como inscrever-me pois n'essa Irmandade?
Para tal tudo faço!

ESCHOLAR POBRE:

Assignando com o sangue do teu braço
Pacto válido, e sem hesitação
No espirito de plena Negação;
Da absoluta e inteira liberdade:
—Anarchismo contra o Poder da terra
E a Crença do Céo!
Contra a Sciencia formal, que absurdo encerra,
Aos seus Sophismas guerra,
Dyocolo ou atheu,
Tendo por arma o arguto Syllogismo,
Que com desdem sepulta
Sabedoria estulta.

GIL:

Se a Verdade encontrar na Sciencia occulta,
Assigno o Pacto, e trilho esse caminho.

ESCHOLAR POBRE:

Confia-me o Espinho
Da Corôa do Christo Redemptor,
Que te deu a Rainha divorciada
Ha pouco em Monte-Mór,
Como reliquia santa venerada
Por lembrança de amor...

Com o sangue da leve picadura
Em tenuissimo jacto,
No teu braço, farás a assignatura
Do teu jurado — Pacto.

(GIL *confia o Espinho da reliquia ao* ESCHOLAR POBRE, *que o troca pelo Espinho da carne.)*

Com crendices bem sei que não te illudes;
D'este Espinho, reconhecer convem
Os poderes que tem!
Prodigiosas virtudes!

Mas, reparando bem,
Esta reliquia, que nenhuma eguala,
E' o *Espinho da carne!* de que falla
San Paulo, em uma Epistola eloquente.
Deixa que levemente
Toque o Espinho o teu braço.

GIL, *offerecendo o braço, sorrindo:*

Um convulsivo frémito me abala,
Prostra-me em torpôr lasso!
Parece que do centro visceral
Irradia uma sensação intensa,
De mais delirio quanto mais se pensa;
E d'esse goso ideal
Ao prolongado enlêvo
Dá-lhe a consciencia inda um maior relêvo.

O ESCHOLAR POBRE:

Não é uma illusão o que sentiste,
Um prestigio ou chimera;
Por isso é que San Paulo deblatera,
E clamoroso insiste
Contra o *Espinho da carne* amaldiçoado!
Por esse talisman que o infeitiça
O Apostolo tambem foi dominado,
Quando o encontrou na mão da Diaconissa
Phebe, que elle amou quando já velho.

E's novo! tens um mundo de prazeres.
Podes vêr n'este Espelho,
De Petosiris a afamada Esphera,
Que ha tanto se esquecera,
As imagens de todas as mulheres,
Que a capricho quizeres.

(Mostra-lhe o Espelho espherico.)

GIL:

O Espinho da Corôa de Jesus
Feito *Espinho da carne!* Que obra é esta?
Recebi-o da mão pura de Heresta!
A que sonhos, a quanto ardor me induz!

O ESCHOLAR POBRE, *emquanto* GIL *mira o Espinho:*

Fez o grego esculptor
Junto á estatua da bella Galathêa,
Com delicada ideia,
Corpo infantil, que allegorisa o Amor.

Na breve mão foi pôr
Uma flexivel, delicada flécha,
Que, se a criança a desfecha,
Faz nascer do Desejo o infindo ardor.

N'um espasmo subtil
Mil delicias suggere
Em quem, de leve, fere
A ponta d'esse hastil.

Na Egreja nascente
O *Espinho da carne* com recato
Aos Presbyteros deu goso vehemente,
No ermo celibato.

Desde essa hora a Egreja
Detestou a Mulher! viu na belleza
O Mal, que se deseja;
Amaldiçôou a alegre Natureza.

GIL, *conservando o Espinho:*

Quero de Petosiris vêr a Esphera,
Se ella me representa
A doce imagem que me encanta e alenta
Na anciedade do amor que desespera.

ESCHOLAR POBRE:

De todo o véo isenta,
Tens a visão sincera
Da mulher que occorrer á tua mente
Por um desejo ardente.

Gil, *contemplando com espanto:*

Núa se manifesta
Conforme o meu desejo...
E' com certeza Heresta,
Que radiante eu vejo!

ESCHOLAR POBRE:

Tu pasmas do que vês! Por certo ignoras,
Das cinzas fluctuantes
D'esse povo Albigense,
Que a Egreja com ferro e fogo vence,
Nasceram seitas hallucinadoras,
Beguinos, Fratricellos, Flagellantes!
São do Espirito Livre Irmãos, sem medo
Em vez do Logos tem do Amor o credo.

Em Toledo, no paço da Galiana,
Vive Heresta, a Rainha divorciada,
Penitente dormindo sobre a palha!
Logo de madrugada
Com vehemencia insana
Para os pobres vestir ella trabalha.

Fervor religioso de Beguina
Apoderou-se d'ella...

Gil, *olhando a Esphera de Petosiris:*

Esse corpo de alvura ideal, divina,
Que mão crúa o flagella?

ESCHOLAR POBRE:

E' uma Fratricella.

GIL, *com magoa:*

Religião que enlouquece e hallucina!

Ouvi-lhe lêr com voz de ethereo arpêjo
De um Monge, que encontrou loiro cabello
De mulher em um livro, acaso, — e ao vêl-o
Cae d'amor fulminado n'um lampejo.

Como se acorda o indomito desejo,
E a vida extingue em devorante anhelo!
N'uns ondados cabellos, mais suave élo,
Em extremo enlêvo fios de ouro vejo.

Bem perto da visão que me extasia,
Mais que o Monge, que o livro abriu defronte,
Sinto do *Odor di femina* a magia.

E sem morrer! sem que um soneto o conte,
Afogado n'um hausto de Poesia,
Junto á nevada, alabastrina Fonte.

ESCHOLAR POBRE, *sorrindo:*

Essa psychose torna-se obsessão.

GIL:

Quero fallar a Heresta, ir a Toledo...
O Pacto d'alma assigno já sem medo:
Professo a — Negação.

(Fere-se no braço, e assigna uma cèdula que lhe appresenta o ESCHOLAR.*)*

ESCHOLAR POBRE, *guardando a cèdula:*

Ignota coincidencia! Observa: o chão
Que vês n'este momento,
De alicerces profundos excavado,
Em que se erguem os muros de um Convento
De Frades Prégadores, — foi doado
Por Thereza, a Rainha de Leão.
Dos cavoucos, em meio do destroço,
Tu por ella firmaste o Pacto nosso!

GIL, *devaneando:*

Entre Deus — Infinito
E a terrea pequeneza,
Que insondavel abysmo!

E quanto mais medito,
E quando anciado scismo
N'esta contradicção,

Eu sinto que a união
De Deus é a Natureza
Se faz pela Belleza.

Contempla novamente a Esphera de Petosiris, absorto na imagem de HERESTA:

Tal como é formada
Na concha, em fundo mar,
Fulgente, desmaiada
A pérola ao luar;
Amor de uma casada,
Que viu para seu mal,
O Poeta d'esse ideal
Faz um poema sem par...
O que é saber amar!

Decantou n'esta toada
Dolente, sem egual,
Arnaud de Miraval
Com a alma enlevada
No amor da casada
Que tornára immortal:
Concentrou o viver
Na angustia desolada,
Porque — amar é soffrer,
Sem que aspire a gosar! —
Isto é saber amar!

ESCHOLAR POBRE, *interrompendo-o:*

Se antes de vêr Heresta
Queres philosophar sobre o Amor,
Como pensam Platão e Hermas Pastor,
Voêmos a Lisboa,
Onde está preso em enxovia infesta
Thomaz Scotto, o mais audaz Doutor,
Cuja fama pelas Escholas sôa.

GIL:

Porque está preso Scotto entre os horrores
Da masmorra sombria?

ESCHOLAR POBRE:

Por citar com ousadia
LIVRO DOS TRES IMPOSTORES,
Coram multis Scholaribus
In scholis Decretalium,
Quando estava a lêr um dia.

GIL, *com curiosidade:*

Eu nunca ouvi fallar no Livro horrendo,
N'essa obra de malicia!
Com que ancia pretendo
Me dê Thomaz Scotto já noticia
D'esse Livro, onde com certeza existe
Espirito de fria — Negação,
De toda esta mental insurreição
A que, pávido o Seculo hoje assiste.

(O ESCHOLAR POBRE *appresenta-lhe a Flécha de Pythagoras, e desfilam ámbos no espaço.)*

2.º Quadro — OS DOIS LIVROS

Em Lisboa: *Diante da multidão apinhada, está cantando um Segrel.* GIL DE VALADARES *e o* ESCHOLAR POBRE *aproximam-se, escutam:*

SEGREL, *cantando:*

Baralha-se a razom contr'aquesta vontade,
Que me forçou a amar unha clara beldade;
E com certeza,
Ende fica-me mal, pelo que sinto e vejo,
Leixar assi voar, voar o meu desejo
A tanta Alteza.

Solamente compete a Reis e grãos Senhores
A groria e o rijo affan de serem servidores
Da graça d'ella!
Mas, na coita de amor com que passo os meus dias,
Pois que não reconhece Amor as gerarchias,
Suspiro ao vêl-a.

Todo o homem que ama e traz de amor cuidado,
Pelo que soffre fica, ao certo, bem pagado;
E amor merece;
Porque, perante Deus, que lê nos corações,
Nom valem nulha rem nomes ou distinções,
Núa a alma vê-se.

Já que imagem perfeita sois da divindade,
Imitae toste em graça e doorida piadade
Vosso modelo!

Por quanto, em cabo val a Rey e a Duques quem
Busca a divina luz que se reflecte bem
N'um rosto bello!

GIL DE VALADARES:

Gósto d'esta Canção! desenha ao vivo
O meu estado d'alma, e até parece
Composta para me alentar no enlêvo
Da loucura de amar uma Rainha!
Mas, quem será o Trovador que sente
Como eu este impossivel da existencia?

ESCHOLAR POBRE:

O segrel eu conheço: é Sueyr'Eanes,
Que andou por muitas Côrtes das Hespanhas,
Pela Provença e Italia.

SEGREL, *aproximando-se:*

Esta Cantiga
Achou sabor em vós, pelo que observo;
Do Trovador quereis saber o nome?
Compôl-a ha pouco Arnaldo de Merveil
A' Condessa Adelaide, que é casada.
Anda louco por ella! ella é que inspira
Os doces sons, as deliciosas rimas,
N'esta sêde de Amor que agita o mundo
E eguala as almas pelo sentimento.
Em Paris, junto a Branca de Castella,
A rainha viuva, os Trovadores
Em ardentes Canções loucos disputam
Seu coração, embora arrefecido...

ESCHOLAR POBRE:

Já te vi em Paris; és Sueyr'Eanes?

SEGREL:

La fallámos; és Títivetilarius,
No rumor das Escholas conhecido
Mais por Titivetilus, e apupado
Na Montanha Latina entre sarcasmos.

(A multidão exige que o Segrel continue a Canção trobadoresca interrompida; os dois affastam-se.)

GIL:

Quantas vezes eu tenho perguntado
Quem és? Como é teu nome? Illudes sempre
As respostas. És Títivetilarius!
Um nome arrevesado; só por isso
O occultavas, talvez?

ESCHOLAR POBRE:

E' outra a causa.
Dizem: *Credibile, non autem scibile!*
Observando que em ti prevalecia
O espirito da Sciencia em vez da Crença,
Não me exhibi sob o apparente aspecto
Do mysterioso Sêr que eu sou. Escuta:
Se frequentasses em Paris os Cursos
Da Montanha Latina, ou as Escholas
De Padua e de Bolonha, saberias

Qual a minha importancia: Escholar pobre,
Parodío a feição parasitaria
Das Ordens Mendicantes, que hoje exploram
A Pobreza na santa ociosidade!
Dão-me o nome de *Titivetilarius*
Por eu ter encetado uma carreira
De andar pelos Conventos e por Claustros,
Por Collegios, nas Universidades,
Mal proferidas Syllabas colhendo
Das Orações latinas e discursos
De Conegos, de Frades e Doutores,
Lentes de *In sacra Pagina.* Eu mesmo
Transporto os meus alforges carregados
De tantas syllabadas pedantescas
Para a Mansão dos prantos — o Inferno.

Gil, *mirando-o com espanto:*

Comprehendo-te a missão: n'essa bagagem
Bom gaudio levas á perdida gente.

Titivetilus:

Sou o Sarcasmo, a Troça das Escholas,
No fundo — o Pobre Diabo! Tentei sempre
Juntar todas as Syllabas, formando
Com ellas as insólitas Palavras,
A vêr se algum Vocabulo coincide
Com o angelico Verbo proferido
No Trisagio perenne! D'esse modo,
Pelo poder da Fórmula sagrada
Regressaria á gloria que hei perdido.
Bem vês, de *Negação* é o tempo hodierno;
Desempenho a missão de revoltado,
Suggerindo nas almas este impulso.

E' o Bem absoluto um mal patente;
Pode o Mal relativo em bem tornar-se:
A rasão do meu sêr contem-se n'isto.
Tudo no mundo é relativo! Tudo
Se transforma e renova, constituindo
A Evolução instavel, progressiva.
A Verdade absoluta feita Dogma
Immutavel, na mente oppressa péza,
Transvia e atraza a triste Humanidade.
A Justiça absoluta eguala o crime;
Mais que o pessoal Arbitrio é sempre iniqua,
Porque ella abstrae do tempo e do motivo!
Religião e Politica arvoraram-se
N'esses dois Absolutos monstruosos,
Antagonicos, — lucta interminavel
Do Sacerdocio e Imperio!

GIL:

N'esta crise,
Que durará por seculos, ao homem
Quem trará o resgate, a ordem nova?

TITIVETILUS:

A Negação audaz, libertadora,
Heresia e Revolução, que actuam
Na decomposição dos Dois Poderes.
Irmãos do Livre Espirito nós sômos,
O pacto que assignaste a mim me obriga
Do outro poder a revelar-te a origem:
Mais que as Fórmulas santas, portentosas
Que se encerram no Livro de *Ogdoáde*,
E' a Palavra viva inda mais forte:

E' o *Mot d'ordre*, a Senha, o Verbo augusto
Que liga o fraco em decisiva alliança,
E apoio presta ao foragido e extranho!
N'um momento as vontades unifica;
Dá á força da Associação secreta
A omnipotencia que avassalla o mundo!
Uma Palavra o jugo e algêmas quebra
Dos Tyrannos; o condemnado salva.
Por Escholas, por Curias e Castellos,
Entre os *Golphines* da Extremadura,
Entre os *Pobres Conrados* da Allemanha,
E o francez *Pobre Jacques* e *Bagaudes*,
Uma Palavra mysteriosa pode
Abrir todas as portas, á vontade,
Os Thezouros, e até mudar sentenças!
Que Poder sobrenatural na terra
Ao da Associação secreta eguala?
Como os bons Companheiros da Juranda
Formando a Irmandade do Trabalho,
Das Nações alargando-se as fronteiras,
Hoje novos Obreiros constituiram
A Liga activa da Humanidade
Na construcção da Jerusalem nova;
Não com pedras, com almas edificam;
E' o cimento o affecto, em que se funda
Este Templo da Providencia humana,
Que do Oriente ao Occidente fulge!

GIL:

E' tempo de mostrar-me quanto podes.
Hoje a Thomaz Scotto fallar quero;
Quero que me revele o conteúdo
Do horrendo *Livro dos* TRES IMPOSTORES.

TITIVETILUS:

A' cadêa do tronco da Cidade
Acompanha-me; em lôbrega masmorra
Entraremos seguros. Necessito
De ir levar ao Doutor a liberdade.
Fallarás á vontade lá com o sabio;
Depois, iremos todos a Toledo,
A Toledo, á cidade dos Thezouros,
Da Hermetica Philosophia centro.

(Caminham ambos, e ao chegarem ás grades da Cadêa do Tronco, TITIVETILUS *profere a Palavra da senha associativa; todas as portas se lhes abrem.)*

THOMAZ SCOTTO, *erguendo a fronte abatida:*

Estava já cansado de esperar-te
Na abjecta e infecta aposentadoria!
Longo silencio e as trévas me forçavam
A mil cogitações que me fatigam.
Quero ár, quero luz! quero-me longe
Do monastico fanatismo bronco.

TITIVETILUS:

Nunca abandono quem em mim confia.
Vim eu acaso tarde? Desejaste
Vêr Portugal, porque dizer ouvias
Que se morre de amor cá n'esta terra.
A historia do Trovador fidalgo
Que morreu em Galliza por amores

Da Infanta portugueza, impressionou-te.
Comprazendo outra vez ao teu empenho,
Trago-te aqui mais um apaixonado,
O donzel Gil Roiz de Valadares,
Filho do Alcaide-mór de Coimbra; elle anda
Derretido de amor não por Princeza,
Mas por uma Rainha divorciada...
Como usam Trovadores d'este tempo.
O Amor realisa a Egualdade humana.

(THOMAZ SCOTTO *abraça o nobre Escholar.*)

GIL DE VALADARES:

Mestre! Eu pelas doutrinas de Plotino,
Em que medito ha muito, estou na posse
Da comprehensão do Extasi, esse estado
Da psychica intuição do universo!
O Extasi é o *Amor*, que identifica
O Subjectivo com a Realidade;
Que objectiva o Ideal dando-lhe fórma.
Eis por que o Amor me absorve, enleia e exalta.

THOMAZ SCOTTO:

Sobre as doutrinas de Plotino pensas,
De Plotino, que instituiu a Eschola
De Alexandria! Agora me parece
Conhecermo'-nos já de longos annos!
Das especulações no alto enlêvo,
Que transcendem do vulgo a intelligencia,
Respiro na atmosphera de Plotino,
O portentoso espirito, que soube
Pela penetração sobre-humana

De Philosopho e Poeta, unir na mente
Platão e Aristoteles de accôrdo!
N'um mesmo e unico Espirito elle funde
A Sciencia hierática do Egypto
E as Tradições brahmânicas da India,
Dos Mobedes da Persia sapientes.
Plotino é élo intimo que liga
O polytheico Olympo, que se extingue,
Com o Christianismo, que elabora,
No tropel de syncreticas doutrinas,
A Tradição dos Povos, que aspiravam
A' Egualdade e á concordia humana.
N'esta grandiosa Crise das Consciencias,
O Espirito a orientação procura
Da Tradição e da Philosophia,
Alliando-se o Passado e o Futuro.
Phase poetica, organica, fecunda!
Nova Ordem social se esboça em nome
Da Entidade ficticia, que designa
Esta corrente do Christianismo!
Para vantagem de uma egoista classe
As doutrinas em Dogmas se definem,
Constituindo a Egreja! Fria, explora
A Confraternidade, convertendo-a
Na egualdade do soffrimento humano,
Que submette á resignação passiva,
Ao tedio da existencia. Em longo eclipse
Cáe a rasão, e a sociedade immerge
Entre as sombras da mystica apathia.
E' força resurgir do fundo abysmo!
Sobre as Leis das instituições antigas,
Sobre as Crenças de Religiões austeras,
Sobre as Doutrinas das Academias,
Sobre a tradicional Auctoridade,
Passou-se *um traço em cruz* de Christo em nome.

Eis o facto estupendo! Esta anarchia
A *Loucura da Cruz* se denomina
Na bocca do Apostolo, annullando
As enredadas pêas de Hierophantes,
Dos Sophistas inânes raciocinios.
N'esta libertação, Novo Mandato,
Veiu metter entre os Irmãos a Espada
Em vez da Paz! Chegado é o tempo agora
De edificar as almas na concordia,
No ardor do Santo Espirito reunidas!
O *traço em cruz* foi materialisado
No cêpo de supplicio e de ignominia
Pela Egreja, que fez Symbolo horrendo
Da Religião em sanguinosas guerras,
Nas fogueiras da Inquisição, levando
Ao Oriente o lugubre estandarte
Nas Cruzadas phantasticas, estultas!
No resignado desalento, a Egreja
Amolda os povos á passiva sorte,
Dos chefes temporaes sob o governo;
O *Santo Espirito* hoje insufla esta ancia
De Paz e de Verdade! insurge as almas
Para a dissolução dos Dois Poderes!
Do medieval collapso a Humanidade
Pela revolta social resurge;
Pela audacia mental tudo examina,
E pela Negação serena, franca,
A Consciencia moderna se emancipa.
Dois Livros guardam os fecundos germens
D'esta renovação da nova edade.

GIL:

Dois Livros? Mas não é por um sómente
Que jazeis aqui prezo?

TITIVETILUS:

Conversámos,
Pouco ha, no *Livro dos* TRES IMPOSTORES;
Agucei-lhe a febril curiosidade.

GIL:

D'esse quizera eu ter conhecimento.

THOMAZ SCOTTO:

Prégadores catholicos alludem,
De longe, com horror a esse Livro!
Quem pretende tornar alguem odioso,
Divulga com ardil, que a occultas lêra
O hediondo *Livro dos* TRES IMPOSTORES.
Muitos affirmam, que ventila a these
Tres fuisse in mundo deceptores.
Rarissimos leitores tel-o-hão visto.
Em verdade, pode existir um Livro
Sem mesmo estar escripto...

GIL, *sorrindo:*

Paradoxo.

THOMAZ SCOTTO:

Não o é! Na tradição oral subsistem
Vastos Poemas cyclicos, Hymnarios,
Apophtégmas moraes, Canções e Contos:
São a Biblia dos Povos, não escripta,

Archivada na retentiva ingenua.
A não ser no dominio da Arte, a fórma
E' accidente ephemero...

GIL:

Comprehendo.
Ha um Saber, que se conserva e passa
Na transmissão oral, é a *Auscultatio*,
A Kabala, que inda os Judeus cultivam.

THOMAZ SCOTTO:

O Saber, quando expresso na Palavra,
Melhor se imprime n'alma, com verdade.
Não escreveram grandes pensadores;
Socrates e Jesus fizeram Livros,
Por ventura? Quem agitou mais almas?
Posso, quando quizeres, revelar-te
Súmmula clara dos TRES IMPOSTORES.

GIL:

Esse o maior empenho, que me incita
Vivo interesse, a curiosidade.

THOMAZ SCOTTO, *passea no carcere, discursando:*

Trez homens doestavam-se raivosos;
Accaloradamente deblateram,
Sem conseguir na colera entenderem-se,

De oppôrem argumentos a argumentos
Já cansados, mas enredados sempre
Em hypotheses e affirmações gratuitas,
Em capciosos sophismas, resolveram:

— Consulte-se um Philosopho, que sabe
Bem deduzir pela abstracção a norma
Geral, a Lei implicita na immensa
Complexidade primordial das cousas. —

O Philosopho accólhe-os sereno,
Aguardando a consulta:

— Só tu sabes
Da unidade immanente que subsiste
Entre o que é *objectivo* e *subjectivo*,
Evidenciar a pratica Verdade.
Para ti appellamos; tens recursos
Para nos conciliar em mutuo accôrdo.

«Fallae, pois; ouvirei, serei sincero.

— Sigo a *Lei de Moysés;* (disse o primeiro)
Essa o tronco sagrado, d'onde brotam
Religiões novas universalistas:
Christianismo e Islamismo monotheicos,
Ramos florentes da vetusta seiva.
Os dois Credos se dão por verdadeiros,
Toda a verdade lhes provêm da origem. —

Falla o segundo:
— Eu sigo a *Lei de Christo*,
Que sellou a Verdade com seu sangue.
Tal não fizeram os Instituidores,
Que outros cultos e Credos proclamaram. —

Por sua vez disse o terceiro:
— Eu sigo
A *Lei de Mahomet*, que as tribus liga,
Quando errantes pelo deserto andavam;
A' civilisação as trouxe, e torna-as
Entre os povos actuaes iniciadoras. —

E todos trez ao mesmo tempo inquirem:
— Qual das Trez Religiões mais verdadeira
Seria? Respondei com lealdade! —

«São os trez Credos outras tantas burlas!
Trez Falsarios fizeram que no mundo
A humana rasão se desviasse
Dos dados objectivos, em que assenta
Todo o Conhecimento, e a confundiram
Nas miragens do Mytho e do mysterio.»

O grupo dissidente se despede
Commentando a resposta. No caminho
Os Crentes de Moysés e de Mafoma
Com valentia foram espancados
Pelo que do Perdão a Lei professa,
Que tornou ao Philosopho, com sanha:

— Declara com franqueza, que Verdade,
(Pela qual como Christo dou meu sangue),
Ha na Fé que sustento.

«Se me entendes,
Tu tens a Fé explicita, que basta
Para obter as absolvições da Egreja.
Ouve um caso, que corre por novella:
Na varanda do Vaticano o Papa
A multidão immensa contemplava,
Que viera a Roma ao Jubileu, e espera,
Cabeça descoberta ao sol ardente,
A benção receber. Acolytado
Por Cardeal-sobrinho, o Papa exclama:
Minor Dei sou eu, mas *Major hominum!*
E ao erguer o braço, abendiçoando,
A multidão ajoelha reverente,
Levando a fronte á terra. Então o Papa
Disse para o sobrinho, que segura
A dalmática de ouro recamada:

— De que é que viverá toda esta gente? —
«Vivem de se enganarem uns aos outros.»

De intuição moral em um relance
Espontaneo, invencivel, torna o Papa:
— Tambem nós, da grandeza no fastigio,
Com nossas Bullas, Dogmas e Mysterios,
Vivemos de enganar a elles todos. —

Eis dos TRES IMPOSTORES o conteúdo.»

GIL:

A synthese do Livro é, que o bom senso
Com seu clarão penetra a propria Egreja.

THOMAZ SCOTTO:

Faltando á Egreja a unanimidade
Dos crédulos, impõe a Fé com sangue;
O mesmo: *Crê, ou morre!* do Islamismo.
Para accudir á dissolvente crise,
Erguem-se as Ordens novas, Franciscanos
E os *Domini-Canes* Prégadores.
Que mortandade essa do sul da França
Por mandado do Papa, porque os povos
Criam mais no *Amor* do que no *Verbo!*
Não é sómente a Egreja, que hoje soffre
A dissolução intima: — a Realeza
Na propria Auctoridade anda abalada:
E' o inicio de uma Era nova!
O Livre Pensamento busca apoio
Na realidade; e emtanto a alma humana
Divorciada se vê da Natureza;
Quando com ella um dia se congrasse,
Achará a verêda franca, infinda.
Hoje vae por atalhos tortuosos,
Na missão critica e demolidora;
Os aríetes são esses *Dois Livros*...

GIL:

Como eu anciava que me desvendasses
O Poder novo que se esboça agora!
O que são os *Dois Livros*, de que fallas?

TITIVETILUS, *sarcastico:*

São duas invenciveis catapultas,
Que demolem as Fortalezas ambas
Do Feudalismo e da Theocracia.

THOMAZ SCOTTO:

O que são os *Dois Livros?* Um é o *Organum*,
Do grande Stagirita, em que se adestra
Do Raciocinio a acuidade e a força.
E' o outro esse Livro das *Pandectas;*
Do Direito romano eis o resumo,
Que da Justiça a eterna norma encerra.
Na Logica deu á Rasão humana
Aristoteles a arte que destrinça
A rêde dos mysterios, e illumina
Os absurdos dos Dogmas e das Crenças.

TITIVETILUS:

Eu afio essa arma nas Escholas,
E' o audaz Syllogismo, que disseca
Até o proprio Deus! e meto á bulha,
Da subtil Dialectica nas pugnas,
Os Realistas com Nominalistas,
Assegurando ao mundo a liberdade
Do Pensamento altivo, e da Consciencia.

THOMAZ SCOTTO, *continuando:*

E por esse outro Livro das *Pandectas*,
Em Amalfi ha pouco descoberto,
Chega-se á noção pura da Justiça

Pairando sobre o individual Arbitrio.
Poder, Auctoridade, são mandato
Transitorio, condicional, confiado,
Mas sempre revocavel. Esta a origem
Dos Poderes da terra, torpe abuso,
Dando-se por delegação divina!

TITIVETILUS:

A *Heresia*, que dissolve os Dogmas,
E a *Revolução*, que a Auctoridade
Apeia e arrasta, têm alto objectivo:
Abrem de um mundo novo os alicerces.

GIL DE VALADARES:

Quantas vezes volvi esses *Dois Livros*,
Sem penetrar o assombroso alcance!
O Amor, o Amor, que emparadisa a mente,
Dá-me um novo clarão ao pensamento:
E' o Amor do Saber — Philosophia.
Aonde irei saciar a ardente sêde
Que me abrasa?...

TITIVETILUS:

Marchemos a Toledo...
Vamos vêr a Cidade dos Concilios.

THOMAZ SCOTTO:

Tens Bolonha e Paris; em uma encontras
A cultura da Sciencia do Direito;
Junto a Leonardo Milanez estudas,

Pelo gráo doutoral em breve chegas
A Chanceller de um Rei. Em Paris brilham
A Medicina e a Theologia;
Doutor *in sacra Pagina*, a ventura
Guindar-te póde ao sólio pontificio!
Mas é tudo isto pura vacuidade.
A verdadeira Sciencia é immanente
Na Natureza! importa conhecel-a,
Investigando as Leis em vez das Causas.
E essas Leis fataes, inquebrantaveis,
São forças de que o homem se apodéra,
Submettidas ao imperio da vontade.

TITIVETILUS:

Rogerio Bacon segue n'esse rumo;
Por isso prezo jaz no estreito in pace
Do sombrio mosteiro franciscano.
A Sciencia experimental perturba
A quem vive em regimen de milagres.

THOMAZ SCOTTO:

A Sciencia a que aspiras, está longe
De systematisar-se; ella depende
Do Amor da Natureza, por ascetas
Anathematisada, como embuste
E antithese do Espirito sinistro.

GIL:

Mas, d'onde vem esta luz viva, intensa
Que a intelligencia acorda, e nos desvenda
Vastissimo horisonte?

THOMAZ SCOTTO:

O genio hellenico
Renasce das ruinas do passado;
Pelo universalismo nos revela
O sentimento da Humanidade!
SOCRATES! ensinaste-nos outr'ora
A ter consciencia de nós mesmos, quando
Proferiste: = Conhece-te a ti proprio! =
PLATÃO! tu revelaste-nos a Ideia
Que recompõe na mente o Universo,
E a *Doutrina do Amor*, que desde a Gnose
Ao *Evangelho eterno*, inflamma as almas,
Inspira os Trovadores, dando heroismo
Aos Cavalleiros, e o ideal á Arte!
ARISTOTELES! sol, que desvendaste
A immutabilidade da materia,
Nas contingentes relações das cousas.
Na Renascença bella a que assistimos,
Por esse Amor descobre-se um Sêr novo,
A Humanidade! incognita até hoje
Entre os nimbos dos religiosos Mythos,
Providencia effectiva, é quem eleva
Os Pensamentos, sentimentos, actos,
Na fundação da Paz e da Verdade.

GIL:

A Virgem-Mãe, que hoje se exalta e adora,
Da Humanidade é o Symbolo eloquente.
O Extasis guiou-me á intelligencia
Do santo Amor! meu coração palpita,
N'essa emoção que um seculo inicia.

TITIVETILUS:

Não te afundes na subjectividade;
Dentro em pouco és um Mystico passivo
Em esteril contemplação! Cautella!

(Mostra-lhe a Esphera de Petosiris, onde apparece a figura de HERESTA.*)*

GIL:

Paris! Paris! o fóco da Sciencia,
A Montanha Latina me reclama!
Mas quero, antes, beijar a mão mimosa
De Thereza, a Rainha divorciada.

TITIVETILUS:

Em Toledo, em Toledo se conservam
As Tradições do Egypto e da Chaldêa,
Que Arabes e Judeus ahi cultivam.
Lá a *Mesa de Salomão* se guarda,
Cujas abas e pés são guarnecidos
Por esmeraldas grandes, tantas, tantas,
Quantos os dias que se contam no anno!
Ahi, na Cova de Hercules é lido
E explicado o *Poemander*, que os segredos
Da Terra e Céo contém. Lê-se de Artephius
Toda a *Clavis majoris Sapientiae;*
De Geber, Averróes e Avicena
Toletanus Philosophus resume
As doutrinas mais puras, distinguindo
As chimeras dos Gnosticos da obra
Metallurgica e pratica de Ourives,

Pharmaceuticos, Medicos, e aquelles
Que a unidade buscam da Materia!
Se ambicionaes de subito um Thezouro,
Junto a Toledo em Guarrazar se occulta
Um em profunda cova, antes capella;
Lá dentro e a monte estão aureas Corôas
Régias, votivas, todas engastadas
De incomparaveis pedrarias! Cruzes,
Lampadarios, anneis, dixes, collares,
Cintos...

THOMAZ SCOTTO:

Partamos já para Toledo.

GIL:

Quero ir beijar aquella mão mimosa...

TITIVETILUS:

Exerce o mesmo mysterioso influxo
Na alma humana o Amor e o Thezouro!
Présto, para a Cidade dos Concilios.

(Vem alvorecendo; sdem os tres do carcere, seguindo em viagem.)

PARTE II

—

A SCIENCIA

JORNADA TERCEIRA

AS COVAS DE TOLEDO

No Castello de Coimbra, ao fim da tarde D. Tareja Gil, mãe do nobre Escholar ausente e incerta do destino d'elle, conversa com D. Joanna Dias, sua sobrinha.

D. TAREJA GIL, *lacrimosa:*

Mata-me esta afflicção! Não sei por onde
Vaga meu filho, nem que sorte o arrasta.

D. JOANNA DIAS:

Talvez que elle partisse para a guerra,
Para Alcacer do Sal, que está sitiada
Por Cruzados Teutonicos. Quem sabe?
Não quiz dar-me o adeus da despedida.

(Interrompe-se para escutar a toada da Canção de um JOGRAL *gallego, que parou ao sopé do miradoiro.)*

JOGRAL GALLEGO:

Para a guerra parte o môço,
A' guerra do Mar-além;
Choram-no com alvorôço
A noiva, a irmã e a mãe.

Todo um anno a noiva o chora,
Dois annos a irmã tambem;
Do filho a ausencia deplora
Sempre e sempre a pobre mãe.

D. TAREJA GIL:

Para a guerra não foi, não foi meu filho!
Eu o presinto e adivinho quasi;
A Sciencia o absorve, a Sciencia busca...

D. JOANNA DIAS, *a medo:*

A Sciencia, dizem, é um abysmo d'almas.
Seguiu para Paris, para as Escholas
Onde a *Magia negra* se professa
Em uns antros sem luz! em subterraneo
Pelas letras de fogo allumiado
Que nos livros sinistramente fulgem!
Lá, Satanaz secreto e invisivel
A insurreição mental nas lições préga.

JOGRAL, *continuando a Canção:*

Lá na guerra o moço cáe,
Novas bem tristes que vêm!
Como morrera seu pae,
Dos bravos a morte tem.

Passa um anno — a noiva accalma,
Dois annos á irmã... pois bem,
Toda a angustia immensa d'alma
Acompanha sempre a mãe.

D. Tareja Gil, *anciada:*

Peór que morto, se elle está perdido!

D. Joanna Dias, *consolando-a:*

Gil não se perderá! Ante vós juro,
Que farei penitencia a vida inteira
Para livral-o da *Magia negra.*

D. Tareja Gil:

Eu só tenho estas lagrimas que chóro,
Que fazem mais pezado o lucto em que ando.

Jogral, *terminando a Canção:*

Traja lucto a noiva linda,
Lucto egual á irmã convem;
Mas de uma amargura infinda
E' que se enlutara a mãe.

Trouxe lucto a noiva um anno,
Dois annos a irmã; porém
Lucto desolado, insano,
Toda a vida o trouxe a mãe.

(As duas damas atiram alguns alfonsins ao Jogral, *que parte preludiando na çanfonha, e recolhem-se contristadas.)*

1.° Quadro — O THEZOURO DE GUARRAZAR

Em quanto descansam em uma encrusilhada, GIL DE VALADARES, THOMAZ SCOTTO e o ESCHOLAR POBRE palestram intimamente.

THOMAZ SCOTTO:

Quero ir fazer visita respeitosa
Aos hespanhoes Doutores consumados,
Que nas Escholas de Paris têm sempre
Ostentado audaciosos pensamentos!
A' phantasia poetica obedecem,
Com o entono da sua raça unindo
N'um todo a Metaphysica e a Rhetorica.
Nas Entidades nominaes confiam,
Fazem Paralogismos deslumbrantes,
Como moinhos de vento rodopiando.
Elles impellem á *Heterodoxia;*
N'esta assombrosa Renascença, os diques
A's doutrinas da *Anarchia* rompem.
Estes Doutores são a minha gente!
Quero ir conversar com Alvar Páez,
Para ouvir-lhe alguns trechos do seu livro
De Planctu Ecclaesiae, onde inseriu passagens
De Cardeaes, que por dinheiro elegem
Simoniacos Papas, que se arrogam
Jurisdicção de Deus, os Reis depondo.

TITIVETILUS, *para* GIL:

Li em tua alma um pensamento occulto:
— Depôr um Rei! — orgulho sobrehumano...

GIL, *desdenhoso:*

Só ascendendo-se ao Pontificado.

TITIVETILUS:

As ambições assaltam a alma! Embora;
O unico portuguez certo não eras
Coroado pela thiara! Nem sómente
O Papa depõe Reis: Tambem o Povo,
A Nação toda, se o quizer, avoca
Na hora da Revolução tremenda
Soberania outr'ora delegada.

THOMAZ SCOTTO:

Já que em *Revolução* fallaste, agora
Que as Instituições vae atacando,
Eu com Pedro de Luna quero rir-me,
Esse Anti-Papa Benedicto Treze,
Que authentíca ante o mundo a dissidencia
Que o Poder espiritual dissolve.
E João de Monzon, o celebrado
Doutor parisiense, o adversario
D'esse Dogma da Conceição da Virgem?
Nem me esquece o Geral dos Carmelitas
Guido de Perpignan, Dinis de Murcia,
Com o insigne Arnaldo Villa-Nova.

TITIVETILUS, *envaidecido:*

Todas essas primaciaes figuras,
Embora frades, bem me comprehendes,
Pelas Escholas de Paris passaram.

D'essa fornalha ardente é que trouxeram
Todo o fermento revolucionario
Da Negação!

GIL:

Por isso diz o Poeta
Jacopone, da ordem minorita,
A insurreição mental amaldiçoando
Que em Paris nas Escholas se respira;

Mal vedemo Parisi
Che n'ha distrutto Assisi,
Colla sua lettoria
L'ha messo in mala via.

Como esse ambiente de Paris me encanta!

THOMAZ SCOTTO:

Para a Universidade de Bolonha
Se tu fôras, serias embalado
Da *Monarchia universal* no sonho.
Em Paris, és inebriado logo
Pelos vapores da *Theocracia:*
Sacerdotium regale est! canta
Innocencio Terceiro, parodiando
A ideia de San Paulo — *Omnia Potestas*
A Deo. — Tens duas vias á escôlha.

TITIVETILUS, *estacando:*

Vêde além a Cidade dos Concilios!
Estamos quasi ás portas de Toledo.
Que palacios! Basilicas sumptuosas,

Monumentos esplendidos, dão-lhe a alma
Das Tradições longévas e da Historia.
Eis dos *Banhos da Cava* a inclita Torre,
Junto á ponte de San Martin se eleva:
Alli a voz do povo conta a lenda
Do encontro do Rei godo Dom Rodrigo
Com a gentil Florinda.

THOMAZ SCOTTO:

A lenda é falsa!
Só reinou Dom Rodrigo quatro mezes,
Na rêde odiosa de traições escuras.
Vê se alcanças o sitio do Thezouro.

TITIVETILUS:

O Val de Guarrazar, longe descubro;
E' lá, é lá, que o grão Thezouro existe.
Livres estamos de algum máo encontro
Dos foragidos bandos dos Golfines,
Que a Mancha e Estremadura assolam, pilham
Ao mando de Carchena, o atroz bandido.

GIL:

Vem de Toledo pela estrada adiante
Rôto Jogral tocando uma çanfonha;
Que novas contará?

TITIVETILUS:

Uma sirvente
Que anda na moda agora, motejando
O Rei de Portugal, Segundo Affonso.

(Fazem parar o JOGRAL, *e ordenam-lhe que cante a sirvente.)*

JOGRAL LEONEZ:

Em o mez de Maio
Levanto-me e cáio.

Esse, que não cumpre
Patrio testamento,
Proprio juramento
Réfece quebranta;
Já se não levanta,
Nem enverga o saio
Da algarada em Maio.

Esse, que expolia
As Irmãs com ira,
Seus Castellos tira,
O ouro lhe faz conta;
E então não monta
O cavallo baio
Da algarada em Maio.

Esse, que se escapa
De ir contra a Mourisma;
Que affronta um scisma
Sem temor do Papa,
Sob a negra capa
Dos ladrões deixae-o,
Pois não vem ao Maio.

GIL, *com ardor patriotico:*

Se essa Canção de Maldizer soltasses
Em Portugal, por certo bailarias
No ár, com laço em volta do pescoço.

JOGRAL LEONEZ, *safando-se:*

No reino de Leão pagam-me avondo;
Foi por lá que aprendi esta cantiga.

TITIVETILUS, *para os dois companheiros, que se riem vendo o* JOGRAL *fugir:*

Entremos em Toledo! Eil-a, a cidade,
Inspira pela antiguidade assombro;
Mas sem demora a Guadamar sigamos.
D'essa povoação concorre a gente
Do vall' de Guarrazar á fresca fonte!
Perto d'ella o Thesouro ignoto existe.

THOMAZ SCOTTO, *com pressa:*

Um thesouro perdido! á cata vamos.

(Caminham através da cidade, e passam proximo da Capella do Santo Espirito.)

GIL, *estacando de repente:*

Sinto o rumor de vagas harmonias
De religiosa musica! Commovem-me
Os sons, o timbre d'esta voz dolente...
Parece que a conheço; d'onde parte?
D'onde vêm estes cantos?...

TITIVETILUS:

De bem perto;
Da Capella do Santo Espirito. Ouve.

VOZ, *em monodia:*

«Oh alto, omnipotente, bom Senhor!
Os loôres som teus, a gloria, o honor;
Todas as bendições em ti confino,
E nulho ome de nomear-te é dino.

Loado seja Deus e meu Senhor,
Com tudo de quanto elle é Creador!
E ao nosso irmão Sol em especial,
Pois por elle nos dá luz divinal.

Radiante e bello, com grão esplendor
Traz significação de ti, Senhor!
Loado sejas pela Lua e Estrellas
Que nos céos são formadas claras, bellas.»

GIL:

Conheço a voz de Heresta! é o mesmo Cantico
No castello de Monte-mór entoado,
Na Capella da Virgem. N'alma eccôa
A resonancia que a paixão me acorda.

(Escuta suspenso em enlêvo; os dois companheiros sorriem-se.)

VOZ:

«Loado seja Deus e meu Senhor!
Loado seja pelos sêres — a Auga,
Util e humilde, e preciosa e cauta;

Pelo irmão Fogo, que allumia o mundo,
Robusto e forte, bello e jocundo;

Assim tambem pela mãe nossa — a Terra,
A qual a nós sustenta e nos governa,
Que produz fructo vario, a flor, a erva.»

TITIVETILUS, *interrompendo:*

Reconheço este *Cantico*, chamado
Das Creaturas; fel-o San Francisco,
E Antonio o Portuguez, que brilha em Padua,
Pôl-o em verso por syllabas contadas,
Deu-lhe fórma poetica...

GIL, *impaciente:*

Escutemos!

VOZ, *dentro:*

«Loado seja Deus e meu Senhor,
Por quem perdôa pelo seu amor;
Quem supporta tribulações e dor.
Ditosos os que soffrem conformados,
Que por ti, oh Senhor, serão coroados.

Loado seja Deus e meu Senhor,
Tambem por nossa morte corporal;
Nem escapa nenhum vivente ou al!
Ai do que em peccado fôr mortal.
Feliz quem a vontade santa val',
Pois da segunda morte não tem mal.»

CÔRO DE MULHERES:

«Loae e bemdizei a meu Senhor!
Bemdizei o Senhor e o graciade,
E servi-o com maxima humildade.»

GIL:

Ao ouvir estes versos
Na voz da multidão,
Eccoando na amplidão,
Meus sentidos submersos
Prostram-me de emoção.

Mas a voz pura e bella,
E a Canção entoada
Extactica por ella,
Lembram-me a Pastorella
De uma alma enamorada.

Na voz da multidão,
Não ha revelação,
Que não saiba exprimil-a
O cantar da Sibylla
De ideal modulação.

Em sua voz taes versos
Parecem-me perfumes
Pelas auras dispersos
De frondente magnolia:
Doloridos queixumes
De animada harpa eólia.

(Saindo do seu extasis, GIL DE VALADARES *diz para os companheiros, ao entrar para a Capella do Santo Espirito) :*

Para Guadamar ide; vale a pena
Descobrir esse incognito Thesouro
No Vall' de Guarrazar; por mim prefiro
Vêr a que acorda o Extasi em minha alma
Sem lhe fallar de Amor . . .

THOMAZ SCOTTO, *vendo-o entrar para a Capella:*

E' moço, e o sangue
Referve-lhe nas vêas, não admira.
A feminina seducção irisa
O sentimento e o pensamento, unindo-os
No mesmo ideal. Se a Trovador aspira,
Qual Sordelo de Mantua, premiado
Dar-lhe-iam joias, cintos e alfaias,
Por desvairadas côrtes e solares.
Amando uma mulher, idealisando-a,
Quanto mais alto, e mais inaccessivel
Ao seu desejo fôr, tanto mais bellas
Suas Canções serão.

TITIVETILUS:

Deram em santas
As mulheres agora: olha Machtilde,
Catherina de Sena, mais Gertrudes,
Margarida de Dúyn; são beguinas
Quantas estão ahi dentro na Capella
Flagellando alvas carnes delicadas.
Pois que Gil corre atraz de um louco sonho,
Ao Thesouro de Guarrazar sigâmos.

(O Doutor e o Escholar pobre proseguem na jornada, dirigindo-se para a Fonte do Valle de Guarrazar.)

Na Capella do Santo Espirito estão a Rainha D. THEREZA e a Infanta D. SANCHA rodeadas de Fratricellas semi-núas que se flagellam.

GIL DE VALADARES, *reconhecendo Heresta:*

Tem no rosto a piedade da Madona,
Tem nos olhos um céo de azul saphira;
Tem na alma o ardor que não nos abandona
Na vida e morte, se ao ideal se aspira.

Tem de um Anjo, no mundo errante, o aspecto,
Quando canta uma etherea luz scintilla;
Tem na falla um oráculo secreto,
O mundo é antro escuro, ella a Sibylla.

Deixa que aspire em intimo delirio
Essa fragrancia de suave calma;
Só para ti — disse ella ao dar-me, lirio,
A Poesia, a flor virgem da sua alma.

(HERESTA *reconhece* GIL DE VALADARES; *a* INFANTA D. SANCHA *approxima-se.)*

D. SANCHA:

Vindes de Portugal, da amada terra?
Já de Alcacer do Sal findado é o cêrco?
Dizei, do meu Mosteiro de Coimbra
Como as obras proseguem?

HERESTA:

Sê bem vindo.
Uma visão tive eu: em noite escura,
No ermo onde o Mosteiro se edifica,
Perigo horrivel te illaqueou! Debalde
Quiz accudir-te... Semimorta acordo;
A incerteza pungitiva dura.
Ah, dize-me, ainda guardas o Espinho
Da Corôa do Redemptor?

GIL:

Reliquia
Que me acompanha sempre...

HERESTA:

Deixa vêl-a,
Beijal-a, e recordar seu pungimento;
D'essa divina Dôr sentir o goso.

(Fere-se no seio com o Espinho; depois de um leve deliquio):

Não é esta a reliquia sacrosanta
Que nos dá a consciencia do Martyrio;
E' o Espinho da carne! Ao fogo o arroja,
Pois que desejo accende, infrene e louco.

(Entrega-lhe o Espinho.)

Renuncia ao prazer, á paixão viva
Que te arrasta. O amor amor inspira.
Toma este Livro! lê-o; verás n'elle
Que ha outro Amor vivificante e puro.
De Boecio, martyr christão, é o livro
Que *Da Consolação* intitulara.
Na gram benedictina Bibliotheca
De Fleury foi o Codice copiado.
Só tu comprehendes a intenção do poema.

*(*GIL *toma da mão de* HERESTA *o* Livro da Consolação *illuminado de miniaturas de côres vivissimas e letras historiadas. Abre com interesse, e encontra uma folha solta, escripta pela mão da Rainha divorciada.)*

GIL, *lendo:*

«CINGE-ME A FRONTE O PALIDO DIADEMA
DA PAZ DA SEPULTURA E DO PERDÃO;
INVULNERAVEL JAZ MEU CORAÇÃO,
BEMDITA SEJAS TU, OH DOR SUPREMA!»

(HERESTA *pende desfalecida sobre o hombro da Infanta sua irmã;* GIL *ampara-a, voltando logo a si. Elle continúa devaneando):*

Bemdita sejas tu, oh Dor suprema!
Porque de perto me fizeste vêl-a,
Com todo o amor no spásimo sustêl-a,
Astro cadente, em seu delirio bella.

Bemdita sejas tu, oh Dor suprema!
Quando, prostrada a impulsos da agonia,
Alma de Amor sedenta, revivia
Alvo lirio, ao bafêjo da Poesia.

Ninguem comprehende este fatal dilemma:
O Soffrimento nasce com o Amor.
Ah, se a paixão é uma intensa dor,
Bem vinda sejas tu, oh Dor suprema!

(As Fratricellas rodêam a Rainha divorciada, e começam as resas soturnas.)

GIL, *no seu devaneio:*

Vi-te, pendida flor, no ésto da morte,
Submersa em incomportavel agonia!
Disse commigo: o orvalho da Poesia
Talvez tanta amargura ainda conforte.

São o Bello, o Ideal o unico escudo
Que a alma alevanta para o immenso Amor,
Amor que alenta e vivifica tudo,
Illusões, crenças, mocidade, ardor.

Em teu delirio espedaçaste a algema
De incomprehendida, de febril paixão;
Sanctificada em ingenua confissão,
Bemdita sejas tu, oh Dor suprema!

(No meio das resas as Fratricellas começam a pratica da flagellação. GIL *sae da Capella do Santo Espirito contristado.)*

Á porta da Capella, TITIVETILUS e THOMAZ SCOTTO, de regresso do Valle de Guarrazar.

TITIVETILUS:

A duas leguas de Toledo achámos
O Vall' de Guarrazar; lá estava a fonte,
Limpido manancial de fresca limpha.
Junto á fonte, de remotissima éra,
Ergue-se um templo consagrado á Virgem;
Está em ruinas hoje o sanctuario
Da Virgem de Subarce. Em escura crypta,
Sobre o solo encontrámos sepulturas
Feitas de lousa, e ahi, segundo o rito
Da primitiva Egreja, estão ossadas
Com inscripções romanas...

GIL, *impaciente:*

E o Thesouro?

TITIVETILUS:

N'essa crypta viveu um velho antiste
Ao furor da Mourisma alli occulto,
Do Thesouro dos Reis suévos guarda.
Dois cofres de argamassa dentro encerram
O immenso Thesouro.

THOMAZ SCOTTO:

Vi-o; pasmo!
As votivas Corôas deslumbrantes
São quatorze! Magnificas; formadas
De amplos áros só de ouro, em que se engastam

Os rubis, as saphiras e esmeraldas,
Com profusão que estontêa a vista!
Uma d'essas Corôas tem inscripto
O nome de Receswinto; é a mais bella,
Do rei suévo dadiva por certo.
Uma fileira triplice de pedras
Orientaes, de inestimavel preço,
A rodêam, e as perolas em cachos.
Quatro correntes aureas a suspendem,
De cinco anneis cad'uma, e filigrana
De ouro tudo, com flores quintifólias;
Terminando em esphera crystallina
Preza a um gancho tambem de ouro fulgente.

TITIVETILUS:

E a corôa do rei Swinthila? Uma outra
Tem o nome votivo de Sonnica:
E' por dois semicirculos formada;
Cincoenta e quatro pedras preciosas
Em tres fileiras circumdando-a toda...

THOMAZ SCOTTO:

E essa grande Cruz de ouro cravejada
De innumeraveis perolas, saphiras
De insólito tamanho! Pombas de ouro
Para guardar as ostias; Lampadarios,
Calyces e patenas! Encantou-me
O Annel, que ostenta a Virgem insculpida
Sobre enorme esmeralda, com o Archanjo
Que a Annunciação com arte representa!

GIL:

Deve esse Annel ser talisman potente.
Quem o possuira!

TITIVETILUS:

E' d'isso que se trata.
Pensemos na partilha do Thesouro.

(De dentro da Capella do Santo Espirito sdem gritos lancinantes; GIL *conhece a voz de* HERESTA, *separa-se dos companheiros, e entra para o Sanctuario.)*

As Fratricellas seguram D. THEREZA, a Rainha divorciada, em um ataque de delirio attonito.

INFANTA D. SANCHA, *para* GIL:

Começaram-lhe ha pouco estes accessos,
Em que perde a rasão. Mais demorados
Se vão tornando, e mesmo mais frequentes:
Receio que enlouqueça! Soffre tanto.

GIL, *beijando a mão de* HERESTA:

Com seus olhos azues, mas rasos de agua,
Ella fitou-me, e já me não conhece...

(As Fratricellas levam-a para o Paço da Galiana.)

Gil de Valadares divaga perdido pelas ruas de Toledo, parando casualmente junto das Covas de Hercules.

Gil, *devaneando:*

Triste, pensosa, abatida,
Aquella imagem querida,
Na Capella muda e fria
Radiante apparecia,
Offegante de cansasso,
A custo movendo o passo,
Como se fosse insegura
Caminho da sepultura.
Palidas faces magoadas
Denunciavam alvoradas
Já da bemaventurança!
Lenta para mim avança,
Em mim repousando a vista...
Mortalmente me contrista
O aspecto do soffrimento,
Pelo estranho esquecimento
Em que a alma está sepulta
Na angustia que em si occulta!

Seus olhos azues, mais claros,
Do que dois celestes pharos
Alumiando o espaço aberto,
Agora vistos de perto
Gelido nimbo os embaça;
E a doce expressão de graça
Da ideal formosura,
Confrange-se na amargura
Que a religião não consola;
As tranças lhe desenrola

Do cabello de ouro em fio,
No descoberto hombro frio,
Pela convulsão que a agita!
Era a belleza infinita
Na palpitante esculptura
De uma attonita loucura!
Transparece-lhe no rosto
O insondavel desgosto
Que a lançou em tal estado;
No ár suave, consternado,
De melancholia tanta,
Era a visão de uma Santa
Que do seu altar descera.

Fazer-me lembrar quizera,
A fé plena que em mim tinha,
Mas subito sobrevinha
Depois do mudo martyrio
Um attonito delirio,
Em que dilecera o manto,
Os olhos rasos de pranto,
Na voz queixas doloridas
Em soluços confundidas,
N'aquelle convulso anceio
Ferindo o alvissimo seio,
Olhando no vago, adiante...

Sahi então n'esse instante
Da presença da Sibylla,
Que o soffrimento aniquilla
E dá-lhe da vida o tedio!
Hade a Sciencia ter remedio
Para o espirito em ruina,
Quando a dor o hallucina?

Pela intuição o adivinho;
Vou fiado n'este caminho,
Talvez com serenidade
Cobre a consciencia e vontade?

TITIVETILUS, *apparecendo subito:*

Aos ais de tanta piedade,
Os eccos respondem — *Hade.*

Não tens de que estar triste e irresoluto.
N'esse *Livro da Consolação* podes
Conhecer teu destino: abre ao acaso,
Um verso apenas o provir desvenda.

GIL, *abre o Livro de* BOECIO, *e lê:*

«*De Sapienza l'appellavan Doctor.*»

TITIVETILUS:

Bem vês, serás Doctor em Medicina.
N'estes mysterios da alma humana, a Sciencia
E' que alguma luz lança, o mais são phrases.
Podes salvar Heresta! áquella mente
Annuviada dar-lhe claridade,
Restituindo a rasão. O amor é isto.
Paris! Chama-te o ruido das Escholas.
A mim, lembra-me agora um velho hymno
Que me leva a sorrir por entre dentes:

Foemina serpentis
est visus nos capientis...

GIL, *como desvairado:*

Do mar profundo da vida
Saíu enorme Serpente,
Um Desejo vehemente,
De tamanha intensidade,
Que me envolveu totalmente,
E nos mil anneis me enrosca
Da sua flexuosidade!
Prendeu a ambos os braços
Em que eu apertar queria
Uma fugitiva imagem;
Enleou-se-me nos passos
Com que apressado corria
Apoz a vaga miragem;
E fascinou-me a rasão,
Por uma estranha surpresa,
Que não vejo outro clarão
Além da sua belleza!
Por fim a lingua farpada
Infiltrou-me tal veneno
De volupia desvairada,
Que arde no sangue e o queima.
Este horror em que me encontro,
Esta irrefreada teima,
Bem sei, só póde acabar
Quando ao revolto mar,
Em um mergulho violento
Que em tanta dor me conforte,
A Serpente me levar,
Que os seus anneis são a morte,
Esse mar o esquecimento.

No espaço estreito, por segura grade
Fechado, aonde bate o sol em cheio,
Observa sem receio,
A curiosidade
Somnolenta a indomita panthera!

Setineo pêlo da mosqueada féra
Refulge ao sol, que a sanha mais lhe incita;
Com todos os instinctos seus despertos,
Parece que dormita
Sonhando que divaga por desertos,
Ou escondida por escura furna
Na emboscada nocturna!

Subito, o avelludado pêlo eriça,
Emittindo phosphorecencias vivas;
Ondulações nervosas, convulsivas,
Tem na espinha; em espasmos se espreguiça;
Faminta, impaciente
Farejando no ár, como que sente
Fartum de carne de não vista prêza;
E então d'encontro á grade que a tem preza
Tetânica se lança.

Perto da jaula passa uma criança
Descuidada, sem que a panthera tema.
A féra, na surpreza,
Fixo o olhar, com que avidez o lança,
Seguindo-a, até perder-se na ála extrema
Entre a espêssa ramagem do jardim!

*

Tal, se alteia uma féra dentro em mim,
Indomita, sedenta
Irrompendo de emaranhado brêjo!
Eu o sinto, eu o sinto,
Impetuoso Desejo
Do insubmisso instincto,
Mil volupias, e tudo que mais tenta,
Que mais excita a feminil chimera.

Ah, bem como a panthera
Na jaula contra as gradés arremette,
Outra jaula me prende e mais submette,
E contra a qual por fim me despedaço
Em febris impaciencias;
Na sociedade que me tolhe o passo,
O gradeado espaço
São as conveniencias.

THOMAZ SCOTTO, *saindo d'entre as ruinas de um velho Templo pagão:*

Como vieste aqui ter? Aqui existe
Crypta immensa de um velho Templo em ruinas
De construcção romana, que ampla mede
Mais de cincoenta pés de léste a oéste.
Fortes muros de grossa cantaria
A fecham, e as abobadas lageadas
Sobre tres arcos firmes se sustentam.

E' aqui, n'esta mysteriosa quadra
Ignorada do vulgo, que as doutrinas
Da Goetica e da Magia negra
Com segurança plena se professam.

GIL, *com desespero:*

Entremos! Quero ahi ser iniciado.

THOMAZ SCOTTO:

Comprehendeste o Livro de Boécio,
E a intenção com que t'o deu Heresta:
O Amor que se limita á creatura
E' contingente, incerto, perturbado;
Sómente brilha e eleva, quando exprime
Como Symbolo um universal sentido,
Que é na mulher — o *Eterno feminino,*
No homem — a aspiração da Alma infinita,
Que o conduz á *Sciencia!* N'esse Livro
Da Consolação mostra claro Boécio
O Amor — Symbolo da Philosophia!
Nas angustias do Amor ergue-te á Sciencia.

GIL:

O problema de todo o meu destino.
Democrito, o philosopho sombrio,
Contemplava os sepulchros, corpos mortos
Dissecava com ancia; um dia, ao vêl-o
Hippocrates n'um tal estudo absorto,
Perguntou: — Que problema é o que inquires?
«Eu só procuro as causas da loucura!»
Da Sciencia é este o maximo problema.

THOMAZ SCOTTO:

Nota que no *Timeu* Platão affirma,
Que a *séde da Rasão é na cabeça;*
A causa material ahi se indague
De que a loucura é natural effeito.

TITIVETILUS:

A Medicina, Gil, é que hade dar-te
A solução que buscas. E repara:
Erasístrato, o medico da côrte
De El-Rei Seleuco, arguto conhecia
A *paixão amorosa* mais occulta,
Pelo rubor da face, pelo pulso...

THOMAZ SCOTTO:

Duas Escholas medicas dominam
Actualmente no mundo: uma, que exhibe
Doutrinas sustentadas com entôno,
Por isso é dos *Dogmaticos* chamada;
A outra é dos *Empiricos*, que exige
A pratica, o saber da Anatomia.
A Galeno se deve o ter salvado
A Sciencia decahida! Eis o motivo
Porque impera Galeno nas Escholas,
Indo apoz elle mil compiladores,
Como Oribase e Sextus Leonide,
Aécio, Paulo o Egineta, e quantos!

GIL:

A' phalange empirista me associo,
Pelo espirito grego illuminado;
Democrito e Herophilo me guiem
A desvendar as causas da loucura.

TITIVETILUS:

Aqui nas Covas de Hercules entremos;
E' a hora da iniciação augusta.

(Os trez companheiros, occultos pelas sombras da noite, descem para as Covas de Hercules, situadas na parte alta de Toledo.)

ECCO, *contradictando o distico de* TITIVETILUS:

Foemina, Stella maris,
Sic Virgo Maria vocaris.

2.° Quadro — A INSURREIÇÃO MENTAL

Na Cova de Hercules, sob o arco maior está a Meza de Salomão, e sentado á cabeceira um Ancião, tendo diante de si varios Livros e Papyrus, rôlos e instrumentos theurgicos; em roda individuos attentos, em cujos rostos se reflecte uma luz branca dando-lhes sinistramente aspectos cadavericos. Na penumbra da crypta destacam-se vultos de ESCHOLARES ERRANTES. Os trez companheiros ao descerem a rampa, estacam contemplando.

GIL DE VALADARES, *com surpreza:*

Toletanus Philosophus é o Mestre?

THOMAZ SCOTTO:

E' elle, assim chamado em todo o mundo;
Ninguem seu verdadeiro nome sabe,
Por ventura, é um titulo dos Sabios
Que se vão succedendo, e transmittindo
A Tradição theurgica vetusta.

GIL:

E' a *Meza de Salomão* que eu vejo?

TITIVETILUS, *intromettendo-se:*

Contempla-a bem! E' de ouro rebatido,
Recamada de pérolas, e em volta
De rubins e esmeraldas engastadas;
Topazios e saphiras a guarnecem,

Aljofares sem conta! Em letras gregas
Ou caractéres junonies se lêem
Disticos sentenciosos, bellos versos.
No palacio do ultimo Rei godo
A encontrou Tarik, e n'esta crypta
A escondeu á avidez de Muza
Quando sangrento devastou Toledo.

GIL:

Sobre essa Meza eu vejo grande Esphera...

THOMAZ SCOTTO:

A *Esphera de Demócrito!* Contempla-a:
Ella nos prognostica a vida e a morte.
Nos trinta dias que o mez tem, em séries
Superior ou inferior, conforme
Cáe o numero, assim se morre ou vive.

GIL:

E o Annel, que na mão mirrada brilha?

THOMAZ SCOTTO:

Esse é o Annel magico! figura
Na pedra preciosissima gravada
A *Serpente divina* Agathodémon,
Que morde a cauda, e dá Poder, Riqueza
A quem o Talisman unico traga.

GIL:

Os Livros que folhêa?

THOMAZ SCOTTO:

Elle medita
No Dialogo em verso do *Poemander*,
Que da Alma humana e Divindade trata.
Esse volume grosso é o *Panacrétos*,
Que a Moysés se attribue; mas fabricado
Pelos Marcosianos ha dez seculos.
Junto é o rôlo hieratico de *Monas*,
O outavo de Moysés, do *Santo Nome*.
Ha Fórmulas ahi dentro, que revolvem
A consciencia e a sociedade abalam.

GIL:

E quem são esses vultos, que se agrupam
Junto á Meza de Salomão, attentos
A' palavra do prestigioso Mestre?

TITIVETILUS, *apartando-se:*

Eu os conheço; e amigo sou de todos:
Lá está Miguel Scot, o hebraisante,
Latinista, arabista, — averroísta,
Chamado Nicoláo Peripatético
Pela audacia com que sophisma tudo.
Mestre João de Brescain é junto d'elle,
Esse tal que sustenta com denodo
Que a Luz pertence não á Qualidade,
Mas á categoria da Substancia,
Tendo por Propriedade o Infinito.
Tu entendes este ôcco verbalismo?

THOMAZ SCOTTO, *admirado:*

A Guilherme de Saint Amour encontro
Aqui na Cova de Hercules! Comprehendo
Por que elle ao Monachismo é tão contrario.

TITIVETILUS:

Vês toda essa floresta de cabeças?
Escholares errantes são. A este antro
Das Universidades mais remotas
Solícitos a inscrever-se vieram
De *Irmãos do Livre Espirito* na pauta.
Sectarios Albigenses e Leontistas
Uns são; outros, Valdenses e Catháros;
Spirituaes de Narbonne e da Calábria,
Johanitas, Joachimitas em revolta
Contra Symbolos mortos e vãos Dogmas.

GIL:

O momento da iniciação me abala;
Mas tenho ancia de ser iniciado.

THOMAZ SCOTTO:

Toletanus Philosophus me acena,
Para a Meza de Salomão nos chama.

(Os trez approximam-se da Meza, e TITIVETILUS *entrega ao* PHILOSOPHO *a cédula com o nome de* EGIDIO *para ficar inscripto no Livro da Irmandade.)*

THOMAZ SCOTTO, *para o Philosopho:*

Eu sou Padrinho do Recipiendario;
Responderei por elle ás mil Perguntas
Mais capciosas das *Impossibilia.*

TOLETANUS PHILOSOPHUS:

Por Patrono excellente és conhecido.
Nomeio os trez Doutores, que me cercam,
Para ao moço Escholar lhe desbastarem
As rudezas da Vida sensitiva,
E assim liberto da animalidade,
Pelo *Segundo nascimento* exista.
Tomae a pedra, Gil de Valadares.

(GIL, *tomada a vénia do Mestre, assenta-se na pedra, que serve de escabelo aos recipiendarios.)*

MIGUEL SCOT, *como 1.º Raboteur:*

O que pretendes?

GIL:

Ser iniciado
Na prova do *Segundo nascimento.*

MIGUEL SCOT:

O transe mysterioso revelado
A ti vae ser em lugubre momento.

Essa misera carne que te veste,
Ossos e sangue, é tudo triturado
Em grande almofariz!
No organico fermento
Do despójo que reste,
Novo Sêr se origina mais feliz!
Do execrando destrôço,
Se fosses velho surgirias moço;
E moço inexperiente
Das leis do universo as mais subtis
Resurgirás sapiente.

GIL:

Não receio tal prova.

MIGUEL SCOT:

Bem o julgo.
Pois d'essa carne macerada, informe,
O *Escholar das Nuvens* se alevanta,
E com rumor sinistro aério espanta
O humilde, rudo vulgo,
Que o vê passar indomito e enorme.

(Lança as mãos a GIL DE VALADARES, *simulando que vae submettel-o á Prova.)*

THOMAZ SCOTTO, *como padrinho:*

E' o *Segundo nascimento* o estado
A que chega sómente o homem perfeito:
Um gráo incomparavel, sublimado
Do espirito eleito.

Que a multidão ignára
Acredite no Symbolo boçal
Do Caldeirão ou da Agua lustral.
Alta noção á mente se depara:
E' a — *Vida moral.*

Tem trez Vidas o cyclo da existencia:
A organica, ou melhor *vegetativa,*
Phase de inconsciencia;
E n'esta se prepara
Toda a efflorescencia
Para a vida animal ou *sensitiva.*

Manifestação rara,
Vida especulativa ou racional,
A ella chegam Sabios e Doutores,
Quando estudam as leis da Natureza;
Mas a norma ideal
Que leva a distinguir o Bem e o Mal,
Poucos alcançam essa visão clara
De nitidos alvores,
Santidade e pureza,
Que é a — *Vida moral.*

Comprehendendo o sentido
D'este sublime estado,
Os Sabios indianos
Chamaram *Dvidja,* o duplamente nado,
Quem da vida animal se ha desprendido,
E dos sensuaes enganos.

Vencer do bruto instincto a paixão forte,
Falsas miragens, mythicas chimeras,
E a guerreira gloria,
Noção moral foi norte
Que trouxe o homem nas sombrias éras
A' activa marcha ascencional da Historia.

Dos évos na penumbra,
A noção do Dever e da *Justiça,*
O sentimento e impulso da Egualdåde
Nos animos vislumbra,
Dando a Concordia, altruismo e a Piedade.
E assim na sociedade
Os Costumes, n'um tacito consenso,
Criam o imperio da Consciencia immenso.

Brüta animalidade se corrija
Na Civilisação que alfim domina:
Novo sêr origina
Como em *Segundo nascimento* — o *Dvidja.*

GIL:

Este *Segundo nascimento* anceio;
Nenhuma dura prova
Por ignota receio.

MESTRE JOÃO BRESCAIN, *2.º Raboteur:*

Já que aspiras a esta *Vita Nova,*
Forçoso é despojar-te
Dos erros, preconceitos e absurdos,
Crenças, superstições, Symbolos mortos,
Allegorias, cerimonias, cultos,
Dogmas, paralogismos das Escholas!
No Arbitrio livre e livre na Consciencia.

A Cruz, que se ergue no coruto altivo
Das Cathedraes é Symbolo obsoleto,
Sem realidade no allusivo facto.
Era santo o sentido primitivo
De que a Cruz foi emblema: era formada
Pelos dois páos, o *Araní* e *Tvástri*,
Um a Virgem, o outro o Carpinteiro,
Com que nos láres védicos primévos
Pela fricção se produzia o Fogo.
A chamma, Agni, cordeiro immaculado,
Na terra a incarnação da Luz celeste,
Redemiu do terror das trévas o homem
Trazendo-o acima da animalidade!
Sacerdotal estupidez sombria
Fez do Symbolo santo da Familia
O cêpo do supplicio e de ignominia,
Com que exprime da vida o desalento
Por uma fórma material e bronca.
A Cruz, que ao vulgo rude representa
Sobre o Calvario a scena do Evangelho,
Sobre uma peânha triangular infixa
E' o *Phalus* e *Lingam* conjugados
Na união generativa e santa,
Quando o homem idealisou as forças
Da Creação, no ésto que dá vida.
Dize-me, d'este Symbolo, qual achas
Mais verdadeiro o intuito e o sentido?

THOMAZ SCOTTO, *como padrinho, e respondendo pelo recipiendario:*

Essas fórmas da Cruz são coincidencias
Fortuitas de outras, que coadjuvaram
Ao seu prestigio e absoluto imperio
Na multidão dos crédulos ingente.

A Cruz é o traço que uma conta annulla,
Saldando qualquer divida apontada;
A sentença deroga, o nome risca,
Uma pagina tranca, e apaga o Dogma!
Deu-lhe fórma uma letra grega, quando
A *Loucura da Cruz* prégava Paulo,
Rompendo com as crenças do passado,
Com as Leis, com os Codigos, e normas
Da Sociedade antiga, que opprimia
O advento da alma humana á *Vida nova.*
Esta a libertação que Gil pretende
Pela revolta que uma Cruz expressa.

A *Loucura da Cruz*, destituindo
Do Mundo antigo todas as Doutrinas,
Quebrou a Tradição, que orienta e guia
Pela continuidade do Passado!
Querendo construir um Templo — aberto
A' confraternidade humana, apenas
Formou Symbolos materiaes, grosseiros;
E a Synthese de Luz, a que aspirava
De Paz e de Verdade e de Justiça,
Foram Dogmas absurdos, que envolveram
A intelligencia nas medonhas sombras
Da mediévica Noite de mil annos.
Em vez do *Amor* prevaleceu o *Verbo*
Nos sophismas theologicos, por onde
O Sacerdocio impéra nas consciencias,
Mantendo a ferro e fogo a Orthodoxia!

GUILHERME DE SAINT-AMOUR, 3.º *Raboteur:*

Como tornar a reunir as almas
Na Synthese que agora se renova?
Hade ser pelo *Amor*, ou pela *Sciencia?*

THOMAZ SCOTTO:

Cedo a Gil a palavra; *Amor* o trouxe,
Subindo a escada mystica emotiva,
Desde a psychose, que o Desejo inflamma,
A' aspiração ideal, que a *Sciencia* alenta.
N'este assumpto compete-lhe a palavra.

GIL DE VALADARES:

Através da escuridão da noite,
Distante, além sobre alta Torre, brilha
Um fulgurante facho,
Que instantaneo se accende!

Rebramindo, como um violento açoite,
O mar quebra-se contra a rocha em baixo;
Alva, no areal se estende
A vaga, que se humilha.

A solidão é tétrica, profunda!
No segredo e mudez d'aquella hora,
A chamma, a luz jocunda,
Attrae, encantadora,
Quem, sobre a onda indomita, iracunda,
Busca a imagem que tanto o enamora.

Para chegar ao pé da esguia torre,
Aonde a virginal Sacerdotisa
Dos mysterios de Astarte se socorre,
Esperando indecisa,
Cabellos soltos á travessa brisa,
Nada um peito impaciente
Através da celérrima corrente!

Relígiosos terrores, as borrascas
Do mar revolto, a escuridão medonha,
Tudo se extingue ao brilho
Do facho fulgurante,
Que adormenta da agonia as vascas!
Apontando do Paraiso o trilho,
Dando realidade ao que se sonha,
A visão do amante,
Essa luz repentina,
Que é, senão a Psychose que fascina?

E' essa luz — o Amor! mago lampejo
Do latente Desejo,
Que arrebata e hallucina,
Resonancia de célica harmonia!
E' essa luz divina
O — Amor, que nos venda
Da existencia a dolorosa senda,
E a Humanidade guia.

Quantas vezes o nevoeiro espêsso,
Fria rajada apagam e occultam
O luminoso pharo:
E o baixel de illusões de immenso preço
Afundam e sepultam
No mar sombrio, tormentoso e amaro!

O Povo e a Tradição
Sentiram com verdade,
Essa fatalidade
Que fez sempre o Amor da Morte irmão.

Sobre o areal da praia,
Quando o alvor crepuscular desmaia,
Dois corpos mortos viram-se 'hi unidos!
Em seu lethal noivado
Eram Leandro e Hero.

O mar tinha arrojado,
Sanguisedento, fero,
N'uma incessante briga,
A' praia o namorado
Exhausto de fadiga,
Quando elle vinha a nado
Lá da margem de Abydos!

Muda, sem alaridos,
Quando a Virgem de Séstos
Viu do amante os restos,
O misero despojo,
Vencido em seu arrojo,
Que á praia o mar atira,
Jazendo inanimado;
Na angustia delira,
E apagando o facho,
Do altissimo eirado
Precipitou-se abaixo!

Sentiram com verdade
O Povo e a Tradição
Essa fatalidade
Que fez sempre o Amor da Morte irmão.

Os que chegaram á Contemplação
D'aquelle extincto arpejo
Do intenso Desejo,
De insoffrida anciedade,
Sentiram-se levados á Piedade.

Une o Desejo as almas que deliram
Por um sonhado goso;
Mas, sómente a Piedade
Consola os que sentiram
O travo doloroso
Da crua realidade.

A Piedade é um segundo Amor,
Como o que a mãe sente pelo filho;
E' Columna de Fogo, outro fulgor
Que guia ás multidões o passo incerto
Na romagem da vida,
Pelo apagado trilho
Através do deserto
A' Terra promettida.

Dos sensuaes Desejos se redime,
E de todas as dores,
O que tocar nos labios
Com o Santo Graal!
E' assim para os Sabios
O Symbolo, que exprime
Nos diversos amores,
O *Amor ideal!*

Vê na Mulher o — *Eterno feminino,*
Na *Mater dolorosa* a Humanidade,
Que vem de edade em edade
Cumprindo o alto destino,
De transmittir-nos os conhecimentos
Adquiridos pelos soffrimentos.

E' este Amor ideal, que se revela
Pela paixão do Bello e da Verdade,
Justiça e Liberdade,
No coração que com seu sangue o séla!

N'este sublime estado da Consciencia,
O Amor e a Sciencia
Na mesma alma se allia!
Socrates definiu essa harmonia
Que nos dá do universo a visão plena:
E' a PHILOSOPHIA!
E' ella, que serena
Estabelece o accôrdo da Vontade
Para a acção final da Humanidade.

TOLETANUS PHILOSOPHUS:

E' o Amor, que hade unificar as almas
No mesmo intento — a construcção grandiosa
Do Templo universal, sobre as columnas
Da *Paz* e da *Verdade.*

As Jurandas, associações obreiras
Do Trabalho pacifico, util, digno,
São o protesto contra a bruta força
Destructiva das Armas.

Hoje as Universidades, vivos fócos
Onde as Nações se reunem para a pósse
Da Sciencia, são fulgurantes pharos
Conduzindo á Verdade.

Estes dois elementos cumpre unil-os
— A Pratica e Doutrina; o Amor é que hade
Elevar a emoção pessoal egoista
Ao social destino.

O Sentimento e a Rasão se egualam
Na unanimidade e sympathia;
E pela convicção, pela concordia
Se alliem na Vontade.

*

Quem vem á Cova de Hercules procura
O segredo saber da Chrysopêa,
Arte de fazer Ouro, que os Egypcios
Transmittiram na hermetica Sciencia.
Se aqui te trouxe o intento de saberes
Os processos da Alchimia, eu t'os revelo:
A fonte inexhaurivel de Riquezas,
O agente que transmuta tudo em Ouro,
E' o Trabalho livre, fecundado
Pelo concurso racional da Industria.
O Ouro, só por si, esterilisa,
Corrompe os caracteres, amesquinha
A acção, tornada interesseira, egoista;
Vê no Judeu o temeroso effeito:

Porque é que a Harpa de Israel, agora
Já não tem o poder que d'antes tinha?
Já não exprime em vibração sonora
A voz de Jehovah, que do alto vinha.

Não mais subjuga os despotas da terra,
Nem diffunde os consolos verdadeiros,
Quando o poder de um Cantico de guerra
Escravas tribus tira aos cativeiros?

Da humana concordia não mais falla,
Não proclama dos povos a alliança!
Do Pae universal Adonai cala
A doce, a messiânica esperança.

Porque é que o Judeu anda foragido,
Ludibriado, odiado pelas gentes?
Os sons d'essa Harpa tem-nos substituido...
E em vez dos Psalmos de David crentes;

De Salomão os cálidos amores
Da Sulamite em exaltados Cantos;
Do Propheta Isaias os terrores,
Sobre os rios de Babylonia os prantos;

Trocou o som mavioso, o tom sublime
Por maravedís de ouro! Vil metal
Que em moeda corrente tanto o opprime;
Tal talisman não dá força moral.

O stigma lhe imprimiu da indignidade,
A lepra do Ouro em sordidez converte;
Como outr'ora, na patriarchal edade,
Não póde a Harpa de Israel erguer-te.

Ah, ficou muda desde aquelle dia,
A Harpa de Israel os sons perdeu,
Quando na alma egoista do Judeu
Não mais pulsou divina Poesia.

A Materia transforma-a a Acção do homem;
E' tambem Creador, dá-lhe valia,
E assim apodera-se das forças
Fataes da Natureza. E' um triumpho
O Trabalho — o imperio da Vontade.

Como o Trabalho fôra amaldiçoado
Na tradição theologica do Génesis,
Tambem a Sciencia era o vedado Pômo
Que a insurreição mental em si continha!
Eritis sicut Dii! este o lemma
Da origem satanica da Sciencia.
Inda o terror envolve o homem que estuda
Com espantosas lendas, que amedrontam,
Lançando a intelligencia na apathia!
Se a Sciencia libertadora buscas
N'uma iniciação mysteriosa,
Erraste a via: as Revelações todas
São fátuos sonhos do theosophismo,
Concepções subjectivas inconscientes
Reductiveis a mythica poesia,
Ou a ficções e embustes prestigiosos.

E' a Sciencia uma acquisição lenta,
Esperimentalmente accummulada,
Dependente da successão dos tempos,
Que não avançam por pessoaes designios.
Chegámos ao momento, em que a Verdade
Se impõe ás Consciencias que se insurgem
Na Negação, de encontro ao Pedantismo
E ao Empirismo estupido, obcecado;
A insurreição mental é necessaria
Para uma nova Synthese construir-se.
O que é a Sciencia?
E' o Conhecimento
Completo nos seus duplices factores:
O *Phenomeno* em si, verificavel,
E as *Relações* em que se manifesta.

E' o Saber actual vão, desconnexo!
Uns adoptam os dados objectivos,
Materiaes, concretos, isolados,
Como o que vendo as arvores, não fórma
Ideia da floresta. Outros exploram
As relações, fóra da realidade,
Como as Allegorias, Symbolismos
Da Cabala, da Gnose e Theologia,
Dos mysticos sentidos das palavras,
Nas ôccas Entidades das Escholas,
Da Subjectividade doentia!
E' esta a Sciencia que absoluta impera:
Abstrahiu dos *Phenomenos;* e o mundo
Construe pela Dialectica, á maneira
Do que Deus fez por uma só palavra!
Toda esta Sciencia se desfaz de um sôpro,
Por futil verbalismo inane e falso.
Qualquer dos dois aspectos isolados

Ao absurdo conduz. Esta a anarchia
Do pensamento humano em nossa edade,
Esta a crise que o seculo inaugura.
Quando virão juntar-se os dois aspectos
Da noção plena que renova a Sciencia?
Eis a base da Synthese moderna.
Não é obra de um cerebro; depende
Do concurso de seculos, reunindo
Dados phenomenaes, relacionando-os
Para alcançar a Lei em vez da Causa.
Mas os que vieram longe d'esse dia,
Por duas vezes nados, realisem
Em si da Sciencia essa harmonia plena,
Como unica libertação possivel.

Vou entregar-te a Senha, que associa
Pensadores e Obreiros, na confiança
E protecção fraterna em toda a parte.
Cumpre fazeres n'este mesmo instante
O Elogio de Aristoteles, o Mestre
Dos Mestres todos! A' Rasão humana
Deu apoio, encontrando no universo
No cahos dos phenomenos — a ordem
Na immutabilidade de Leis certas.

GIL DE VALADARES, *com voz timbrada:*

Perguntou a Aristoteles um dia
Alexandre, immortal Conquistador:

— Porque é que eu posso ao mundo leis impôr,
Com improba ousadia;

Avassallar os Povos do Oriente;
E da gloria, no hallucinante brilho,
Até dar-me de Jupiter por filho?
Mas sinto-me impotente
(E confesso sincero,
Todo o opprobrio que o meu orgulho opprime):
Não produz meu influxo um novo Homero!
Nem, como Eschylo, um tragico sublime;
Um Lyrico, que a Pindaro se eguale;
Quem no tom demosthénico hoje falle?

Responde ao que pergunto, com clareza;
Pois tudo sabes, dil-o! —

Devolveu-lhe o Philosopho tranquillo,
Com a reconhecida profundeza:
«O dominio das Concepções mentaes
Acima está de todos os Poderes
Que se exercem na terra!
A Auctoridade aberra
Exercendo-se sobre humanos sêres,
Se não servir impulsos ideaes.
A moral energia
Faz que as livres Instituições sociaes,
Dando ao homem seu maximo relêvo
Da intelligencia e solidariedade,
Criem na multidão a Sympathia,
De altas aspirações o vago enlêvo,
Anciando a Voz, que exprimil-as hade!
Esse o Poder que um seculo fecunda;
Creadora seiva, forte e saudavel,
De enthusiasmo e inspiração inunda
O Genio sobrehumano, incomparavel!

Poder que visa só a obediencia,
Produz a abjecta servidão das almas;
Dos Déspotas serão estas as palmas!
Irrisoria, mesquinha Omnipotencia.»

(Os ESCHOLARES ERRANTES *applaudem com enthusiasmo o Elogio de Aristoteles.)*

TOLETANUS PHILOSOPHUS:

O Poder espiritual soubeste
Appresentar independente e grande;
E's digno de te ser confiada a Senha
Que em Universidades e Jurandas
Te dá entrada franca, apoio e força.

(A meia voz a GIL, *que se approxima):*

O emblema do Obreiro é o *Esquadro*
Por onde talha as pedras
E as madeiras córta,
Fazendo a Construcção;
Assim a phrase ou Fórmula secreta
De — *Lapidibus quadris,*
Nas Ghilds e Irmandades
Faz a moral união.

As Sciencias pela *Quaternidade*
Na Universidade,
Vão refazendo o homem
Pela obra da Instrucção;

E erguendo o Templo da Humanidade
Com — *Lapidibus vivis*,
Para a normal edade
Da moral perfeição.

(GIL *volta a assentar-se na pedra em que estivera.)*

TITIVETILUS, *para* GIL:

Segue-se a cerimonia dos abraços
No Recipiendario; esta é a praxe
Ao entrar para *Irmão do Livre Espirito*.

(Os ESCHOLARES ERRANTES, *Leontistas, Espirituaes da Calabria, Gnosticos, Johanitas, vem successivamente abraçal-o;* GIL *vê approximar-se* THOMAZ SCOTTO, *mettendo-lhe um Annel no dedo.)*

THOMAZ SCOTTO:

Como Padrinho, aqui o Annel te entrego,
O Annel de esmeralda, que eu achára
No Thezouro de Guarrazar.

GIL DE VALADARES, *mirando-o:*

Que bello!
A figura da Virgem é perfeita;
Tem a Serpente sob os pés, triumphante.

Titivetilus, *desconfiado:*

E' talisman o Annel, pelo que vejo;
Algum poder occulto ahi se encerra!

Thomaz Scotto, *vendo-lhe o Annel no dedo:*

O sentido do Symbolo te explico:
Representa o *Annel de Agathodémon*
Formado pela mystica Serpente,
En to pan — o Poder e a Riqueza.
A seus pés a Serpente tem Maria,
A irmã de Moysés, chêa de graça,
Porque a Verdade foi-lhe revelada;
E' doutrina corrente entre Alchimistas.
De Maria os theologos fizeram
A Virgem Mãe, por quem ao mundo viera
A Redempção. Da *Mater dolorosa,*
Nós philosophos nos servimos hoje
Como expressão ideal da Humanidade.

Escholares errantes, *interrompendo com turbulencia:*

Gil! tu virás findar comnosco a noite
Na Symposia da Cova de San Gines,
Iniciação da Confraternidade!
A Eschola epicurista italiana,
Da Abbadia de Farfa os livres ritos,
Nós os deixamos a perder de vista.

(Vão sahindo tumultuosamente; Gil *escapa-se-lhes no meio da confusão.)*

Canção dos Escholares errantes

O mundo vive de ficções e pêtas,
Como esta do peccado original;
Acreditamos mais em Juvenal,
Que nos Prophetas.

Quanto a prazeres nós não sômos parcos,
Nada ha melhor que o amoroso idylio;
Jurâmos em Horacio e em Virgilio
Mais que em San Paulo ou Marcos.

E' Virgilio, Virgilio um puro encanto
De suave e ideal melancholia;
Vem consolar as almas no quebranto
Da claustral apathia.

Virgilio! és santo que no altar se adore,
Inspirando a humana condolencia,
E és entre as amarguras da existencia
Tu duca, tu maestro, e tu signore.

JORNADA QUARTA

NA MONTANHA LATINA

Gil de Valadares contemplando a vista panoramica de Paris com enlêvo; como que se exteriorisam os seus pensamentos.

Olha Paris! pois tanto amor lhe queres,
Paris, por quem teu coração lateja!
E' aqui que residem
Esses quatro fundamentaes Poderes:
A *Realeza*, a *Egreja*,
A *Justiça*, o *Ensino*,
Que da harmonia social decidem,
E do humano destino.

Eil-a, a Cidade eleita,
Paris! repara: uma ilha independente,
Com as margens do Sena
A esquerda e a direita
Ligam-a duas Pontes:
N'esse fechado ambiente
Onde é a Ponte pequena,
Abrem-se estranhos, largos horisontes!

Da esquerda margem sobe-se á collina
Da Abbadia de Santa Genoveva:
Em seus flancos se eleva
Das Escholas a intrépida phalange
Na Montanha latina
Que os Estudos abrange.

Alli tens o Jardim real patente,
Onde alegre passeia
A escholaresca gente,
Nos suetos dados ao labor da ideia.
Eis, além Notre Dâme,
Sublime erecta em frente
Do Palacio do Rei e das Justiças,
Por um rapido exame
Nota-se de repente
Quinze Egrejas, que em volta estão submissas.

E a grande Ponte! Essa conduz á margem
Onde é o Quarteirão dos Mercadores
Lombardos, estrangeiros.
E vê-se, mais além
Em esplendida vargem
Matizada de flores,
Erguidos dois magnificos Mosteiros
Saint Gervais, Saint Germain.

(Gil *divaga perdido dirigindo-se á Ponte pequena.)*

1.º Quadro — OH MATER ALMA

No Bairro dos Estudantes em Paris, no Petit Pont, que dá passagem de Notre Dâme para Santa Genoveva. Ouve-se grande matinada de sinos.

TITIVETILUS, *encontrando* GIL:

Sempre vim encontrar-te onde julgava!
Em Paris é que eu sinto-me á vontade
Entre gente escholastica! Fugiste
A' Tuna dos Errantes Escholares,
Que iam pôr termo alegremente ás férias
Na Abbadia de Farfa. Mal suspeitas
Quanto perdeste em não andar na tuna!

GIL DE VALADARES:

A Abbadia de Farfa? Não conheço
O que é isso em que fallam com galhofa.

TITIVETILUS:

E' um Convento rico, farto e cheio,
Onde o Abbade mitrado, nobre e joven,
Roubando o annel e o báculo, casara,
Casando tambem a Communidade.
E n'este novo rapto das Sabinas,
Roubaram paramentos e alfaias,
Vasos sagrados, pyxides, fugindo
Para o retiro placido dos montes,
Vivendo á solta, ao gosto de bandidos.
Aos domingos regressam ao Mosteiro,

Cantam missas sacrilegas, e prégam
Parenesis eróticas, por thema
O *Crescite* do Genesis tomando.
Tocam sinos com alegria doida...

GIL, *ouvindo ruidosos toques de sinos:*

Mas, que inferneira é esta, que não ouço
O que estás a dizer? Que sinalhada!
Será revolta cá na arraia-miuda
Da insigne Lutecia?

TITIVETILUS:

Bem revelas
Que por cá nunca andaste, pois ignoras
O conflicto dos Frades Minoritas
Com os Conegos bons de Notre Dâme.

GIL:

Que relação têm estas badaladas
Com as iras de suas Reverencias?

TITIVETILUS:

Luctas de campanarios! Eu te conto:
Os Conegos de Notre Dâme querem
Que antes dos outros todos, os seus sinos
Os Officios divinos annunciem.
Mas, logo os Franciscanos mais astutos
Vão para o côro na ante madrugada;
Primeiro que ninguem tocam matinas,
Blasonando da sua primasia!

Não se conformam com o menoscabo
Dos Conegos as suas dignidades,
E apoz allegações longas, recorrem
Para o Papa... A sentença está pendente,
A cada instante toda a gente a espera.

GIL:

Como isso me faz rir! e tal se passa
N'este cadinho de Paris, que funde
Paradoxos, ideias, constituindo
Livre expressão do Pensamento hodierno!

(Grupo de Estudantes, que passam entre risadas, e parando perto de GIL.*)*

CONRAD L'ALLEMAND:

O conflicto dos Conegos com os Frades
Está desesperado; como dura!

YVES NORMAND:

Repara! Aquillo é dobre de Finados.

GILBERT BRETON:

Não sabias do caso? E' hoje o dia
Do desterro do misero Leproso
Que na rua Galand mora; é de usança
Que uma missa dos mortos se lhe diga.

Dirigindo-se a Gil de Valadares:

Nunca assististe á triste cerimonia,
Sempre impressionante?

Gil de Valadares:

Em minha terra,
Em Portugal tratam-se os Lazarados
Com mais piedade; ha muitas Gafarias
Por plebeus e por nobres sustentadas,
Onde os accolhem por misericordia.

Yves Normand:

Lá vem a multidão dobrando a rua
Galand para a de Santa Genoveva;
Frades psalmeam o Miserere; adiante
Uma matraca retroando a espaços.

Conrad l'Allemand:

Vem a turba o Leproso acompanhando,
Que o Preboste conduz a ouvir missa
De Defunctos, ahi perto em Notre Dâme.

TITIVETILUS *para* GIL:

Tudo isto é novo para ti! Não queres
Assistir ao cerimonial tremendo?

(A multidão approxima-se e quasi os envolve.)

GIL, *com surpreza:*

E que gentil rapaz elle é! caminha
Cabisbaixo e na frente do Preboste.
E' pois esse o Leproso?

YVES NORMAND:

E', com certeza
O da rua Galand. Em Notre Dâme
E' que se faz o acto de exterminio.
Vamos vêr.

TITIVETILUS:

Eu já vou abrir caminho.

(Os Escholares acotovelam a multidão e passam adiante, para entrarem na Egreja.)

Debaixo da nave de Notre-Dâme, quatro Mózinhos estendem no chão um panno preto, e aos cantos collocam quatro grandes tocheiros que accendem.

GILBERT BRETON, *para* GIL, *emquanto não entra a multidão:*

Tem estatuto a gente estudantesca.
Na Montanha Latina está fundada
A Republica activa das Escholas;
São estas por Nações confederadas,
Sendo o seu presidente o Cancellario.
Ha cá potencias de primeira ordem,
Que entre si soberanamente elegem
Por chefes dois Reitores — Duumvirato
Dos Legistas e Decretistas, cohorte
Maior que a das outras Faculdades.
A' Nação hespanhola é que pertences?

GIL:

A Portugal, que ainda é a Hespanha *lusa*,
Da *iberica* Hespanha differente.

(O ruido da matraca interrompe a conversa; a multidão enche a nave, e principia a missa no altar-mór.)

CONEGOS, *entôam o versiculo:*

Jam vixi mundo aziago,
Nunc pallida mortis imago.

(O LEPROSO *destaca-se do Preboste, e colloca-se no meio do panno preto de pé.)*

CONEGOS, *em tom grave:*

Quod sum, vos eritis,
Ad me correndo venitis.

(A' consagração da ostia, o Preboste ordena ao LEPROSO, *que se deite de costas ao comprido sobre o panno preto.)*

OFFICIANTE, *lançando a benção:*

Heu! . . . Ite, missa est.

GIL, *á parte:*

O pranto abala-me.

OFFICIANTE, *desce do altar e vem até ao pé do* LEPROSO:

Como a Job, ao Senhor ferir-te aprouve
Com o fogo da temerosa lepra!
Submisso á provação, restituido
Serás á eterna gloria.

(Lança uma ponta do panno preto cobrindo-o.)

E's novo; tinhas garbo e gentileza,
E em vez da seducção que attrae, horrendo
Mal te faz repellente entre os humanos,
Que fogem do contacto.

(Ouvem-se soluços entre a multidão, ha um silencio aterrador.)

Morreste para todos! Benção santa
Mundifica tua alma resignada;
Solitario, será teu mundo o ermo,
Com Deus ahi habita.

(Lança outra ponta do panno preto a encobril-o.)

Mas, ai de ti, se acaso te aproximas
Do viandante que passa descuidado;
Ou toques fonte limpa e agua corrente;
Serás então qual lobo.

A compaixão, que a todos nos inspiras,
Transforma-se em rancôr! e como a monstro
Que aterra as povoações, mesmo de longe
Serás apedrejado.

Sobre as paginas santas do Evangelho
Jura fugir de humanas creaturas;
Refugiar-te na solidão da cova,
Teu domicilio e tumba.

(Estende o missal para tomar-lhe juramento. Depois do LEPROSO *ter estendido a mão de longe, o Preboste, lança sobre elle as duas pontas da cabeceira do panno preto.)*

Como a Job, ao Senhor ferir-te aprouve
Com o fogo da temerosa lepra!
Submisso á provação, restituido
Serás á eterna Graça.

(O OFFICIANTE *toma o hyssope da mão de um mòzinho e asperge o desgraçado. Ouvem-se prantos, quando o* LEPROSO *se alevanta d'entre as dobras do panno preto, e é levado para as barrocas de Montmartre, onde é abandonado.)*

GIL, *para os outros Escholares:*

Que dor immensa infunde o estranho quadro!
Peior que o cadafalso.

YVES NORMAND:

Que remedio
Contra a lepra, que com horror se alastra,
Senão sequestração, isolamento.
Salus populi, diz a velha praxe,
Suprema lex est. A sociedade,
Em rigor, tem direito a defender-se.

GIL:

Poderia a ambição ter-me impellido
Para os estudos da Jurisprudencia;
Meu pae m'o aconselhava. Revelou-me
O soffrimento humano, que sómente
Nas miserias da nossa fragil carne,
De si tem de ser o homem providencia,

Eu vi o nascimento e a belleza,
Intelligencia, excelsa gerarchia,
No delirio da attonita loucura
Afundarem-se, na inconsciencia immersos.
Terrifico problema! Contemplando
Essa calamidade, enternecido,
Resolvi dedicar-me á Medicina.
Eis-me em Paris; attrae-me o ardente estudo.

GILBERT BRETON:

Por muito que tu estudes, esse mundo
Da Psyche ainda está vedado aos Sabios.
Os Medicos são mais que os Alchimistas
Em procura do Elixir da Vida;
Sob os seus escalpellos não toparam
Com a alma. Ousam alcançar as ribas
D'esse mundo moral sómente os Poetas,
Que adiante vão, com geniaes lampejos
Da Alma universal dando o vislumbre
Pela fulguração da humana Psyche.
Sómente os Poetas sabem dar relêvo
A' *Subjectividade,* separando-a
Da dependencia de quanto é concreto.
D'essa noção ideal, como emotiva
Vem a reacção motriz, que é a Vontade,
Tornada Arbitrio e estado de Consciencia.
Eis como a Alma humana é cogniscivel.
Quantos seculos passarão ainda
Em que o delirio, fórma da loucura,
Será considerado Santidade,
Beatitude, genio ou sciencia infusa!

Titivetilus, *com argucia:*

Por consequencia: exaltações de Paulo
Da Loucura da Cruz, em theologia
Estão na Egreja systematisadas,
E em Religião de Estado.

Yves Normand:

Actualmente
Não serão as Cruzadas um delirio,
Trazendo a Europa assim convulsionada?

Conrad l'Allemand:

E as Ordens monachaes, que se agremiam
Dando ao parasitismo social fórma,
Contagiando o mal do *Tédium vitae?*
São mais do que loucura, pandemia.

Gilbert Breton:

A *Subjectividade* exagerada
Chega á Hallucinação, como as doentias
Visões do Céo, do Inferno, e seus tormentos
Apparições angelicas, Demonios,
Possessão do hysterismo nas mulheres,
Lycanthropia ou o homem feito lobo,
Elevações extacticas, Oraculos,
Ancias da Salvação, medo ao Peccado
Tentações... Tudo isso são delirios
De irreflectiva Subjectividade.

TITIVERILUS, *fitando* GIL:

E o Amor? Não será o Amor, que irisa
O horisonte da existencia humana,
Hallucinada, erotica Psychose?

GIL:

Comprehendo que a Loucura é que perturba
Este equilibrio ou mutua equivalencia
Das representações que em nós suscitam
Do mundo real os dados objectivos!
Deve a Sciencia vir a achar recursos
Com que restabeleça este equilibrio,
Ponderação normal do pensamento.
Se Hippocrates, Galeno ou Avicena
A doença sagrada não souberam
Debelar, — a Psychose em mim estudo.
O Amor me trouxe pelo Sentimento
A submetter á Sciencia este problema
Do mechanismo cerebral, buscando
O regresso á Rasão... Agora o quadro
Do misero Leproso sequestrado
Ao humano convivio, mais me obriga
Com afêrro a estudar a Medicina.

YVES NORMAND:

Deixou-me lucto na alma o atroz caso
Do doente incuravel. Precisamos
Sacudir esta sombra que em nós peza.

CONRAD L'ALLEMAND:

Proponho que na rua Santo Hilario,
Ou na das Sete Vias...

GILBERT BRETON, *atalhando:*

Nem só o vinho
Nos póde distrahir; prefiro o jogo
Do Tremerol! Se não houver dinheiro,
Poderemos jogar os nossos livros.

YVES NORMAND:

Para a Feira do Pergaminho, antes;
Abriu-se ha poucos dias. Não é longe;
Dos Mathurinos pelos Corredores
Estão postas á venda as folhas brancas
Quaes folhas de Sibylla, mysteriosas
Aguardando os Copistas, que trasladem
N'ellas Bullas e Leis, Evangeliarios,
Missaes, Horas e Poemas de Aventuras.

GILBERT BRETON:

Eu detesto os Copistas, que hoje fazem
Da leitura um trabalho fatigante,
Com as Abreviaturas pavorosas,
Com umas letras trémulas, quadradas,
Deseguaes, com amarellada tinta!

YVES NORMAND:

Pois eu admiro os Miniaturistas;
Deixam as tradições da Arte antiga,
Substituindo o gothico ao romano,
Com figuras phantasticas, esguias,
Panejamentos das mais vivas côres,
Tudo encrustado sobre um fundo de ouro.

Não acho melhor joia do que um livro
Matizado de mil miniaturas,
Chronicas e Novellas. Nada eguala
O Psalterio de Branca de Castella,
E o Breviario de Luiz, seu filho!

TITIVETILUS:

Quebra o fio ao discurso um incidente.
Do Clos Bruneau que multidão ruidosa
Atropelladamente vem passando!

CONRAD L'ALLEMAND:

E', com certeza, algum medonho incendio.

TITIVETILUS, *mysterioso:*

Sim; um mesquinho Frade franciscano
Que levam a queimar na praça...

CONRAD L'ALLEMAND:

E o Frade
Delicto ou crime commetteu! Vejamos
Como, sem ser cabrito, um frade se assa.

TITIVETILUS:

O Frade sustentou um *Quodlibeto*
Com desagrado dos Dominicanos,
Que andam em bulhas com os Minoritas
Sobre o Dogma da Conceição da Virgem.

Com argumentos solidos o Frade
Usou da prova historica, mostrando
Que da *Dea Meretrix*, pagão culto
Dos Sanctuarios de *Anaitis* e *Cybele*,
De *Elysa*, de *Deméter*, *Dea Syria*,
Vem o culto da Immaculada Virgem.
Se á adoração do velho Padre Eterno
Succedeu a do Filho, como Jove
A Saturno, — comece a disciplina
Do Santo Amor, que representa a *Pomba*
Que é um Symbolo phálico, outra fórma
Da Cruz ansata da divina Orgia.

GIL:

Vão queimar por tão pouco o Franciscano!

YVES NORMAND:

Em materias de Fé, acrobatismos
Não os consentem os Dominicanos,
Que se chamaram os *Irmãos da Virgem;*
E no odio cego contra os Minoritas,
A pretexto de absurdas phantasias,
Accendem as fogueiras a que os lançam.

(A procissão do Auto de Fé chega á praça, onde se ergue a pilha de lenha, a que os Frades Dominicanos fazem cêrco. — O Minorita é amarrado ao alto póste. A multidão contempla com interesse.)

ESCHOLARES, *cantarolando:*

Mal vedemo Parisi,
Che n'ha distrutto Assisi.

TITIVETILUS, *para* GIL:

Não reparaste ainda na figura
Que está junto de nós?

GIL:

Esse estudante
De nariz aquilino, olhos cavados,
E macerada face, com seu tanto
De ár prophetico, ou melhor, de Poeta?

TITIVETILUS:

E' Escholar da Nação italiana,
Que frequenta as lições de theologia
Do Doutor Sigier, na rua Fuarre;
Dão-lhe o nome de Dante Alighiéri.
Repara como está todo absorvido
Nas contracções tetânicas do Frade,
Vendo chispar na labareda as carnes!

GIL:

Do horror sente a attracção, que o domina.

TITIVETILUS:

Na mente representa-se-lhe o Inferno!
Sei que elle anda compondo um vasto Poema,
Visão como a de Túndal; certo, agora
Impressões colhe da realidade.
Não sabe mesmo ainda em que linguagem
Escreverá o Poema em que medita,
Se em latim ou no vulgar toscano.
Synthetisa n'um quadro a Edade média,
Que está prestes a terminar na Historia.
Alma liberta, pelo Ideal se eleva:
No Cantico do INFERNO põe o homem
Exercendo o supremo Julgamento,
Poder da Rasão critica, em contraste
Com o Juizo do amargo Dia da Ira.
No PURGATORIO, Espiritos eleitos
Da Antiguidade classica elle salva,
Contra a exclusão estupida da Egreja;
Sanctifica-os, alliando-os, sereno,
A' aurora da primeira Renascença
Pela continuidade do passado!
No PARAISO, a imagem de Beatrice,
Como ideal da Mulher se transfigura
No Symbolo do Eterno feminino,
A Virgem-Mãe piedosa — a Humanidade.

GIL:

Não me farto de vêr essa figura
Expressiva do joven florentino.

(A praça vae-se despejando; o rapazio salta em folguedo por cima das brazas espalhadas pelo vento.)

TITIVETILUS, *para* GIL:

Acordam-te lembranças das fogueiras
Da noite de San João, na tua terra?
A dor e a alegria se confundem
No complicado drama da existencia!

GIL, *reflectindo:*

Mais atroz que o individual delirio,
E' a hallucinação de ideias falsas
Que produzem no povo a pandemia
Do terror e do odio. A Medicina
E' a unica Sciencia actual, que póde
Fazer que o homem chegue a conhecer-se,
E das vãs pandemias se liberte.

Reconcentrado no estudo GIL DE VALADARES tem aberto diante de si o Livro da Lepra, escripto em arabe, que só elle entende.

GIL:

Procurei tantos annos este Livro,
Sem ninguem saber dar noticia d'elle!
Com certeza heide achar aqui remedio
Para o moço da rua Galand. Tenho
Visitado o infeliz no seu retiro,
Chora ao vêr-me; confessa que até hoje
Só viu minha presença, que o consola,
E que as minhas palavras lhe dão alma.
Com que ternura commovente disse:

— Se a decepção de Amor, em tua vida,
Soffreres, sabe que outro Amor existe
Consolador e immenso, é — a Piedade.—

E' esta condolencia que me leva
A' sombria caverna a visital-o,
Exterminado do convivio humano.
A commiseração me induz a estudo;
Oh, se eu podesse conhecer as doenças
Da Loucura e da Lepra! ambas tremendas,
Nos dois aspectos, em que alma e corpo
Se identificam pelo soffrimento.
Lepra e Loucura, são mais estupendas,
Quando tomam pandémico caracter!

TITIVETILUS, *apparecendo para o distrahir:*

Não esgotes a Sciencia! Deixa cousa
A descobrir aos que apoz te vierem;
Andas tocado agora de piedade
Pelo pobre Leproso, abandonando
Troças e Investidas de Escholares,
Na vida airada que amenisa o estudo.

CONRAD L'ALLEMAND:

Gil, em tua procura ha tanto andamos.
Um caso, que de certo te interessa...

GIL:

E' algum *Quodlibeto* divertido,
Sustentado por Summulista arguto?

YVES NORMAND:

E' questão séria! Trata-se de Sciencia
Objectiva, experimental, d'aquella
A que te entregas, de que te preoccupas.

GIL:

De Medicina?

YVES NORMAND:

Para lá caminha.
Lançou-se hontem ao Sena uma donzella
Por decepção de amor; d'agua a tiraram
Desfalecida, e está depositada
No Cemiterio ahi dos Innocentes,
A' espera da absolvição do Bispo
Para ser inhumada em chão sagrado.
Sabemos quanto a Anatomia estudas,
Máo grado as maldições que a Egreja lança
Contra quem investiga o corpo humano;
E' boa a occasião para o exame
De apparelhos e organicos tecidos...
Estamos todos promptos, se quizeres,
Para roubar-se á noite esse cadaver.

CONRAD L'ALLEMAND:

Eu garanto poder trazel-o ás costas.

GILBERT BRETON:

Pela Sciencia os anáthemas da Egreja
Eu affronto.

(*Vendo o* LIVRO DA LEPRA *aberto sobre a meza de estudo.*)

E' em arabe este Livro!
Só tu entendes lingua tal em que andam
Trasladadas da Medicina as Obras
Mais completas.

GIL:

E os Gregos, onde ficam?
D'elles é que provém o Saber todo,
Philosophico ou Scientifico! Hoje
A Civilisação, que se renova,
Prosegue attenta na perdida pista.

YVES NORMAND:

Não ha tempo a perder. Ao Cemiterio
Dos Innocentes caminhemos lestos.

GIL:

De um exemplar humano carecia,
Para comprehender o Microcósmo,
Que sente, pensa e quer! A estas horas
Tudo jaz em profundo somno immerso.

TITIVETILUS, *rindo:*

Sem trabalho, pôr-te-ia sobre a meza
O cadaver da livida donzella;
Mas, como é de suicida, eram capazes
De inventarem que o diabo a arrebatara
Do chão sagrado á infernal jazida.

(Os ESCHOLARES *sáem embuçados, para o Cemiterio dos Innocentes.)*

Estendido sobre a meza do quarto de estudo de GIL DE VALADARES está o corpo da mulher afogada no Sena; os trez estudantes de Medicina estão em volta.

CONRAD L'ALLEMAND:

Sem descansar, eu até aqui o trouxe;
E peza! quanto peza um corpo morto.

YVES NORMAND:

Pela alvura das carnes, dei com ella
Entre outros corpos...

GILBERT BRETON:

Basta de commentos!
A Gil, que a vida passa n'este estudo,
A palavra compete! elle que explique
O motor, que agitou o inerte corpo,
E o travão que o fez parar; unindo
Potencia e resistencia, no equilibrio
A que se chama — Vida.

TODOS:

A Gil ouçâmos.

GIL, *contemplando as fôrmas da plastica:*

Um *Quid* religiosamente augusto
Ostenta o corpo de uma mulher núa!
Toma-me o anceio de oppressivo enlevo,
Ou de uma magestade sobrehumana.
Antes de tudo: as fórmas que deslumbram,
E que a Sciencia estuda, realisam
Uma imponente e bella expressão de Arte!
Oh Grecia! que alta intuição tiveste
Da Alma universal, quando nas fórmas
Do corpo da Mulher, Symbolo viste
Das manifestações ideaes do Bello!
Esta que ora aqui vêdes, nova e linda,
Modelo o mais perfeito das estatuas,
Tudo revela que a animou o ésto
De exquisita sensibilidade,
Delicado conjuncto dos encantos,
Que realçam ainda além da morte!
Divago eu nos dominios da Poesia?
Pois não será a Sciencia em seus aspectos
Poesia sincera e impressionante,
Em que ideal e real são a Verdade?
Reparem n'este corpo arredondado,
De menor estatura que a do homem,
Tal differença uma lição encerra.

Fórmas lisas, macias e redondas,
Sensações ignoradas dando ao tacto,
Contêm inconscientes attractivos,
Com que a Natureza mais define

O typo feminino, em seu principio
Só por orgãos sexuaes differenciado.
Ah, como a Natureza proseguindo
Na differenciação, toca o supremo
Encanto da Mulher, floração pura,
Na escada vital sublime termo.

(Os trez Escholares *approximam-se mais do cadaver, contemplando-o.)*

Desde que ella entrou na edade nubil
Da puberdade, os seios se avolumam,
A espáduas alargam-se donosas,
Arqueam-se os quadris, o ventre mostra
Uma fascinadora redondeza,
Que tanto exalta o *Livro dos Cantares.*
Pernas e côxas tornam-se roliças,
Como que o organismo se transforma
Para nova existencia, mais que a vida
Individual — superior, fecunda:
Reproduz a Especie. Para tanto,
Mais que os plásticos meios, deu recursos,
Poder de seducção, a Natureza:
Para expressões as mais hallucinantes,
Voz tão maviosa, á do homem comparada,
Os olhos mais brilhantes, breve a bocca,
Os dentes, como pérolas, miudos;
Rosto oval, ou redondo, sem ter pêlos,
E nos gestos, donaire, gentileza,
Movimentos flexiveis denunciando
A volubilidade, a inconstancia,
Que suscitam desejo indefinivel,
Que o pudor, ao velal-o mais inflamma.

(Os Escholares *fitam* Gil, *que os deslumbra mais do que o corpo que examinam.)*

Tudo isto agora vêdes apagado
N'este cadaver hirto, frio, que á morte
Arrojou por um acto irrevogavel,
De uma nervosa vida a intensidade.
Pobre donzella! Tinha os elementos
Para em si leda continuar-se a vida
Pela maternidade, eterna phenix
Que pelas chammas do amor renasce.
Como uma folha escripta em hieroglyphos
Indecifraveis, ante os nossos olhos
Está o corpo que palpâmos; ergo
O sudario que o cobre, e não desvendo
Aonde é que residiu uma alma n'elle,
Como da casta flor se evola o aroma;
Como se produzia o pensamento,
Como a emoção lhe motivava os actos.

Yves Normand:

O poder da Belleza te domina,
Species eximiae pulchritudinis.

Gil, *contemplativo:*

De Athenas sobre a praça,
Fitando o horisonte,
Socrates passeava doutrinando;
Attentos o ouvem. Quando,
Accelerado passa
Discipulo querido — Xenophonte.

O Mestre no olhar nota
Um fulgor que desvaira,
E esquivo, como quem á lição foge:
«Em casa de Theodota,
A seductora hetaira,
Artistas, Poetas se reunem hoje.

«Eu bem quizera, oh Mestre,
Que equiparas o Bello e o Bem terrestre,
Dois pólos da Moral na humanidade,
Que hoje ahi assistas,
Philosopho, entre Poetas e Artistas,
Vendo a união do Ideal e Realidade.

«Mais bella do que Phryne,
Do que Lais, pois que mal lhe define
Seus contôrnos a estatua de Leda!
Conscia do seu encanto,
Theodota ante os Artistas despe o manto,
Nenhuma graça aos olhos d'elles veda!»

Socrates lhe responde:
— Visto que Theodota nada esconde
Dos contôrnos gentis, surprehendentes,
Iremos pois lá vêl-as...
Filho de um esculptor, as fórmas bellas,
Para mim nunca são indifferentes. —'

*

Para casa da Hetaira os dois partiram;
Pintores, Esculptores, n'essa casa
Vendo entrar alli Socrates, se admiram;
Nem mesmo presentindo
Como o Bello com a Rasão se casa,
Parrhasio e Cliton estavam-se sorrindo.

Ao Philosopho inquire o Estatuario:
= A Gnido, a visitar o Sanctuario
De Praxítele a Venus Andyomene
Por certo tendes ido!...
Vence a Venus de Phidias, e Alcamene! =
Diz Socrates: — Eu nunca fui Gnido. —

=Nunca fostes a Gnido! Ah, tendes medo
De contemplar a incomparavel Venus,
Perante a qual os jovens enlouquecem!
Contra sensuaes venenos
Do Desejo, que em nós se infiltra tredo,
Os Philosophos só se fortalecem. =

Traçou o manto Socrates no hombro:
— A linha feminil eu idolatro-a,
Não por contôrnos que me dão assombro;
O que enlouquece os moços ante a Estatua
E' o eterno Desejo!
Elle, ao que observo e vejo,
Eguala as creaturas — sabia ou fátua.

Comprehendo de Praxítele a obra summa;
Foi nas festas de Eleusis, que viu Phryne
Entrar núa no mar entre a alva espuma,
Perante a multidão!... Quem ha que atine
Como o povo e o artista
Cada um, mudo, a tal vista
Da Belleza a emoção ideal define!

N'esse momento teve o Artista, — vêde,
Da Belleza divina a visão alta,
Do eterno Desejo intima sêde!
Toda essa emoção viva que o exalta
Ao marmore a transporta,
Deu alma á pedra morta,
Que inflamma... Ir a Gnido ainda me falta. —

A hetaira sorrindo com orgulho,
Disse para o Philosopho, que a fita,
Vencendo dos Artistas o barulho
De espontanea e feliz alacridade:
— Esse eterno Desejo, que suscita
A obra ideal, ninguem com mais verdade
Sentiu a vibração sua infinita
Melhor que tu, que a uniste á realidade. —

N'esse instante dos hombros se desprende
O manto que a Theodota o corpo envolve,
Aos pés lhe cáe em flócos, d'onde ascende
Tal como em Eleusis Phryne do mar volve,
Ou diva, que em etherea nuvem se ala:
O assombro a todos rende!
A Socrates, a voz nas fauces prende;

E saíndo da sala,
Disse: — O Esculptor helleno
E' o que por mim falla,
Quando me deu, Philosopho sereno,
O aspecto de um Sileno. —

(Gil, *fica silencioso contemplando as fôrmas femininas.*)

Titivetilus:

Traduz tua emoção a Grecia antiga;
Mas, descrevendo com mestria o corpo
Que ahi jaz, certa physionomia
Não notaste...

Gil, *reparando para a morta:*

Será illusão minha?
Visão singularissima! O cabello,
Semblante e ár, o mesmo aspecto d'ella...
Inexplicavel casualidade!

Titivetilus:

Viste Heresta de perto! Os braços, seios
Nús, os cabellos soltos, destrançados
Nos accessos do mystico delirio,
Quando rasgava as vestes... Não encontras
Bastantes semelhanças?

GIL:

De mim proprio
Eu chego a duvidar, dos meus sentidos;
Mas sinto-me enleado sob o encanto
Das extraordinarias parecenças!
A belleza que vejo aqui me acorda
Sonhos sem esperança, e a divisa:
Espoir sans plus joïr.

(Contemplando o corpo mais insistentemente.)

A realidade
O que é? Na essencia, uma impressão mais viva.
Da Rainha leoneza eguala o rosto,
Louros cabellos, mesma côr da pelle,
A estatura gracil, pescoço, braços,
Uma inteira illusão! E' explicavel,
Que os embalsemadores do Egypto,
Ao palparem esculpturaes bellezas
De femininas, pudibundas fórmas,
Tresvaliassem na Necrophilia,
Mesmo as extremas penas affrontando.
Esta alvura e frieza de alabastro
Hade na terra fermentar em humus!
A floração gentil da Natureza
Desabrochava, e repentino pende.
Se o Espinho da carne lhe tocasse!
Não é profanação. Talvez?... Quem sabe.

(Poisa-lhe a mão sobre os seios, e attenta.)

Ha n'estes seios pulsações latentes,
Imperceptiveis, tenues; eu sinto
Sob a algidez temperatura suave;
Os braços pendem flascidos, não hirtos;
A lividez da face vae tomando
Uma coloração vaga, animada!

(Erguendo o corpo nos braços, unindo-o a si.)

Abram-me essas janellas! Muito ár entre;
Tenho esperanças que ella torne á vida.

(A afogada move a cabeça e respira; em seguida abre os olhos attonita. Os Escholares *fogem aterrados, deixando* Gil *sósinho.)*

O Leproso, *apparecendo nimbado de luz:*

Vim a tempo para alentar tua alma!
Tu não me abandonaste no exterminio,
Quando o horror da hostilidade humana
Pezava sobre mim mais que a doença.
Acabou para sempre o meu martyrio!

(Esvaecendo-se a apparição:)

Venho-te revelar, que a mulher bella
Que tu salvaste restituindo-a á vida,
Era Duranda, a minha namorada.

Fêl-a o desgosto procurar a morte;
Que ao entrar eu na gloria, ella reviva.
Vae á rua Galand, aos paes a entrega.
Morto reconhecido serei sempre.

Na rua Galand, por horas mortas, e cumprido o mandato solemne.

GIL, *divagando:*

Como vim eu parar aqui? Seria
Por somnambúlia? ignoro; isto me aterra.
Mas a visão do corpo feminino!
Illusão physionomica de Heresta,
O vil desejo da necrophilia!
Não serão hallucinações patentes,
De cerebraes fadigas consequencia?
Vivemos pela subjectividade;
Se as imagens internas nos empolgam
Com relêvo maior que mundo ambiente,
Essas suggestões roçam na loucura.

(Rumores tumultuosos, que se tornam mais violentos; vultos approximando-se com archotes.)

Sonharei eu ainda? N'este instante
Parece-me estar vendo a approximar-se
Grandiosa procissão! Dansa da Morte?
Como a vulgar crendice nos descreve.

Mas os meus olhos vêem claramente
Escholares sem conta! Alguma Soiça,
Ou Cascavel? A muitos reconheço.

YVES NORMAND:

Feliz encontro o nosso!

GIL:

Que se trata?

GILBERT BRETON:

São as Escholas todas em revolta!
E' a Universidade que protesta
Contra a ordem estupida do Papa,
Com applauso de Branca de Castella,
Prohibindo Aristoteles!

CONRAD L'ALLEMAND:

Entendem,
Que Aristoteles é a unica causa
Da insurreição mental que ataca os Dogmas,
E que dissolve a régia Auctoridade.

YVES NORMAND:

Em exodo compacto a Escholar gente
Sáe de Paris, e só regressa quando
Fôr o Mestre dos Mestres restituido
Ao seu imperio racional e pleno!

Gilbert Breton:

Tu, Gil, tens de fallar á Estudantada;
Que os Frades a Aristoteles retratam
Como um monstro infernal e um malvado!
Mostra a altura moral do excelso Mestre.

(A multidão escholaresca pára para ouvir a)

Gil de Valadares, *discursando:*

A sentença do Mestre

Narrava-se em Athenas
O triumpho estupendo de Alexandre,
Quando em Thebas entrara:

— A população válida estrangulam!
Mulheres, velhos, crianças,
E doentes, arrastados sem defeza,
Morrem aos vis ultrages!
Da miseravel turba o que inda resta
Venderam como escravos.

Quando era a soldadesca macedonia
Mais feroz na pilhagem,
Soube Alexandre, que existia em Thebas
De Pindaro a morada;
Que ainda alli viviam descendentes
Do Lyrico glorioso!
Lembrando-se das Odes consagradas

Pelo Poeta aos triumphos
Dos Olympicos Jogos, nas palestras,
No concurso das luctas,
Que a affectiva unidade á Grecia deram,
Por ordem de Alexandre,
A habitação do Poeta é respeitada,
E que sirva de azylo
Aos descendentes seus, e a foragidos! —

Quando este digno feito de Alexandre
Contavam com assombro,
Pensativo Aristoteles passava;
Dizem, para que elle oiça:
Condiz o Alumno com o maior dos Mestres! —

O Philosopho pára,
Como ferido de um acerbo espinho;
Amargurado exclama:

«Se procedera em Thebas Alexandre
Como meu digno alumno,
O sentimento da Humanidade
Rebaixado não fôra!»

Os Estudantes reentram em Paris, quando lhes vão notificar que fora revogada a prohibição de Aristoteles.

TITIVETILUS:

Vão as Escholas baixas — a abertura
Das Aulas celebrar com Drama sacro;
Os Summulistas é que o representam.

GIL:

Isso de um Drama sacro é fraca ideia,
Quando é levado de vencida o Papa
Com a Rainha Branca de Castella,
E vindicado o grande Stagirita.

TITIVETILUS:

E's Philosopho, és Sabio, mas ignoras
Mesquinhas cousas do terraqueo mundo:
O Drama sacro é Satira pungente
Allusiva á Rainha. O Drama versa
Sobre a Annunciação do *Santo Anjo*
Gabriel, pelo natural sentido.

GIL:

Não percebo em que a Satira consiste.

TITIVETILUS:

Vejo que ignoras o que significa
O motejo corrente nas Escholas
Da *Honteuse connivence*...

GIL:

Nada entendo.

TITIVETILUS:

E' como se designam os amores
Da Rainha viuva, fresca e bella,
Com Romain de *Saint Ange*, esse intrigante,
O Legado do Papa, que promove
As mortandades pelo sul da França.
Vê do Auto hieratico o sentido:
Figurando Gabriel o *Santo Anjo*
Que a Virgem obumbrou; e saber deves,
Segundo as boas regras de direito,
Viuvas ás Virgens são equiparadas
Para os effeitos... scenicos agora.
O Auto hade fazer na Côrte estrondo.

YVES NORMAND:

Com certeza vens assistir comnosco
Ao drama sacro que celebra *Os Zelos*
De José Carpinteiro; tu não faltas
A' grande festa das Escholas baixas;
De mais, é o teu nome em Paris hoje
Mais afamado que o de Gil Corbeil,
O medico do rei Philippe Augusto,
Desde que tu restituiste á vida
A mulher que no Sena se affogara.

GILBERT BRETON:

Nem tu mesmo imaginas o prestigio
Que te rodêa; julgam-te um theurgo,
Simão Mago, Apollonio de Thyane,

Anthemios, Cypriano, Militarius,
Theophilo, Pretorius, Heliodoro,
Um medico, que dá aos mortos vida.

GIL:

Bem longe de me envaidecer a fama,
Entristece-me tanto! Causa pena
A imbecil credulidade humana,
Creando uma atmosphera em que germinam
Exploradores, quer heróes ou santos.

TITIVETILUS:

Algo de novo apprenderás no Auto:
Faze-te Frade, se é que a sério intentas
Entrar no coração de uma Rainha.
Prova eloquente — a *Honteuse connivence*,
Do que te prognostico. E eu me faço
Frade tambem, só para acompanhar-te.

GIL:

No mal, com tal delirio te repastas.

TODOS:

Para as Escholas baixas! Precisamos
Tomar logares para ouvir a peça.

———

Sala dos Actos finaes, toda enramada de verdura; o chão alastrado de feno rescendente.

(Ouve-se um preludio de dulçainas, trompas e atabales; faz-se um profundo silencio, e começa o:)

AUTO DOS ZELOS DE JOSÉ CARPINTEIRO

(No ádito do Templo)

SCENA I

Maria e Elisabeth

MARIA:

Acode-me, prima cara,
Com teu auxilio me assiste:
José anda ha muito triste,
No meu estado repara,
Sem ter crença em prophecias,
E esperanças de Israel;
Vê que está velho, e ell'
Nutre suspeitas sombrias;
Que este filho... bem presumes...
Careço de teus conselhos...

ELISABETH:

Isso é achaque dos velhos:
José está com ciumes?
Hade sempre a mulher nova
Passar por tal anciedade;
Dize-me toda a verdade,
Elle tem alguma prova?

MARIA:

Contra mim ninguem diz nada,
Nem mesmo linguas perversas.

ELISABETH:

Tiveste algumas conversas?...
Foste sempre recatada!
Mas, como foi isso? falla.

MARIA:

Cahida em melancholia,
Minha alma ao findar do dia
Em vago sonho se embala.
Assalta-me intimo ardor,
Quando a scismar me ponho
No irrealisado sonho
Da emoção viva do amor:
Ser nova e sentir-me bella,
E nunca amada ter sido,
Dá-me voltas ao sentido
Que indefinivel anhéla...
E na mais placida hora
Do occaso vespertino,
Tive um impeto divino
De visão consoladora.
Cahi em um devaneio,
Em que perdida a vontade,
Em doce passividade
Se me comprimia o seio.
Não era noite nem dia,
Tambem não era alvorada,
Eu não estava acordada,

E a minha alma não dormia.
Junto de mim eu percebo
Apparição deslumbrante,
De *Santo Anjo*, insinuante,
Um donairoso mancebo.
O meu nome proferindo:
«Maria! inunda-te a graça, ...»
Goso e temor me trespassa
Vêr de perto o aspecto lindo.
«E's a eleita de Iaveh
Entre todas as mulheres...»
— Seja o que tu quizeres,
(Disse-lhe) em ti tenho fé.—
Seu halito fresco embriaga,
A vontade me conquista,
Das cousas se obumbra a vista,
E em um extasis me alaga.
Ah, quando voltei a mim
D'aquelle abalo profundo,
Abriu-se-me na alma um mundo
De esperanças sem fim.

ELISABETH;

Isso foi ha muitos mezes?
Não veiu outra vez ainda?

MARIA:

Do *Santo Anjo* a visão linda
Tive-a ainda duas vezes.
Veiu ao romper do dia,
Apenas transpoz o muro,
Um grandioso futuro
Sorridente me annuncia:

«E's o lirio de Jessé,
Vens do solio de Judá!»
Esta saudação me dá...

ELISABETH:

Cala-te! ahi vem José.

MARIA, *em segredo:*

Nós viemos de Belem
A consultar teu marido,
Para explicar o sentido
Que este mysterio contem.

SCENA II

Os mesmos e José

JOSÉ:

Querida prima, viemos
A consultar Zacharias,
Que explica por prophecias
O que não comprehendemos.

Desde que o Deus de Israel
Lhe restituiu a falla,
A ninguem mais posso dal-a
Minha fé, senão a ell'.

ELISABETH:

Podeis fiar-vos sem custo
Em quanto vos elle diga,
Que o juizo de Deus abriga
Em sua alma o varão justo.

MARIA:

Ainda o não felicitei
Por ter cessado a mudez;
Foi milagre que Deus fez
Ao guarda da sua Lei.

JOSÉ:

Estavamos nós fallando
Em Zacharias agora...

(ELISABETH *vae ao encontro de seu marido* ZACHARIAS, *e segreda com elle algum tempo, saindo depois.)*

SCENA III

José, Zacharias e Maria

ZACHARIAS, *com alegria:*

Eu não vos vejo, senhora,
Não sei bem já desde quando.
Bem vindes a esta choça,
Onde achaes velha amisade;
Certo, grande novidade
Vos traz; farei quanto possa.

MARIA, *maravilhada de o ouvir:*

Este milagre me abala,
Vendo como o antigo mudo
Nos explica agora tudo
Com sentenciosa falla.

JOSÉ:

Que falla corrente e pura!
Para mim sois um Propheta,
Com palavra mais repleta
De luz, que na Escriptura.

ZACHARIAS:

Ha novidades maiores,
De esperanças sem véos...

MARIA:

Elisabeth é mãe?... Céos!
Dos Céos lhe chovam favores.

SCENA IV

Os mesmos e Elisabeth

ELISABETH, *para a prima:*

Deixemol-os á vontade
A tratarem da consulta;
A cousa inda a mais occulta
Elle explicar-lhe hade.

MARIA:

Como Sacerdote entende
Os mysterios da existencia.

(Saem ambas.)

SCENA V

José e Zacharias

ZACHARIAS:

Eis-nos em audiencia;
Consulta, e depois attende.
Direi a verdade toda,
Fallar-te-hei muito a sério,
Tal o impõe meu ministerio!

JOSÉ:

Agrada-me essa moda.
Entro no assumpto de chofre:
Maria é bella e mui nova,
Eu, velho com os pés p'ra cova,
Sem poder guardar tal cofre!

ZACHARIAS:

Sim, occasiões dão azo
Que se rompa um certo empacho;
Eu velho tambem me acho,
Como tu, no mesmo caso.

JOSÉ:

Maria apparece agora...

ZACHARIAS, *interrompendo:*

Pois Maria vae ser mãe?
Elisabeth tambem
Dá-me essa consoladora
Satisfação de um herdeiro!

JOSÉ:

Este ciume secreto
De que eu ando repleto,
Dizei-me se é verdadeiro?

ZACHARIAS:

Ao Senhor um sacrificio
Fazer-lhe prompto careço,
Porque assim, crente, lhe peço
Me dê juizo propicio.

(Corre-se o véo ao fundo, apparece o altar; de um e outro lado MARIA *e* ELISABETH, *que entrega ao marido um casal de pombas.)*

SCENA VI

Zacharias, José, Maria e Elisabeth

ZACHARIAS, *offerecendo as aves:*

Em toda a realidade
Um lado ideal existe,
Na união d'elles consiste
A essencia da Verdade!

Essa alta revelação
No real se consubstancia;
Ao manifestar-se um dia
Será a Encarnação.

(Voltando-se para José)

Tu és o aspecto do real,
Da amarga existencia o grito.

(Apontando para Maria)

E ella do infinito
Recebeu influxo ideal.
Da Grecia percebo a voz
Da philosophia audaz:
O *Verbo carne se faz,*
E esse mysterio sois vós.

José:

Não sei bem como isso é,
A entender tal quem se atreve?

Zacharias:

Ouve uma explicação breve,
Vê se comprehendes, José!

Na India a ideia de Buddha
Simplice e abstracta nasce;
Religião immensa faz-se
Se aos povos mongóes se muda!
Tal o Verbo do Messias
Aqui na raça semita,
Toma expressão infinita
Rompendo por novas vias:
Tornar-se-ha ideal fecundo
Dos Arias na grande raça,
E um diluvio de Graça
Espalhando em todo o mundo.
Assim parece o pequeno
Que á luz hade dar Maria,
O Ideal consubstancia
No seu aspecto terreno.
E's pae putativo, á letra,
Sabes que a Lei não engana;
E conforme a Lei romana,
Pater est quem ... etcétera.

Pelo seu lado ideal,
O Filho, com Amor tanto,
Foi gerado pelo Santo
Espirito universal,
Que não conhece Nações,
Codigos, fronteira ou raça,
Que as almas todas congrassa
Nas mesmas aspirações.
Obedece á Lei romana;
Filho do Amor, a criança
Vem iniciar a esperança
Na Fraternidade humana.

(José *e* Maria *abraçam-se, e os quatro rejubilam-se:)*

TODOS:

Entre toda esta lida
E o que se vê cada dia,
Com muita Philosophia
Tem de se levar a vida.

(Grande farandola dos Summulistas e Donatistas depois de terminado o Auto.)

Yves Normand, *para* Gil:

Que tal achaste o Auto? tem seu chiste.

Gil:

De tudo quanto vi, o que me encanta
E' notar o phenomeno curioso
Da moderna creação do Drama sacro,
A nova fórma de Arte d'estes tempos.
Que revelação bella a que assistimos!
Com mais futuro que as Canções de Gesta,
Que os lyricos cantares da Provença,
Imitados na Côrte agora tanto!

Yves Normand:

O aspecto universal é que domina
Em tudo o teu criterio e sentimento.

TITIVETILUS:

Eu posso affiançar-vos, que esta pedra
Pela Universidade arremessada
Contra a Côrte pelas Escholas baixas,
Vae ter seu recochete. Háde a Rainha
Appresentar nas festas do palacio
O espectaculo novo: um Drama sacro,
Mostrando a Fé explicita, imposta
A' rasão, á vontade, ao sentimento!
E tu, Gil, tu assistirás á festa;
O nome teu glorioso dá-te entrada
Em toda a parte, bem melhor que as senhas
Das Covas de Toledo...

GIL, *atalhando:*

Tem caut

YVES NORMAND:

Mais alegre que o D é o Appar
Da annual *Investi* *jaune.*
Approximam-se as preciso
Organisar com mui ncia
A Cerimonia douto e.
Gil, farás de *Decan*

GILBER

O papel de *Depositor*,
Dando o grão ao estoli

CONRAD L'ALLEMAND:

Eu recito a *Vexatio* divertida.

YVES NORMAND:

As *Captiosae Quaestiunculae* competem-me.
Só falta o *Becjaune*, que supporte
Da *Depositio* as violentas scenas.

TODOS:

Seja Titivetilus o *Becjaune*,
Por chronico Escholar o gráo lhe cabe.

TITIVETILUS:

Nunca o Diabo quiz nada com rapazes.

(Escapa-se com esgares, dando uivos e desapparecendo.)

2.° Quadro — A INVESTIDA DO BECJAUNE

No Petit Pont, de passagem para Santa Genoveva.

THOMAZ SCOTTO, *encontrando casualmente* GIL DE VALADARES:

Depois d'aquella noite, em que o teu nome
No *Livro dos Irmãos do Livre Espirito*
Inscripto foi, eu não logrei mais vêr-te!
Tinhas febril, indomita anciedade
De partires para Paris de prompto!
Eu assisti á jovial Symposia
Das Covas de San Gines. Na alvorada
Partiram tambem todos de Toledo,
Escholares Errantes, e eu com elles.

GIL DE VALADARES:

A Abbadia de Farfa visitaste?
Diversão, que dá que contar á farta,
Historias picarescas, mil facecias.
Que finos lances para Novellistas,
Moraes Exemplos para prégadores!

THOMAZ SCOTTO:

Fui mais longe! Maior curiosidade
Me aguçou o espirito, confesso-o.
A' sahida das Covas de San Gines,
Nos impetos de uma alegria doida,
Uns Escholares foram para Farfa,
Preferem outros ir á descoberta
Do *Embigo do Mundo!* Eu fui com estes.

GIL:

E' a primeira vez que ouço tal phrase
Do *Embigò do Mundo*, a que não ligo
A mais superficial e vaga ideia.

THOMAZ SCOTTO:

Já vês, pois, que em Paris não é sómente
Onde os grandes problemas se debatem;
O do *Embigo do Mundo*, que te é extranho,
Digno é de Sabios ser considerado.
Sem preambulos digo em que consiste:
Mathematicos gregos fundamentam
Da terra a redondeza. Conhecidos
Os Pontos cardeaes, que o espaço orientam,
E entrecruzando duas linhas, indo
Do Norte a Sul, de Leste para Oéste,
Na sua intersecção tal ponto marca
Região ignorada sobre o orbe
A que *Embigo do Mundo* o nome deram.
As difficuldades do encontro
Da mysteriosa Região derivam
Do actual atrazo dos conhecimentos
Da Geometria, agora reduzida
A linhas cabalisticas e emblemas.
Nós fomos á procura do tal ponto
De intersecção, guiados por um Mappa
Por um Monge a velho arabe comprado...

GIL:

E a desejada descoberta fez-se?

THOMAZ SCOTTO:

A' região sul-oriental da Europa
Avançámos conforme o Mappa indica;
O angulo formado pelas linhas
Na intersecção, em Africa assentara
Na região, que ouvi denominada
Pelo *Reino do Preste João das Indias.*

GIL:

Levou-se ao fim a singular empreza?

THOMAZ SCOTTO:

Não achei quem ousasse acompanhar-me;
Não perdi meu trabalho; esta noticia
Do *Preste João* hade acordar agora
No mundo um interesse vivo, ardente
Para as Expedições aventurosas
Dos franciscanos Missionarios, antes
De irem lá italianos mercadores!
Certo serão expedições proficuas,
Mais que a Cruzada, exaltação, que, estulta
Mina o Poder senhorial da Eurcpa.

GIL:

Porque deixaste os Escholares, vindo
N'esta fornalha ardente das ideias,
Em Paris confinar-te?

THOMAZ SCOTTO:

Tu bem sabes,
Quem vive pelo Pensamento, anceia
De Paris respirar n'esta atmosphera
Das ruidosas Escholas, no convivio
Dos lucidos espiritos. Noticia
Tive das *Treze Thezes*, que sustenta
O Doutor Sigier de Brabant, homem
De uma audacia mental que espanta Roma.
Quero escutal-o nos *Impossibilia*,
E n'esses *Quodlibetos*, que ultrapassam
Conclusões radicaes dos pensadores.
Vem tu d'ahi commigo á Rua Fuarre.

GIL:

Eu com gosto acompanho-te; máo grado
Ter-me inclinado mais para o estudo
Do *Phenomeno*, as *Relações* deixando
Aos que se entregam ás verbaes miragens
De Ontologismos e Cathegorias.

THOMAZ SCOTTO:

Na Sciencia da Medicina é hoje
Teu nome confundido ou egualado
Ao de Egydio Salernitano! Cedo
Vives na lenda; as tuas grandes curas
Attribuir-se-hão a Pacto com o Diabo,
Como contam de Gérber, que cursára,
Escholar da Abbadia de Aurillac,
Em Hespanha os arábicos estudos,
O que foi Arcebispo de Ravena,
E ascendeu ao pontificio solio.

GIL:

Ah, Sylvestre Segundo. A' rua Fuarre;
Do Doutor Sigier hora é do curso.

Sala das Leituras, tendo pelo chão muito feno cheiroso; o Doutor Sigier de gôrro na cabeça, em cathedra erguida ao fundo; Escholares em frente escrevendo sobre suas pastas as Apostillas.

DOUTOR SIGIER, *de pé, dizendo a Oração inicial das lições:*

As Linguas de fogo
Baixando dos céos
Instantaneas, logo
Rasgaram os véos
Ao sellado arcâno,
Do Saber humano
Continuo obstaculo!

N'este outro Cenáculo,
O Espirito Santo
A Luz, almo encanto,
A's mentes envie,
E esclareça tanto,
Que intensa nos guie
Da Sciencia ao pináculo.

(Os ESCHOLARES, *preparam as pastas para apostillarem o ditado do Magister, que se assenta e discursa:)*

Disse Abaillard: Entre o Conhecimento
In re ou *Ad rem*, ha o Conceito,
Que é formado *Post rem*. Assim o Sabio
Conseguiu estabelecer concordia
Nos arraiaes ha tanto inconciliaveis
Dos Realistas e Nominalistas.
O que é pois o Conceito? E' um estado
De Consciencia, em que a Subjectividade,
Criticadas as impressões primeiras
Da espontaneidade primitiva,
N'uma Synthese racional se torna:
Preponderancia da Intelligencia
Na Ordem objectiva do universo.

A este gráo que o Pensamento alcança,
Compete dirigir o Sentimento:
A consciente emoção, que estabeleça
Nos Dogmas absolutos a harmonia
De um Conceptualismo relativo
Ao destino, á finalidade humana.
Religiões *espontaneas*, *reveladas*,
Dissolvem-se em ficções futeis, gratuitas,
Por inconscientes ou por absolutas.
No fim humano está o objectivo
Da Synthese moral, verificavel.

(O DOUTOR SIGIER, *espera momentos para que acabem de trasladar a apostilla.)*

Das Religiões qual o terceiro termo
Ou a phase consciente, *demonstrada?*
Deduz-se pela progressão da historia:

A Lei Velha a noção nos communica
De um Creador, o Pae, que elabora
Só pelas forças da *Fatalidade*
Os Mundos! E essas forças se prolongam
Pelas fórmas da existencia humana,
Impellindo emotivamente a Especie
Para incessante lucta. Em seus conflictos
E' que funda a *Familia*, a *Propriedade*,
A pastoral, rural, fabril *Industria*,
Religiões, *Governos* e *Direitos*,
Sob o egoismo bruto dos Instinctos,
Das Paixões implacaveis. N'esta lucta,
Estabelece-se o moral Consenso
Sobre a estabilidade dos Costumes,
Germen da Ordem social vindoura.

Fez-se Noção moral o simples germen
De um presentido e tenue altruismo:
Foi o *Verbo*, a palavra que edifica,
Ou o Filho, que pelo Sacrificio
D'esse altruismo representa o Exemplo,
Que ás multidões suggere o Sentimento
Do perdão mutuo e da Paz entre homens.

O Sentimento irreflectido e simples,
Foi-se tornando uma passividade,
Em um estado apáthico da Alma,
Conduzindo-a ao sombrio *Tedium vitae!*
Realisou-se a Paz, amortecendo
As relações sociaes. Então o *Verbo*
Degenera em especulações abstractas
Do *Logos*, dos theologicos Doutores.

Fulge do Santo Espirito a éra nova,
Representada na affectividade:
O Amor universal, que se diffunde
Pela Concordia plena! Alfim, o homem
Velhas hostilidades instinctivas
Em si reconhecendo, se liberta
Da Chimera divina, e entra n'essa hora,
Tornado Providencia de si proprio,
Na pósse do pacifico destino.

(O DOUTOR SIGIER, *volve a pagina recapitulando :)*

Foi a Edade do Pae — a da *Fé* cega,
Através das Fatalidades crúas!
A Edade do Filho promettera
A serena *Esperança,* desmentida
Por decepções tremendas do Milennio.
Fulge do Santo Espirito a Edade
Da — Charitas — o *Amor,* que identifica
Pela effusão sympathica as Consciencias.

(Os alumnos vão sahindo ruidosamente; ficam conversando ao sair da porta DANTE *e* GIL DE VALADARES.*)*

DANTE:

Comprehendo que se entra na Era nova
Do Santo Espirito, como a define
Abaillard; mas quem tem levado longe
A fórmula da Synthese affectiva,
Foi solitario monge da Calabria,
Joachim de Flores, no *Evangelho Eterno.*

GIL:

Todas essas doutrinas se resumem
No ideal do Amor. Eu isso encontro
Com mais brilho nas concepções dos Gregos;
São as ideias órphicas. Observa:
O Christianismo, que se impõe triumphante
A' Civilisação do mundo antigo,
Renegando-a pelo pagão estigma,
E' a renovação no povo ingenuo
Do Orphismo tradicional, mantido
Entre os hellenos pensadores. Hoje
Esse renascimento é o que inspira
O Lyrismo dos nobres Trovadores,
E nos Padres da Egreja é que suscita,
Como em San Bernardo, o Sentimento
Que para a união mystica os eleva...
Philosophos, como Abaillard, nos abrem
A Renascença bella do Hellenismo.

DANTE:

Pensas bem; teu espirito é dotado
De alta e excepcional capacidade
Para relacionar antecedentes,
Nos concretos phenomenos da Sciencia.
O meu cerebro póde sem esforço
Universalisar a abstracta ideia
Em Symbolos, que o Sentimento exprimem.
Esse *Amor ideal*, de que nos fallam
Tanto os Neo-platonicos philosophos,
Como os Christãos espiritualistas,
Necessita de um Symbolo eloquente
Que se veja, impressione e arrebate.

A' ideia da Mulher o *Amor* conduz-nos;
Ascendendo pela abstracção se alcança
Clara visão do *Eterno feminino.*
Como conciliar ambos os termos,
O Real e Ideal? Os Trovadores,
Cantam o Amor pela Mulher apenas;
Os Mysticos vão pela sympathia
Ao completo abandono de si mesmos;
O vivo, *ideal Amor* se representa
Na Mulher forte, a Virgem-Mãe, imagem
Da entidade, que pelo soffrimento
Define a Especie na continuidade
Das gerações no tempo — a visão nova
Da Humanidade, da qual sômos filhos.

Oh *Mater dolorosa!* no teu seio
Nos trouxeste e alentaste; a ti voltamos,
Pelo amor em teu seio se incorporam
Além da morte esses que muito amaram.
E como a Humanidade é constituida
Por cada geração que se succede,
Oh Virgem-Mãe, és filha dos teus filhos.

GIL:

Sei que te ergueste da paixão terrena
Da Mulher, aos sympathicos impulsos
De Beatriz de Portinari, quando
No horisonte da vida fulgiu breve.
A' concepção do *Eterno feminino*
Subindo, o alto ideal te inspira o verso:
Vergine Madre, figlia del tuo Figlio.

Tambem senti o dominante anhelo
Que me levou ao Extasi, ampliando
Fóra de mim a vida no altruismo
Que hoje me absorve a mente na Sciencia.

DANTE:

Eu prefiro os aspectos da Poesia.
Carece de Arte viva a alma moderna,
Novos Symbolos claros, expressivos.

GIL:

Para que acção universal exerçam,
Importa dar-lhes fórma religiosa...

(Separam-se na rua das Sete Vias, quando JORDÃO DE SAXE *e* UMBERTO *se approximam de* GIL.)

JORDÃO DE SAXE:

Sobre o poder dos Symbolos fallavas
No seu aspecto religioso. Encanta
Ouvir os peregrinos pensamentos
Pelo Escholar italiano expostos;
O Ideal da Virgem-Mãe eleva as almas.
Eu e o meu companheiro Umberto, sômos
Irmãos da Virgem, Ordem que fundada
Foi por Domingos de Gusmão, e o Papa,
Pouco ha, denominou dos Prégadores.
Que brilhante futuro alcançarias
Se n'essa Ordem entrasses!

GIL:

Quanto, adiante
Passei já d'esse estado de consciencia.
Credibile non scibile.

JORDÃO:

Por vezes,
E com surpreza, tocam-se os extremos.
Saulo e Paulo não são um mesmo homem?
Todo o homem socialmente deve
Entrar em uma classe que dê força,
Que o eleve e por ella prepondere.
O homem isolado, por talento
Maior e assombroso que possúa,
E' impotente, e nunca acção exerce:
Ignorada será sua virtude,
Invertidas as intenções mais puras!
No systema social mantém a Egreja
A poderosa classe, contraposta
A' esphera civil: em perspectiva
Tem o Presbytero ante si um throno.
Um Exemplo confirma o meu juizo:

Um dia o Merecimento
Topando com a Fortuna,
Travaram conhecimento;
Occasião opportuna
De viajar a salvamento.

Indo ambos por uma estrada
Temerosa, solitaria,
De bandidos salteada,
E muita féra alimaria,
O Merecimento brada:

— Com tanto rosto inimigo,
Entre trabalhos insanos,
Colhendo mil desenganos,
Sem nunca topar comtigo
Passaram-se tantos annos!

«Pois eu? Sempre em meu caminho
Me topou o que ha mais raso,
Vil, mediocre e mesquinho!
— Quem nos ajuntou?
Baixinho:
= Eu! = disse ao passar o Acaso.

GIL:

Certo a exercer acção social aspiro.
Tenho um Ideal que sirvo; elle me incita
A diffundir o Bem e a Verdade,
Implicitos na Sciencia.

UMBERTO:

E' impotente
A Sciencia em crear Symbolos, que fallem
A's almas, dando accordo aos Sentimentos,
Universalisando-se as Ideias.
Que eloquentes os Symbolos da Egreja!

O Baptismo, ou segundo nascimento,
O Santo Graal, o Calyx da Concordia.
Quanto domina em todos os Estados
O *Annel do Pescador!* quando fulgura
De Innocencio Terceiro na mão firme,
Nas de Gregorio Septimo e do Nono!

GIL:

O *Annel do Pescador!* mesquinho emblema
Do espiritual Poder, que se desvia
Do ascendente moral. Sente-se o Papa
Sem apoio nas livres consciencias;
Mal sabe elle se verdadeiro ou falso
E' o *Annel do Pescador*, na crise
Que hoje o Poder espiritual abala.

Quando sentira approximar-se a morte,
O Pescador chamou trez dos mais crentes
Dos Discipulos seus; — a sós entrega
Trez Anneis, e que entre si escolham
Um, que é o Talisman que salva as almas.

Pelo brilho exterior agarrou Pedro
Um dos Anneis, e logo a Fé impondo,
Materialmente submettendo á Letra,
Sem se occupar do intimo sentido.
Ao assenso das naturezas rudes,
Fanatisadas, debeis e propensas
A' passiva, absoluta obediencia,
Chamou-lhe a *Fé explicita*, que salva
Renunciando á rasão e entendimento.

TITIVETILUS, *com ironia:*

O elemento *judaico*, dominante
Na Egreja, e que a avidez lhe acirra
Dos bens terrestres, simonias torpes.

GIL:

O outro *Annel*, é esse que transmitte
Da suprema vontade o Arbitrio ou Graça;
Detesta a Tradição do Jehovismo,
Praticas cultuaes, Credos antigos,
E as especulações de Academias.
Foi este Annel parar ás mãos de Paulo.

TITIVETILUS:

O *Hellenismo*, que illuminou a Egreja,
Que lhe insuflou quanto ella tem de bello.

GIL:

O derradeiro *Annel* a Thiago coube:
Pelas *Obras* a Fé se vivifica,
Sendo a causa da Graça efficiente.

JORDÃO:

Trez caminhos, que ao mesmo fim conduzem

UMBERTO:

As *Obras* — a missão dos Prégadores.

TITIVETILUS, *com sarcasmo:*

Levando a ferro e fogo o sul da França,
Na Cruzada iniciada por Domingos.

N'este Jogo dos *Trez Anneis*, foi Pedro
Quem ganhou a partida; não que fosse
Verdadeiro o *Sigillum Piscatoris*,
De que elle usou; mas porque o lado egoista
E inferior da natureza humana
Elle soube explorar.

JORDÃO DE SAXE, *para* GIL:

A' anatomia
Que habilmente da Religião fizeste,
Tu, na fibra do Amor, tal como falla
San Paulo, na Epistola aos Corynthios,
Nem de longe tocaste. Letra morta
São sem Amor a crença e a doutrina,
As obras e o completo sacrificio.
E's portuguez, — tu sem amar não vives.
Por Côrtes senhoriaes andar cantando
De amor em Canções bellas; em torneios
Quebrar lanças por donairosas damas,
Ou por tavernas, como os goliardos,
E' tudo isso mesquinho, transitorio.
Do Amor na Philosophia achaste
Uma theoria abstracta, mas despida
De popular e universal relêvo.
Só na forma do Symbolo religioso,
Que se torna imponente e expressivo,
Tiveste a intuição do incomparavel
Da Virgem-Mãe o Symbolo sublime.

GIL:

Mas quando representa a Humanidade.

UMBERTO:

Sobre o *Annel do Pescador* fallaste;
Em tua mão uma esmeralda brilha,
Onde vejo gravada a imagem bella
Da Virgem pelo Anjo annunciada.

GIL:

Deu-m'o Thomaz Scotto, como sendo
Um talisman de poderoso influxo.

TITIVETILUS, *à parte:*

No Thezouro de Guarrazar me lembro
Ter lá visto esse Annel. Eu não duvido
Que seja um talisman, que a Gil liberte
D'este anarchico impulso de revolta.

JORDÃO:

Esse Annel approxima-nos bastante!
Tu pelo ideal humano, em nós o voto,
Somos *Irmãos da Virgem.*

TITIVETILUS:

Gil! cautella.
A Religião infiltra-se, qual virus,
Pelo automatismo: é como as manhas
Bôas ou más, que em habito se tornam.
Credere voluntatis est! disse-o
Santo Agostinho pela experiencia,
Passando de philosopho a asceta.
Fé explicita é quanto a Egreja exige,
Com bem pouco illaquêa ao seu dominio.
Estás meio theologo... a caminho...

UMBERTO:

Aquella rapariga que salvaste,
Duranda, fez o voto de clausura,
E grata, por ti resa cada dia.

GIL, *em concentração, recordando-se:*

Aquella inexplicavel semelhança
Com Heresta, deixou-me na alma triste
Impressão indizivel. Se eu podesse
A' rasão restituil-a, á consciencia,
A Rainha divorciada! A's vezes
Presinto, que no extremo do delirio...
Se a Sciencia impotente a não arranca
Da loucura, — a revolta, o desespero
A uma Ordem monachal me arroja!

TITIVETILUS:

Li no teu pensamento. E já declaro:
Se em uma Ordem monachal entrares,
Eu te acompanho como Irmão converso.
Do Diabo prégador imito a lenda;
Dou um bom Frei João, na realidade.

(Apparecem com grande azafama THOMAZ SCOTTO, YVES, GILBERTO *e* CONRADO.*)*

THOMAZ SCOTTO, *para* GIL:

No Clos Bruneau estão á tua espera
Na festa escholaresca, consagrada
Dos Cursos todos ao encerramento.

YVES, *em segredo, para* GIL:

Faz-se a Scena da *Depositio* hoje.

GIL:

E o *Becjaune?*

YVES:

Será o Escholar pobre.

(YVES *e* CONRAD *mettem logo o braço a* TITIVETILUS, *levando-o.)*

TITIVETILUS, *em risota:*

Nada me aterra; ignoro o que é ter medo.
Mas antes de partir tendes de ouvir-me:

O philosopho Pirro,
Cujo nome é synonimo de teima,
Sempre em contradição com a toleima,
Aos acerbos sarcasmos recorria.
Com elle eu não embirro.

Em uma barca, um dia,
Viajando com varios passageiros,
Desencadeou-se uma horrida procella;
Com raios e aguaceiros
Quasi se afunda a fragil caravella.

Pávida a afflicta gente,
Erguendo as palmas para o escuro céo,
Supplicava piedade
Rogando humilde e crente
Do mar á Divindade,
Que applaque o escarcéo.

Deante do alarido ensurdescente,
Não póde contêr Pirro uma ironia,
Vendo o quadro da humana covardia.
Ia tambem no barco
Bem deitado de borco,
Um corpulento porco,
Em comer farelada nada parco;

E até parecia,
Que o fragor da medonha tempestade
Lhe aguçava ainda mais voracidade.
— De certo, elle não tem
Medo de ir como todos nós ao Orco!
(Disse Pirro, com gélido desdem.)
Que exemplo este de serenidade!
Quando tememos os penhascos broncos
E a tremebunda Syrte,
Por certo nos teus roncos,
Oh cevado, hasde rir-te
Do homem racional que te despreza,
Quando a alma tem a mil terrores preza! —

Sala no Clos Bruneau, revestida de capas, com apparato para o Gráo doutoral; — Escholares fingindo Cathedraticos com as côres das Faculdades, Bedel com maça, Verdeaes com alabardas.

Scenas da Depositio

I

Absurdae vestiae

Na Sala entra o *Becjaune.* Gargalhada
Estrondosa, geral; reconheceram
Titivetilus, o Escholar pobre.
Traz largas fraldas, mas a sciencia nulla;
Ampla capa, de côres variegadas,
Como jardim de flores; tem remendos

Que parecem emplastos ou chapadas.
Traz orelhas teterrimas de burro,
Na cabeça encaixadas, com reforço
De um par de cornos, como de boi bento;
Uma dentuça branca de javardo,
Symbolisando a estupidez do cêrdo.

II

Vexatio

Ante o *Depósitor* lançam por terra
A seus pés o *Becjaune* estatelado,
Como um intruso monstro de rudeza
Entre a fina e escholaresca gente:

«E' necessario aperfeiçoar o bicho,
Como alisa o rebote um bronco cêpo.»

Um *Raboteur* vem-lhe limar os cascos
Com uma groza enorme; eis que outro corta
Com um serrote a larga cornadura;
O das tenazes a dentuça arranca.
Por fim com uma plaina, de alto a baixo
O *Raboteur* o alisa, e alevanta
Restituido á figura humana.

Em seguida, n'um banco toma assento,
A cara lhe bezuntam com pós pretos;
Lavadeiro e barbeiro das Escholas
O esfrega e pentêa, unhas lhe aparam,
Já tem direito á posição erecta,
Para andar de dois pés, como a mais gente.

III

Captiosae Questiunculae

Começa a Ostentação; diz o Arguente:

— Explique a phrase: *Dèus non est in coelo.* —

O *Becjaune* logo exclamou:

«Distingo:
Tal phrase contradiz o *Pater noster,*
Qui est in coelo, mas no céo não come;
Pois que *est* é voz de *Edo, Deus non est.*
Pertencendo *est* á terceira pessoa,
Logo a existencia da Trindade nego.
Pedindo a Deus o pão quotidiano,
E' a Oração dominical absurda.

Na fórma negativa é verdadeira
Do Doutor Sigier a insigne these:
Utrum Deus est? Por que Deus não come,
Logo *Non est,* em conclusão perfeita.»

Outro Arguente o inquire em *Impossibilia.*
Formúla o Escholar pobre sorridente:
«E' com Deus o Diabo coeterno;
«Alma immortal, Materia indestructivel,
São fórmas de uma unica energia.»

O *Depósitor* então o interrompe;
Tira-lhe da algibeira e lê a conta
Do ferrador e da estrebaria
Onde esteve hospedado na viagem
Que fez para Paris.
Grandes risadas!
De novo o *Raboteur* vem aplainal-o.

Sobre o valor dos nomes alchimistas
E' a novas perguntas submettido:

— *Leite de vaca negra*, em que consiste?
«E' Mercurio tirado do Enxofre.
— E *Bilis de Serpente?* «E' o Azougue.
— E *Semente de Venus?* «Flor de Cobre.
— E *Sangue de Vulcano?* «A Artemisia.

IV

O Decano

Declara o Presidente, que o *Becjaune*
E' digno de que o gráo se lhe confira.
Mette-lhe sal na bocca, para prova
Que de ora em diante ficará isempto
Do nome de *Becjaune* ignominioso.
E em vez do Discurso ao Doutorando,
Soltou a imprecação:
— Tabu! —
Palavra
De esconjuro fatal! Titivetilus

Gil no seu retiro, medita na improficuidade da *Sciencia* separada da *Acção*.

A' mesa do banquete
Sentia-se nauseado
O ricaço opulento
Com um mortal fastio.
Contra iguarias tantas arremette
O olhar famulento
De pobre esfarrapado,
Que com magoa sorriu:

— Aquelle, tem manjares
De que nem sei o nome,
Mas nenhum o appetite lhe provoca!
E eu, que tenho fome,
Faço cruzes na bocca.
Se a situação mudassem os azares,
Qual ganhára na troca? —

*

A's vezes, representam
Qualquer situação casual da vida
Todo o destino humano:
Como o opulento á meza,
O Rei boçal, o banalão Ministro,
Nada de bom, de grande ou justo intentam;
A publica riqueza
E' estupidamente dispendida
No delirio esteril e insano
Do seu Poder sinistro.

Tambem o pensador, no absorto Ideal
Possue doutrinas, altas concepções;
Os thezouros dos geniaes lazeres
Legando ás gerações,
Vive na impotencia material.

Quando será que estes dois Poderes
Se alliem n'uma mutua dependencia,
Dando ao consciente esforço convergencia?
Até lá, vae a sociedade humana,
Mesquinha caravana
De atormentados sêres,
Invalidos, dementes,
Levada por tendencias espontaneas,
No meio atroz de insanias
Que torna a *Ideia* e a *Acção* sempre impotentes.

PARTE III

O PODER

JORNADA QUINTA

A CORTE DE BRANCA DE CASTELLA

Ao levantar a cabeça de cima de um livro arabe de Medicina, Gil de Valadares vê diante de si com um aspecto luminoso a apparição do

Leproso:

Jurou de ti vingar-se o Escholar pobre,
Tramando a que te arrojem á fogueira
Por crimes de Magia e de Heresia.
Jurou que hade atiçar na Praça as brazas,
E as cinzas tuas espalhar ao vento.
Quer preparar-te uma aziaga sorte
Egual á do Doutor Sigier, que exceda
De Simon de Tournay a dor horrenda,
Que o suór do discipulo lhe incute.
O Annel teu de esmeralda tem a imagem
Da Virgem, — talisman que te defende:
Beija-o de cada vez, e serás livre.
Pódem muito com Branca de Castella
Jordão de Saxe e Umberto, *Irmãos da Virgem*,
São sinceros; teu coração lhes abre.

(A apparição esvaece-se com a entrada de)

THOMAZ SCOTTO:

De Portugal grandes noticias correm!

GIL:

Ha tantos annos que não tenho novas
Da amada patria, que eu em sonhos vejo...
Nada me causaria mais agrado,
Que o saber o que vae por minha terra.

THOMAZ SCOTTO:

Chegou á Côrte o Principe, de nome
Dom Affonso.

GIL:

O irmão de Elrei Dom Sancho.

THOMAZ SCOTTO:

Regressa da Allemanha, dos torneios
Onde mostrou extrema galhardia.
Tambem muitos Fidalgos portuguezes,
Vencidos pelo Rei Sancho Segundo,
Que na Lide do Porto os derrotára,
Vêm em Paris refugiar-se agora,
Junto ao Principe a procurar auxilio.

GIL:

A mesma ardente lucta continuada
Do pae ao filho, altivos sustentando
Do Poder real a independente esphera.
Os Fidalgos não cansam de investil-a!
Entram Prelados na violenta lide?

THOMAZ SCOTTO:

Disseram, que de Braga o Arcebispo
E o Bispo de Coimbra estão em Roma
Capitulando contra o Rei Dom Sancho,
Reclamando do Clero a immunidade.
Frades Dominicanos, Minoritas,
Rivaes, contra o Poder real se entendem.

GIL:

Por toda a parte vê-se ininterrupto
Dos Dois Poderes o conflicto ardente.
Mas nenhum sabe em que o Poder consiste!

THOMAZ SCOTTO:

Explica-me o sentido da palavra
De execração — *Tabu!* — que proferida
Fez fugir com fragor o Escholar pobre.

GIL:

Sobre a Pedra focal *Tabit*, o Fogo
Era ao culto dos Mortos consagrado;
E em volta d'essa pedra negra ou ára

Reunindo-se a Familia primitiva,
Defendia-a da promiscuidade,
Inspirando aversão ao communismo.
Tabuda, a ilha Escaut era chamada
Por lá serem guardadas com mysterio
As Sepulturas dos Antepassados;
Era a antiga *Thebaida* dos Sepulchros
O sagrado deposito do Egypto.
No destino social, religioso,
Resto do Culto consagrado aos Mortos,
A palavra *Tabu* encontra origem;
Da sanctificação dos mortos resta
Pavor, a execração *Tabu*, que afasta
Por invencivel medo o vulgo ignaro.

(Um Pagem da Côrte entrega uma carta a GIL, *que a lê immediatamente.)*

Como Medico, sou chamado á pressa
A' Côrte da Rainha.

THOMAZ SCOTTO:

Bem t'o disse,
Que a Egydio Salernitano excedes.
Junto de Reis, de tudo estás seguro,
Posto ao lado do cabo do chicote.

(Sdem.)

1.º Quadro — HONTEUSE CONNIVENCE

No vestibulo do Palacio real, encontra-se á sahida o Medico com

JORDÃO DE SAXE:

Por ordem da Rainha vieste á Côrte.
Desde que aqui chegou esse garboso
Principe Dom Affonso, anda doente...

GIL, *surprehendido:*

Quem?

JORDÃO:

Mathilde, a Condessa de Bolonha,
Que é da Rainha a Dama favorita,
Que os seus segredos e projectos sabe.

GIL:

Foi para vêl-a, que aqui vim ao paço.
Perturbações nervosas e deliquios,
Fastio, insomnias e quebrantamento,
Palpitações, vapôres...

JORDÃO:

A' consulta
O Principe assistiu?

GIL:

Em companhia
Da Rainha elle entrou; n'esse momento
Que a Condessa Mathilde o viu, na face
Vivo rubor insólito se espalha,
O olhar brilha animado, e transparece
Com a luz de alegria convulsiva.
Como na côrte de Seleuco outr'ora,
O saber de Erasistrato me guia;
Descobri a doença. Como a triága
Indicar?

JORDÃO:

O prognostico é bem feito;
Mas o remedio ao Principe compete.

GIL:

De circumstancias mil depende a cura.
E' o Principe brioso cavalleiro,
Ser Conde pela róca não lhe quadra.
N'esta lucta, em que Bispos e Fidalgos
Se insurgem contra o Rei Sancho Segundo,
E em redor do irmão vêm ajuntar-se,
O Principe é tambem um foragido,
Homem sem patria!

JORDÃO:

Um Conde de Bolonha,
Auxiliando a Rainha estes amores.

GIL:

Pundonoroso e pratico é Affonso,
Pelas Côrtes do Norte celebrado,
De valentia por soberbos rasgos!
Hade querer só desposar Princeza
Que traga uma Corôa, um throno. Altas
Ambições tem sua alma generosa.

JORDÃO:

Se o Legado do Papa protegesse
Este nascente idylio, pois se entende
Bem intimo com a Rainha Branca!
A Romain de Saint Ange ella obedece.

GIL:

Como Nobreza e Clero estão em lucta
Contra a Realeza em Portugal, suspeito
Que o amor da Condessa de Bolonha
Venha a ser a faísca incendiaria
Que abale um throno...

JORDÃO:

E que outro se alevante.

(Apartam-se ao vêrem approximar-se gente.)

Nos Jardins do palacio a joven Rainha viuva BRANCA DE CASTELLA, passeando com MATHILDE, Condessa de Bolonha, nova e recentemente viuva.

A RAINHA:

A's vezes rio-me involuntariamente
Da minha situação. Rainha e viuva,
Mas nova... Quanto esforço e habilidade
E' preciso para eu trazer submissos,
N'esta menoridade de meu filho,
De França os grandes Condes prepotentes!
Todos elles á minha mão de esposa
Aspiram, para incorporar seus Feudos
Na Corôa, ascendendo á Monarchia.
Se um d'elles preferisse, os outros todos
Inimigos mortaes meus se mostravam,
E nunca mais havia paz em França,
Nem chegaria a constituir-se o Reino.

MATHILDE:

Pasmosa habilidade, com que aos Nobres
Distrahidos trazeis, alimentando
Indefinidas, vagas esperanças!

RAINHA:

De Romain de Saint Ange é o conselho...
Mas, trabalhando para evitar sempre
Um casamento que os Barões ferisse,
N'um casamento todo o empenho envido
Em vêr realisado, — é o teu, Mathilde.

MATHILDE:

Sempre bondosa! Sempre complacente!
Já vos não contentaes no animo vosso
Que eu, Condessa de Bolonha, e viuva
O Principe de Portugal despose;
Mas fazer-me quereis tambem Rainha!

RAINHA:

E hasde sel-o. Em Portugal vão grandes
Revoltas dos Fidalgos, levantados
Contra Sancho Segundo, irmão de Affonso;
Em minha Côrte, numerosos Nobres
Foragidos de Portugal se encontram:
Valadares, Aboins, Portocarreros,
Raymondos, Baiões, Viegas; nenhum d'elles
Poderá regressar á patria cara
Sem que o Monarcha seja destituido.
Os Bispos e Prelados de Ordens ricas
No mesmo intuito junto ao Papa clamam,
Que o juramento de fidelidade
Dissolva, e da obediencia afaste o povo.
Se Romain de Saint Ange me auxilia
N'este empenho com o Poder da Egreja,
Posso ao Principe impôr teu casamento.
Pleno apoio darei para a Corôa
De Portugal cingir; e tu, esposa
De Affonso, ao lado seu — serás Rainha!

(A CONDESSA DE BOLONHA *ajoelha-se aos pés da* RAINHA BRANCA, *e beija-lhe as mãos chorando.*)

O Legado do Papa, *entrando desapercebido:*

Ouvi o plano, e estou de inteiro accordo.
Em servir-vos, Senhora, tenho gloria;
Para a gloria da Egreja as nossas almas
Entendem-se, coopéram e triumpham!
O Santissimo Padre em mim confiando,
Dissolve o juramento de obediencia
Prestado ao Rei Dom Sancho; é quanto basta
Para que, fraco, elle abandone o throno.
Mas, para tanto, eu condições imponho.

A Rainha:

Dizei; sereis em tudo obedecido.

O Legado:

Para que Affonso ao throno luso ascenda,
A Rainha de França determina
Que a Cruzada aos Hereges Albigenses,
Que crêem mais no *Amor* do que no *Verbo*,
Continue em Tolosa, mais ardente.

A Rainha:

E' pouco o que exigís; pois n'esta empreza
Rainha sou, mas sou de Christo ancilla.

O Legado:

Jurará o Delphim, o vosso filho,
Sendo acclamado Rei, continuar firme
Da Palestina a inclyta Cruzada.

A RAINHA:

Criança é ainda; mas por elle eu o juro.

(Estende a mão a ROMAIN DE SAINT AN-GE, *que a demora entre as suas.)*

LEGADO:

Andaes bem em jurar por vosso filho;
Mais do que Rei de França, fal-o-heis Santo.

(Com dr prophetico e unctuoso disserta ROMAIN DE SAINT ANGE)

A exaltação da Cruz

Quiz saber Constantino o que era a Crença
Chamada Christianismo; chama um Padre
De Nicêa, que inquire, e lhe responde:

—Imperador! é uma disciplina
Que as almas leva á submissão passiva;
Que faz que o homem forte se resigne
Ao receber na face a bofetada,
E offereça a outra face a quem o affronta.

Exclamou Constantino, com espanto:

«Com uma Religião assim, exerço
Tranquillo o meu poder no vasto Imperio.»

Proclama logo o absoluto Edito,
Ordenando que a Religião de Christo
Se professasse em todos seus Estados,
Desde o Oriente aos confins do Occidente.

*

No delirio de atroz Soberania
Irresponsavel, perguntava ao Padre:

«Essa Religião, que outros poderes
Possue, dispondo-os a favor dos crentes?

— Tem o doce perdão de toda a culpa!
Póde apagar nas almas os peccados,
Perante Deus remir maximos crimes,
Levando á consciencia scelerada
Uma serenidade santa e pura! —

Constantino de súbito sorrira,
Co' o rictus de interior ferocidade:

«O goso de sentir-me perdoado
Eu quero; e vêr como depois de um crime
Limpa e impolluta a consciencia fica!»

Eis n'esse mesmo dia ordena a morte
De Crispus, o glorioso e intelligente,
Seu bravo filho, de quem tinha inveja.

Quando o filho com funeraria pompa
Ao sarcóphago régio era levado,
Em lagrimas a custo reprimidas,
Constantino chamou austero Bispo,
E na hallucinação assim confessa:

«Padre! bem sabes que matei meu filho.
Como poder agora ser perdoado,
Não n'este mundo, aonde irresponsavel
E' meu imperio unico, absoluto;
Mas diante de Deus, nos céos?...»
O Bispo,
Com uncção, e tranquillo, respondia:

— Imperador! por certo estaes lembrado
Que depois da derrota de Maxencio
Mandastes erigir a vossa Estatua,
Com lança, que da Cruz a fórma ostenta!
E' a Cruz esse Symbolo sublime
Que de todos os males nos resgata!
N'uma Cruz, como vós, o Eterno Padre
Por nossa redempção matou seu Filho. —

Constantino recosta-se no throno:

«Em meu Poder ha o quer que é de divino;
Em consciencia, eu me sinto consolado!
Que a Cruz campeie em todos os zimborios,
Nos monumentos publicos... Agora,
Arma meu braço a Espada de dois gumes.»

A RAINHA, *semi-extactica*:

Como a vossa palavra é inspirada;
Arrebata! Nem Pedro, o Eremita,
Tinha tanta emoção fallando ás turbas.

O LEGADO:

Espero em breve aqui Jordão de Saxe;
Temos uma outra empreza delicada:
A salvação de uma alma!

A RAINHA:

Certamente,
E' o Medico atheu?

O LEGADO:

Homem sapiente!
Philosopho profundo, generoso,
Animado do sentimento humano.

De Gil de Valadares vôa a fama;
E' necessario exhautorar a Sciencia,
Que ás consciencias a revolta leva,
Pondo em contradicção Actos e Ideias.
Que Gil volte á Egreja, ao gremio crente;
Jordão de Saxe é d'elle intimo amigo,
Póde abalar essa alma transviada.

JORDÃO, *apparecendo, reverenceia o* LEGADO, *e vae beijar a mão á* RAINHA:

Quantas vezes pensei do fundo abysmo
Das doutrinas anarchicas salval-o!
Gil é sabio, e os argumentos nossos
Pulverisa-os á grande luz da historia,
Ao fulgor da Rasão, sagaz, arguta,
Em conflicto com toda a Auctoridade!
Mas, n'essa segurança em que elle vive,
Uma brécha ha, por onde entrar se póde.
E' pela *Fé explicita*, fazendo
Que acate os Sacramentos, que os pratique,
O mais . . . deixal-o á força do costume.

O LEGADO:

Foi assim que a Egreja a força obteve
De Constantino sobre todo o Imperio:

Constantino, perplexo, vendo o mixto
De velhos cultos polytheicos, cuida
Que talvez entre as Tríadas do Druida
Dê preferencia e abrace a lei de Christo.

Os subditos do seu Imperio vasto
Andam em uma lucta continuada
De Mythos e ficções do culto gasto,
Nas vertigens de Orgia vã sagrada.

A qual das Religiões dará no Imperio
O predominio sobre as consciencias?
Um Bispo diz: — Politicas consequencias
Encontraes no messianico Mysterio;

Dae força á Religião que mais cimente
O absoluto Poder vosso, Senhor!
E devo proclamar-vos reverente:
=Onde um só Deus, um só Imperador.=

Disse o Apostolo: «Todos os Poderes
São de Deus derivados sobre a terra!»
Quando, Senhor, n'esta Religião crêres,
Todo o poder do orbe em vós se encerra.—

Não tinha fé nos Dogmas Constantino;
Mas, a afundar-se na devassidão,
Deu-lhe apoio, em tyranno desatino
Imposta ao Estado, a nova Religião.

A RAINHA:

A Gilles de Flageac cedo espero
De ordem de Margarida de Provença.
Para o Serão da Côrte convidado
Com os outros Fidalgos portuguezes,
Quero que venha Gil de Valadares.

JORDÃO:

Gil é conhecedor da Gaia Sciencia,
Das *theorias do Amor*, como professam
Dante Alighieri e Guido Cavalcanti.

A RAINHA:

Provoca-me a anciedade de escutal-o.

MATHILDE:

E' do Principe Dom Affonso amigo,
Parente dos fidalgos Valadares
Refugiados tambem em França agora.

Serão na Côrte. — Recepção de Gilles de Flageac, enviado de Margarida de Provença para tratar do seu casamento com o Delphim. Ouvem-se Menestreis tocando; grupos em conversa.

MATHILDE, *para a* RAINHA:

O Principe com Gil de Valadares.
Momento decisivo! Affonso é frio,
Tem um temperamento reflexivo,
Sacrificando a vida, o amor a um plano.

A RAINHA:

E' assim que eu entendo, e quero o homem.
Vem para aqui o Principe fallar-me.

D. AFFONSO:

Sempre aguardo o momento de ordens vossas;
Para mim é obedecer-vos gloria.

A RAINHA:

Precipitam-se em Portugal as cousas,
Para uma solução rapida, prompta:
Os Fidalgos, que em Portugal ficaram,
Contra o Rei, vosso irmão, se insurgem todos.

D. Affonso:

Eu sei que meu irmão se desposara
Com Dona Mecia Lopes de Haro, dama
Do Solar mais potente das Hespanhas;
E' quanto basta para achar o apoio
Que a Fidalguia portugueza nega.

A Rainha:

De nada lhe serviu esse consorcio;
Raptaram-lhe os fidalgos Dona Mecia
Do leito nupcial, e está occulta.

D. Affonso:

D'isso deprehendo ser por mim agora
O partido da Fidalguia. Posso
Contar com os Alcaides dos Castellos
Do Reino todo; mas o alto Clero,
Bispos, Prelados, inda estão sentidos
Dos aggravos de ElRei meu pae. De certo
De mim não se approximam ... e sem elles,
Como se desligar o povo e os nobres
Do juramento de fidelidade?

A Rainha:

E' chegado o momento decisivo.
O Clero portuguez submisso ao Papa
Obedece; e de mim mais necessita
Para mantêr o poder seu em França
O Santo Padre. A uma só palavra
Que por mim o Legado lhe dirija,
De Portugal os Bispos e Prelados
Logo do throno destituirão Dom Sancho.

D. AFFONSO:

Quem póde provocar essa palavra?

A RAINHA:

Uma resposta vossa, aqui. Mathilde,
Rica, gentil Condessa de Bolonha,
Entre Nobreza tanta vos distingue!
Quero vêl-a de Portugal Rainha.

D. AFFONSO:

Pelo vosso poder, que é grande em Roma,
De Portugal rainha é já Mathilde.

A RAINHA, *chamando a* CONDESSA DE BOLONHA:

Ouve: o Principe Dom Affonso acceita
A tua mão de esposa.

(Entrega a mão da CONDESSA DE BOLONHA *ao Principe de Portugal.)*

D. AFFONSO:

Recebera-a
Ha mais tempo, se eu já tivesse um throno.

(A RAINHA, *deixando-os no seu enlêvo, dirige-se para o grupo em que está* THIBAUT, *Conde do Champagne, com os Fidalgos portuguezes.)*

THIBAUT:

Vendo a Rainha, eu subito estremeço.
Duques e Condes amam-a, não ousam
Declarar seu amor. Eu, mais ditoso...

D. JOÃO D'ABOYM:

Vale-vos a Poesia. E ha quem diga
Que isto de rimas é banal mestria.

A RAINHA, *intervindo:*

Fallam de Poesia? Quero ouvil-as.
Tem sempre o Conde de Champagne prompta
Uma Canção trobadoresca, nova,
Se vem á côrte.

THIBAUT:

Pois mandaes, senhora:

As azas brancas, que tinhas,
Brancas mais que o lirio e a prata,
Prêzas na sarça terrena,
Immenso amor as desata.

Sonho alado da Poesia,
Paixão da Arte em que te abrazas,
E' quando em vôo largo pulsam
Pelo azul as brancas azas.

Fugindo á amarga dolencia
Da realidade que opprime,
Essas azas brancas, brancas,
Remontam ao que é sublime.

Sempre aquellas azas brancas
Na alma tem mystico élo:
Elevam no extase e encanto
Da intensa emoção do Bello.

Ai, azas brancas como essas,
Quem pelas do Anjo as daria?
Para o Ideal arrebatam,
São o Bello e a Poesia.

A' sombra das azas brancas
A vida torna-se um Poema,
Converte-se o ardor terrestre
Em harmonia suprema.

A RAINHA, *sentindo a ironia:*

Sempre inspirado... E Gil de Valadares
Que a gram Mestria sabe, sei que é poeta.
Eu quero ouvir uma Canção das suas,
Com que domina o sentimento e vence,
Sans plus joïr, como a Divisa aponta.

(A RAINHA *senta-se, e em volta ficam de pé os Cavalleiros. A um seu accno gracioso começa)*

GIL DE VALADARES:

Lai de Amadas

A' Côrte chegou triumphante
O bom Cavalleiro andante,
De todas as aventuras
As mais incriveis e duras,
Que Ydoine lhe exigira
Pelo amor em que delira!
Pois fervoroso Amadas
Por esse amor tudo faz.
Manteve a fidelidade
Com inteira heroicidade
Nos mais horrendos baldões,
E em amargas decepções,
Em que o animo não cansa,
Firme na sua esperança!
Mil vezes affronta a morte;
Mas, alfim entra na Côrte,
Terminado agora o praso
Que Ydoine impoz como azo
Para dar-lhe a mão de esposa.

Crê Amadas, que repousa
De uma vida trabalhada,
Vindo depôr sua espada
Aos pés da casta donzella,
Que está cada vez mais bella,
Que n'alma tanto o domina!
Com a graça feminina
Lhe diz, com sorriso honesto:

— Teu heroismo é manifesto,
Findo é o praso que te impuz;
Mas ainda não tens jus
A'quella que n'alma acatas.
Bravuras intemeratas,
Altos e brilhantes feitos
Por ti foram satisfeitos,
Triumphando de denodados
Cavalleiros namorados,
Entrando alegre na liça;
Reintegrando a justiça,
E derrubando Tyrannos,
E os Magos nos seus enganos,
E Monstros em escura cova...
Falta-te ainda uma prova!
. . . .

Amadas, um instante, córa;
E diz:
«Ordenae, Senhora.»

— Deste até hoje sómente
Altas mostras de valente;
Desejo vêr como o medo
A ti intrépido e quedo,
O teu espirito assalta;
Essa prova é que te falta...

Amadas approximou-se
De Ydoine, a de olhar doce,
Mas o passo lhe fraqueja;
Toma-lhe as mãos e as beija,
E abalado estremece...

Viu-se bem que empalidece,
Que uma lividez estranha
Estampa emoção tamanha,
Que o seu sêr profundo abala,
E que de susto não falla!
Co'a ponta do véo, com gosto
Ydoine lhe enxuga o rosto,
E com ternura insinúa,
A bocca d'elle na sua,
E com a voz offegante:

— Sou tua d'esta hora em diante. —

Susto egual lhe impede a falla.
E quantos estão na sala,
Reconhecem que o temor
Anda unido ao puro Amor.

Branca:

Lembram-me os vossos amorosos versos
Muito os Lais da Bretanha. Consummado
Sois na grande Mestria, rival digno
D'esses *Fieis do Amor* italianos.

Thibaut, *despeitado:*

Mas, a Canção de Amor, de trez Estrophes
Como usam Trovadores limosinos,
Essa é mais delicada e subjectiva.

Gil:

A estructura da Canção conheço;
Darei exemplo em um pequeno quadro:

O Aventureiro scandinavo

I

Em Byzancio, entre ferros,
Harold, o Scandinavo,
Cantava em fortes berros:
— Prisioneiro aqui estou, mas não escravo! —
Só de Isabel a graça,
A candida princeza
A minha alma tem preza!
Que pelo Amor, escravo seu me faço.

Anceio um olhar seu dos mais propicios!
Que um sorriso me torne o seu eleito;
Ninguem ha mais perfeito
Que eu, do corpo nos outo exercicios:

Do combate nas horridas matanças,
Enristo duas lanças!
Do meu cavallo firme sobre a sela,
O abysmo não me gela!
Sobre as ondas do mar encapellado
Eu destemido nado!
Nos gelos, quando é mais rispida a brisa,
O meu passo deslisa!
Por sobre a marezia, que não temo,
E' um sceptro o meu remo!
Ninguem ousou ainda pôr-me pécha
No jogo do arco e frecha!
No alcantil das rochas mais agudo
Planto ahi meu escudo!

E' em vão isto tudo!
Porque Isabel, que tem minha alma preza,
Nunca vem ao terraço;
Não sabe os soffrimentos mil que eu passo,
E o meu amor despreza.

II

Passa a Princeza ás grades da prisão,
E diz: «Harold! estás agora mudo?
Ouvi-te os gabos do audaz estudo;
Mas, por certo, que não
Sabes a Arte divina
Que os corações domina,
Da Amorosa Canção.»

Responde o Prisioneiro como a medo,
Sob a viva emoção:
— Ensinou-me a paixão
Esse ideal segredo.
Ah, se á bondade vossa vos apraz,
Vereis como a *Canção de Amor* se faz.

Basta-me um *Pé de Cantiga*
Tomado como *Refrem*,
Para que eu diga
Todo o meu mal ao meu bem.

ISABEL, *dá-lhe o seguinte pé de Cantiga:*

«Canta o rouxinol de noite,
Na alvorada a cotovia...»

HAROLD:

Quereis que a cantar me affoite,
Acabo a dichotomia:

Canta o rouxinol de noite,
Na alvorada a cotovia;
Todos cantam, só eu choro,
Quer de noite e quer de dia.

Completa a *Cantiga solta*,
Ajunta-se a *Seguidilha*,
Em que á mesma ideia volta,
Onde a ideia esparsa brilha:

Ai, se aquella que eu adoro,
Piedosa, não allivia
Esta dor que sempre dura,
Busco a sombra em que me accoite,
Onde na erma espessura
Canta o rouxinol de noite.

Esta dor que aqui celebro,
Antes que ella me mate,
Resumo-a em um *Requebro*
Como seu *Cabo* ou *Remate:*

De manhã a cotovia
Canta, e não me raia o dia
Em que encontre o peito brando
D'aquella que eu mais queria;
Noite e dia de amargura,
Dia e noite vou chorando.

De Amor, como o meu, profundo
E' esta a viva expressão;
E agora a pobre *Canção*
Vôe pelas vozes do mundo.

A Rainha:

Não se ouvirá uma Canção mais linda
N'esta Côrte Plenaria, que celebro
No proximo consorcio de meu filho
Com Margarida de Provença.

D. João de Aboym, *com alvorôço para o Principe:*

Falla
A Rainha em fazer Côrte Plenaria!
Deve ser espectaculo brilhante
Vêr os grandes Barões feudaes da França
Fascinados por Branca de Castella,
Submissos ante o Sceptro de Luiz Nove,
Uma debil criança! Tantas pompas
De Portugal saudades attenúam.

D. Affonso:

Prestes, nossas ausencias terão termo,
Pelo meu casamento com Mathilde,
Gentil viuva, Condessa de Bolonha.

D. João de Aboym:

Conhecia quanto ella vos amava;
Mas nunca imaginei que assim tão cedo
Vos rendesseis...

D. AFFONSO, *sorrindo:*

Foi com condições prévias:
A Rainha é que fez o casamento;
De Romain de Saint Ange dá-me o auxilio,
O Legado do Papa; ambos reunidos
De Portugal o throno me asseguram.

D. JOÃO DE ABOYM:

Sob esse aspecto, todos os que andamos
Cá na Côrte de França refugiados,
Confiam na risonha perspectiva.
A Rainha é dilecta do Legado...
Por mutua connivencia, se dissolve
O juramento de fidelidade
Que ainda sustentava El-rei Dom Sancho.
Eu beijo-vos a mão de Soberano.

Esplendorosa festa na Côrte, quando se entrega a Gilles de Flageac o contracto de casamento do Delphim com Margarida de Provença.

GIL DE VALADARES, *conversando com* JORDÃO DE SAXE:

Nas festas de hoje o que me encanta em extremo
E' o Drama que vae representar-se,
De que se falla ha tanto, com intuitos...

JORDÃO DE SAXE:

Tem, em verdade, o Drama um pensamento:
E' a réplica dada aos Summulistas
Contra o seu Auto das Escholas Baixas.
Versa o thema da peça em seu entrecho
Da *Fé explicita:* opportuna these,
Quando no sul da França se renova
A Cruzada, e em Tolosa se inicia.
Não te será o Drama indifferente.

(Resôam as musicas dos Menestreis; rumores no arranjo do scenario. Tomam assento os cortezãos. Começa a representação do Auto de Moralidade.)

A NOIVA DE CORYNTHO

PRIMEIRO ACTO

SCENA I

Deidamia e suas duas filhas **Erythia** e **Periclete**

DEIDAMIA:

Vivo em tanta anciedade!
Vosso pae anda ausente;
E esta tempestade
Não passa .. Assim, quem hade
Ter uma hora contente?

ERYTHIA, *abraçando a mãe:*

Suavisae vossas penas,
Mais ancias não consinto....
Eu mesmo já presinto
Que o pae partiu de Athenas;
Breve chega a Coryntho.

PERICLETE:

A um Nume clemente
Fazei qualquer promessa;
Que a vossa angustia cessa!
Talvez que de repente
O bom pae appareça.

(DEIDAMIA *sáe para orar no Larario, e instantes depois volta com o marido.)*

SCENA II

As mesmas e Hermodoro

DEIDAMIA:

Volta a felicidade
Ao nosso lar agora;
Poder da Divindade!
Ser crente quem não hade?
Tanto póde o que implora!

HERMODORO:

Lá, bem longe, em Athenas
As estatuas mais raras,
Lembravam-me as serenas
Vossas formosas caras;
Estas feições preclaras.

Os cantos dos Poetas,
Das dansas o balanço,
Os jogos dos athletas
Não alcançam as métas,
— D'este lar o descanso.

Deu-me carinho, abrigo
E entranhado affecto,
Não desmentido e antigo,
O hospedoso amigo
Debaixo do seu tecto.

De um serão na vigilia,
Vespera da partida,
Disse, em voz commovida:
— Fosse a minha familia
A' tua um dia unida! —

N'esse momento infesto
De quem vae pisar trilhos
Hostis, n'um claro gesto
Fizemos o protesto
De casar nossos filhos.

(As duas filhas approximam-se; DEIDAMIA *mantém-se reservada;* HERMODORO *continúa:)*

Sthenios é bello moço,
De uma alma ingenua e pura;
Eu só quero o bem vosso...

ERYTHIA:

Que ditoso alvorôço!

PERICLETE:

Imprevista ventura!

HERMODORO:

Sthenios doudo anda
De amor por Periclète;
Este cinto vos manda,
Uma setinea banda,
E annel, com que promette...

PERICLETE, *acceitando os prendas:*

Devo ficar bonita
Com taes joias, bem sinto.

ERYTHIA:

A alegria me agita.

HERMODORO:

Sthenios breve a Corynthо
Vem pagar-me a visita.

(Sáe com a filha, que vae toucar-se.)

SCENA III

Deidamia, só:

A familia de Sthenios
Adora os falsos Genios,
Crê no Polytheismo!
Desconhece a Lei Nova...
Antes veja eu na cova
A filha... que no abysmo!

Porque hoje este noivado
Com o joven namorado,
Que os idolos adora,
Certo é da alma ruina,
Pois Satanaz propina
No Amor veneno agora.

Quem d'este abysmo á borda
Para o dever me acorda,
E liberta do horror?

SCENA IV

Deidamia e Symacho, presbytero

SYMACHO:

Em salvar Periclete
Todo o zelo promette
O vosso Confessor.

A benção que vos lanço
Dar-vos-ha força tanta!
Com segurança avanço:
— Jesus, Cordeiro manso,
Falsos Deuses supplanta! —

Para o triumpho importa
Seja a vontade morta
A todo o sentimento;
Porque o mal se corta
Só por meio violento.

Quando a Verdade brilha,
Impõe-se, como a luz!
Mãe que a salvação trilha,
Pela Via da Cruz
Arraste a propria filha.

Deus fez o Sacrificio
Do Unigenito, e até
Na Lei Velha Jephté;
Este Dogma é inicio
Da Egreja, impõe-se á Fé.

Ananias, Saphira,
Os dois esposos velhos,
Cáem mortos de joelhos,
Suspeitando mentira
De Pedro nos conselhos!

O bem é um remedio,
Mesmo á força se toma!
N'estes exemplos, vede-o:
Só os prazeres doma
A Dor, *da vida o tedio!*

Salvemos Periclete,
Fazei por ella o Voto.
E quem a Deus promette,
Nos infernos se mette
Se não cumpre...

DEIDAMIA:

Eu o noto.
Emquanto esteve ausente
Meu marido em Athenas,
Soffri continuas penas,
Receiosa, tremente

Dos terriveis naufragios
No mar, e os piratas,
Em regiões ingratas!
Com os negros presagios,
Tive uma noite um sonhô,
Pezadello ou delirio;
Eu, n'este atroz martyrio
Ante o altar me ponho:
Por salvar meu esposo,
Da filha á Divindade
Da sua virgindade
Fiz voto fervoroso.

SYMACHO:

Sonho ou revelação
O Céo claro o indica:
A filha sacrifica
Por santa obrigação.

SCENA V

Deidamia, Symacho e Hermodoro

DEIDAMIA:

Tenção que alguem promette
A Deus, tem de cumpril-a!
Consagrei como *Ancilla*
De Christo a Periclete.

SYMACHO, *intervindo:*

E' sentença a palavra
Quando um voto traduz!

HERMODORO:

A Loucura da Cruz
Em minha casa lavra!
Confessam os Christãos,
Que esta Doutrina nova
Dá-nos por leito a cova,
Mette a Espada entre irmãos...

SYMACHO:

Quando é reconhecida
E evidente a Verdade,
Com sangue e auctoridade
Que seja diffundida!
No seu Imperio todo
Decretou Constantino
Este Dogma divino,
Impondo-o por tal modo.
A Deus nada se véde!

HERMODORO, *áparte:*

Taes ideias deploro.

DEIDAMIA:

Hesitas, Hermodoro?
Que ventura! elle cede.
Vou chamar minha filha
Para ouvir sua sorte.

(Sáe.)

HERMODORO:

Vejo sombras de morte,
Desunião que humilha.

SCENA VI

Os mesmos; entra **Deidamia** com **Periclete**, deslumbrante de formosura

PERICLETE, *aparte, sorrindo:*

Agora se celebra
O meu esponsalicio?...

SYMACHO, *tomando-a pela mão:*

No mundano bulicio
Voto perpetuo quebra.
Virgem christã...

PERICLETE, *fitando o Presbytero, e vendo-lhe o véo preto:*

Que é isto?
Que horror se me affigura!

SYMACHO:

Entra para a clausura,
E's *Ancilla de Christo*,

DEIDAMIA:

Eu fiz esta promessa,
De teu pae pela vida,
Que eu julgava perdida;
E' força que obedeça...

SCENA VII

Os mesmos; Côro de Donzellas

CÔRO:

O que é isto, Hermodoro?
Em vez do esponsalicio,
Vemos um sacrificio,
E Periclete em choro!

Ella está semimorta,
Muda, sem esperança!
Cae-lhe no chão a trança,
Que mão austera córta!

E consente isto o Cêo?
Por que Lei se faz isto?

SYMACHO:

Como *Ancilla de Christo*
Lanço-te agora o véo.

SCENA VIII

Quadro: Apparece o **Côro das Famulae Dei**, murmurando lugubremente orações; rodeam **Periclete**, levando-a para dentro.

CÔRO DAS FAMULAE DEI:

Vem, pomba immaculada,
Para a santa morada;
Não serás devorada
Das paixões pelo abutre!

O peccado se nutre
Onde acha formosura!
E's bella, oh creatura!
Accolhe-te á clausura.

(Prolonga-se o murmurio das orações, fechando-se as portas com ruido.)

Terás o infindo goso
Do teu celeste Esposo!
Do Empyreo delicioso
E' porta a sepultura.

Entre-Acto

PERICLETE:

A flor da mocidade
Foi com furor truncada;
N'esta fria morada
    E' sempre noite.

Sem um seio que me accoite,
Terror sobre mim vem;
E é minha propria mãe
    Que aqui me fecha!

Tudo me abafa a queixa
Do coração ferido;
Esmoreço no olvido
    D'esta clausura.

A graça, a formosura,
A alabastrina derme,
Serão pasto do verme
    Que ouço roendo!

Maldito o Dogma horrendo
Que o puro Amor condemna;
Detesto a eterna pena
    Com que me ameaça.

O Verbo me amordaça!
Succumbo sem socorro;
No desespêro morro,
    N'este imo abysmo.

Côro das Ancillae Christi:

Irmã do paroxismo
Em que decáes, descansa;
Christo é a Esperança,
Vida nova — o Baptismo.

PERICLETE, *em delirio:*

De que serve essa agua
Que sobre mim se emborca?
Este cordão é forca
Que me estrangula!

Doutrina estulta e nulla,
Que nos traz submettida
Pelo tedio da Vida
Feito delicia...

CÔRO DAS FAMULAE DEI:

Blasphemas com malicia!
Heresia ferina
Obriga á disciplina;
Soffrerás, sem caricia.

(As ANCILLAE CHRISTI *vão passando junto de* PERICLETE, *batendo-lhe cada uma com as disciplinas)*

PERICLETE:

Na lucta não resisto;
Renego a nova luz
Da Loucura da Cruz,
Da redempção de Christo.

FAMULAE DEI:

Pois proclama-se isto
Aqui na nossa face!
Sepulte-se no *In pace*
Por castigo não visto.

(Levantam uma lagem na crasta do Asceterio, e descem PERICLETE *para o antro.)*

CÔRO DAS ANCILLAE CHRISTI:

Esta pezada lagem
Lhe abafará a queixa...
Ainda ouvir nos deixa
A dorida linguagem.

Como ardente resôa
Nas almas essa falla;
E com que emoção cala!
A Natureza é boa.

(Retiram-se resando, e escurecem as lampadas.)

SEGUNDO ACTO

Alta noite. — Bate-se á porta da casa de HERMODORO.

SCENA I

Hermodoro e Deidamia

DEIDAMIA, *sobresaltada:*

Batem á nossa porta,
Quando é tudo a dormir!
Mas, quem poderá vir
Em hora aziaga e morta?

HERMODORO:

Lá batem outra vez!
Quem quer que é, traz pressa.

DEIDAMIA:

Não sei que me pareça!
Vae a janella, e vês.

HERMODORO:

Quem é que está lá fóra,
Não sei, por mais que pense...

VOZ, *na rua:*

Sthenios, atheniense;
Chego a Coryntho agora.

DEIDAMIA:

**Situação imprevista,
Que surpréza e embaraço!**

HERMODORO:

**Imagino o cansaço
De tão longinqua pista.**

SCENA II

Os mesmos e Sthenios

HERMODORO, *abraçando-o:*

**Bem vindo, oh caro amigo,
Muitas vezes bem vindo!**

STHENIOS:

Das jornadas é findo
Aqui todo o perigo.
Ao hospedoso tecto,
A este lar sagrado
De Athenas, vim guiado
Por um ideal affecto.
Trago-vos mil lembranças
Do paterno tugurio;
E venturoso augurio
Alente as esperanças.

DEIDAMIA, *interrompendo:*

As lembranças acceito,
Quanto isto nos alegra!
Cansado, e em noite negra,
Careceis já do leito.

HERMODORO, *para a mulher:*

E' esbelto este moço...
Que angustia me accommette!

STHENIOS, *áparte:*

Eu, sem vêr Periclete,
Dormir, dormir não posso.

DEIDAMIA, *correndo uma cortina:*

Eis aqui vossa cama,
N'este pequeno quarto;
A' vontade. Eu me aparto...

(Sáe).

HERMODORO, *com tristeza:*

E não verá quem ama.

SCENA III

Sthenios, só:

Eu não tive a ventura
De ainda hoje vêl-a!
Não me fallaram n'ella!
E a noite tanto dura!
O coração no peito
Angustiado bate;
Sinto que não me abate
A fadiga no leito.
São longas estas horas
Da espera, com affan;
Mas, vendo-a ámanhã,
Terei duas auroras.
Com que anciedade vinha,
Por vêr-me d'ella perto!
O espirito desperto
Não sei que me adivinha!...
Será isto delirio?
Que frio me trespassa!
No ár ambiente passa
O perfume de um lirio.

A lampada é acceza,
Com susto não a apago.
Do perfume me embriago!
Espantosa surpreza!

(Vê entrar no quarto um vulto de mulher, com um largo véo branco ou sudario.)

SCENA IV

Sthenios e Periclete

STHENIOS:

Como é nivea e bella,
De graça que surprehende!
O susto a voz me prende;
Afoga-me a loquella,
Quero fallar, ... não posso ...

PERICLETE:

E's tu o meu amado,
Por mim sempre esperado,
Sthenios, gentil moço?
Elle nada responde!
Tal mudez não offende;
Os seus braços me estende,
O rosto em mim esconde.
N'este soluço breve
Que lhe acompanha os beijos,
Seus intimos desejos
A confessar se atreve!
N'este ardor se embriaga;
No sonho que o transporta,
Não sabe que estou morta.
Que a paixão se me apaga.

SCENA V

Os mesmos e Deidamia

DEIDAMIA, *observando com espanto:*

Que insolita loucura!
Como, oh filha imprudente,
Violaste o ambiente
Da sagrada clausura?
Do estrangeiro nos braços,
Como a que adora Astarte,
Vens aqui entregar-te,
Entre ósculos devassos?
Tu, de Christo a Ancilla,
Que lavou o Baptismo,
Cahida assim no abysmo!
A raiva me aniquilla!

PERICLETE, *respondendo e tomando porporções phantasticas:*

Faz dó vossa linguagem;
Não quebrei a clausura!
Ancias da sepultura
Levantaram a lagem.
Sudario sepulchral
Envolve o niveo flanco;
E' mortalha o véo branco
Do rosto virginal.
O desejo jocundo
Do meu sonhado amor,
Deu-me ainda o calor
De vir da cova ao mundo.

Maldigo n'este instante
Uma odiosa Crença
Que afoga a ancia immensa
De um coração amante,
Que o affecto materno
Em odio máo converte;
Que o corpo faz inerte
Por terrores do inferno.
Vesania doentia
A Loucura da Cruz,
Hoje as nações conduz
Ao atrazo e apathia.
Meu intimo suspiro
As almas não acorda;
Da sepultura á borda
Vagarei, frio vampiro.

(Desapparece.)

SCENA VI

Os mesmos, Symacho e Hermodoro

DEIDAMIA, *aproximando-se de* STHENIOS:

Sthenios não se move;
Elle está hirto, frio!

HERMODORO:

E' sonho ou desvario
O que ouço, e me commove?

SYMACHO, *com gestos liturgicos:*

Agouros exorcismo!
Os olhos ao Céo alço;
Da Grecia o culto falso
Venceu o Christianismo.
Para dar salvação
Toda a violencia é licita;
Assim da *Fé explicita*
Faz a Egreja a expansão.
Quando a Verdade brilha
Impõe-se, como a luz!
A Egreja isto perfilha
Na Loucura da Cruz.
Nenhum crente se importe
De ruina ou desgosto;
Que o Dogma seja imposto
Até com sangue e morte.

(Ao terminar-se a representação sôam dobres funerarios, que despertam a curiosidade do auditorio.)

D. AFFONSO, *para* D. JOÃO DE ABOYM:

Chegou noticia do falecimento
Da Rainha leoneza, minha tia.
Sei que o rei Dom Affonso em paroxysmos
Se congrassara com a irmã, pedindo
Que protegesse o herdeiro do seu throno.
Dos Frades Prégadores attendida
Por suas doações, trégua impozera
Aos odios contra o joven rei herdados.

D. João de Aboym:

Livre é agora a poderosa Ordem
Para a reclamação de immunidades!
Inda o não saberá Frei Pedro Affonso,
Dominicano, que se encontra em Roma
Com os outros Prelados portuguezes?

Gil de Valadares, *approximando-se:*

Será certo o que ahi se diz — que é morta
A Rainha leoneza?

Gomes Viegas:

Muito certo;
O Principe o sabia ha poucas horas.
Inesperadamente a nossa causa
Adianta-se; a Rainha divorciada
Sustava os Frades, protegendo Sancho.

(Os Fidalgos portuguezes agrupam-se interessados com a noticia, conversando animadamente.)

Gil, *afastando-se, e áparte:*

Foi impotente a Sciencia, em que eu confiava
Para trazel-a da rasão á posse!
Renegarei da Sciencia, que me illude
Com fórmulas vazias, pedantescas,
Que são da Natureza véos mais densos
Do que os Mysterios que sublime a tornam?

Essa Divisa que adoptara, alegre,
No idealismo feliz da mocidade,
Foi um presentimento. O Mal, a sorte,
O destino ou atroz Fatalidade,
A força destructiva que atropella
O organico impulso, me apagaram
O simples *Bon Espoir*. O que me resta?
Agora — *Plus joïr!* Ha maior goso
Ainda acima do *Amor* e da *Sciencia:*
E' do *Poder* a posse e a vertigem.

JORDÃO DE SAXE, *tendo-o seguido e ouvido:*

A paixão da tua alma dolorida
Para o caminho verdadeiro impelle.
Um espirito fraco e quebrantado,
Teria a obsessão do suicidio;
Sans plus joïr, ou moralmente morto,
Far-se-hia um penitente anachoreta.
Teu activo temperamento impõe-te
Plus joïr! Mas teu claro entendimento
Não te leva para o prazer grosseiro!
Ha um Prazer maior que os outros todos,
E' o Poder! que as grandes almas visam.
Hoje a Ordem dominicana exerce
A acção pontifical, indiscutida,
A maior energia que ha no mundo,
Já presidindo a todos os Poderes!
N'esta lucta com Dom Sancho Segundo,
Na proxima ascenção de Affonso ao throno,
Ha campo aberto para revelares
Teu caracter audaz, preponderante!
A Ordem monachal, que instituida
Foi pelo *Anjo da cortante Foice*,

Teu superior espirito conhece:
O seu Poder confiara-te n'esta hora,
Que funda a paz na Côrte portugueza.
A' crypta do Convento de Saint Jacques
Vem commigo; um terrifico segredo
Só posso lá confiar-te, e o tempo urge...

(Saem ambos apressadamente do palacio.)

Na crypta da egreja do Convento de Saint Jacques, mal alumiada por um lampadario.

JORDÃO DE SAXE:

Um terrivel segredo aqui nos trouxe,
Gil, a este retiro impenetravel,
Para o communicar-te. A estas horas
Remotas, conferir juntos podemos,
E seguros.

GIL:

Attentamente escuto,
Pois que me consideras do segredo
Inviolavel, capaz de conhecel-o.

JORDÃO:

A Cruzada sangrenta se renova
Contra a turba Albigense; ao sul da França
Vão desencadear-se repentinas
Fortes devastações contra os sectarios,
Que antepõem o *Amor* ao *Verbo*.

O Legado Saint Ange á grande Causa
Trouxe a Rainha Branca de Castella,
Que á vontade do Papa se submette.
Está fundada a Inquisição, e agora
O Papa exige que funccione prompto.
Isto interessar-te-ha.

GIL:

Porque motivo?

JORDÃO:

Foi o Doutor Sigier assassinado...
Porque as rivalidades das Escholas,
Das doutrinas scientificas que segues,
Ante o Legado te denunciaram
Por um Medico atheu... Outros por menos
Foram na praça publica queimados.
Declararam que humanos corpos alves
Nos estudos da Anatomia, praxe
De Herophilo imitada. Outros te accusam
Da parodia de um drama sacro, ha pouco
Representado nas Escholas baixas,
Que o Legado Saint-Ange figurava
No *Santo Anjo* Gabriel, e seus amores
Com a Rainha, a ***hontense connivence***,
Na vil phrase da escholaresca gente!
E que um magico Annel trazes no dedo,
Nas Covas de Toledo recebido,
Ao iniciar-te na Magia negra!
Que malévolo Espirito te serve
Sob a apparencia de um Escholar pobre,

Que para toda a parte te acompanha!
Emfim que lês os proprios textos gregos
Na obra de Aristoteles, completa!

GIL:

Sinceridade de alma em mim conheces,
O enthusiasmo e desinteresse
Pela Sciencia! e quanto me domina
O humano soffrimento. Essas intrigas
Se existem contra mim, tu me aconselha
O que devo fazer?

JORDÃO:

Podes salvar-te...
Depende de uma resolução tua.
N'esta corrente desvairada e louca
De aspirações, de ideias, de doutrinas
Em convulsão revolucionaria,
Duas forças mantêm a Sociedade
No equilibrio estavel, ou a Ordem:
— Sacerdocio e Imperio! — uma unifica
Na Egreja universal todas as almas,
Sob o Poder espiritual do Papa.
Na Monarchia universal dos povos
A temporalidade tem-n'a o Imperio.
D'este Seculo audaz todo o conflicto
Proveiu da profunda dissidencia
Que houve entre os dois Poderes. O momento
Em que se reconhecem solidarios
E' chegado: o interesse os liga em frente
D'esta corrente que dissolve tudo
Pela Revolução e Livre Exame!

Assim hoje, todo esse atroz delirio
De Seitas religiosas e de Escholas,
Politicas facções, sociaes problemas
Systemas philosophicos, poesia,
Vão ser sustados pelos dois Poderes.
Ai de quem se oppozer a força tanta,
Que imperturbavel esse grande plano
Da Conservação propria a tudo impõem!
Comprehenderás agora, que a divisa
De *Lapidibus quadris* das Jurandas,
E a divisa das Universidades
De *Lapidibus vivis*, nada valem
Ante *hanc petram* em que é firme a Egreja!
Para que tu não sejas envolvido
No vórtice sangrento em que desaba
Toda essa imaginosa Renascença,
Basta um passo: A' Egreja tu te accolhe.
Quem dirige esta repressiva lucta
Temporal e dogmatica é a Ordem
Dos Prégadores...

(JORDÃO *approxima-se de um altar;* GIL *segue-o automaticamente.)*

Gil! bem comprehendes
Como a Fé é um acto da Vontade.
Credere voluntatis est! disse-o
Santo Agostinho. E como se effectua
A vontade se não no acto de força?

(Toma o Escapulario dominicano e lança-lh'o resolutamente ao pescôço; emquanto GIL *fica hesitante, apparecem sahindo detraz do altar o Legado* SAINT ANGE *e* UMBERTO.)

O Legado, *com vestes pontificaes:*

Dou-te a tonsura prima; significa
Obediencia passiva.

(Corta-lhe uma madeixa de cabello.)

E eu te confiro
Por meu poder o Sacramento de Ordem.
E's Professo dominicano, adstricto
De agora em diante á sacrosanta Regra.
Pedro ensinou que a Fé se impõe á força
Na sua fórma explicita: repara
No caso de Ananias e Saphira.

Umberto, *acolytando o* Legado:

Salvou-te da fogueira preparada
Ha muito, Gil, a insolita Esmeralda
Do teu Annel, em que insculpida mostra
Do Santo Anjo a Annunciação da Virgem.
Entre os Irmãos da Virgem, tu, liberto
Partilharás d'esse poder immenso
Que firma a Egreja em inabalavel pedra.

(Ouve-se em cima na egreja de Saint Jacques, ao som do orgão a Sequencia:)

Foemina Stella maris,
Sic Virgo Maria vocaris.

GIL, *para si, taciturno:*

Como se contradisse em um momento
Toda a minha existencia, dissentindo
Os principios do irrevogavel acto!
Ah, decididamente o individuo
Contra a marcha social é impotente,
Quando segue isolado. Não me custa
Por mim; dóe-me o fracasso tenebroso
D'esta brilhante e leda Renascença,
Que tarde se renova! Oh Grecia, ainda
Uma outra vez hasde triumphar de Roma,
Elevando a alma humana á Sciencia, ao Bello!

O LEGADO:

Junto á Rainha Branca de Castella
Chegaram vozes, que o auctor tu eras
Do *Auto dos Zelos de José.* Eu creio
Que és extranho ao libello das Escholas;
Mas para obtêr a graça da Rainha,
Esse Annel de esmeralda lhe offerece
Com a *Annunciação do Santo Anjo,*
Mysterio que ella adora e a extasia.

GIL, *amargamente:*

Assim o cumpro.

(Tira o Annel, beija-o e entrega-o a ROMAIN DE SAINT ANGE.)

O LEGADO:

Uma missão piedosa,
Que para mim muito é consoladora.

GIL, *ajoelhando:*

Pois que de mim unicamente exigem
Fé explicita — exterioridade,
Faço nas vossas mãos o simples voto...

JORDÃO:

De Obediencia inteira!

(GIL *acena com a cabeça affirmativamente.)*

Isto promettes.
Em tudo o teu saber é comprovado,
Como homem de estudo e disciplina,
Do Noviciado e exame estás isempto.
Vem commigo á Capella de Saint Jacques,
De professo é-te o habito lançado.

(Ao sahirem da crypta, o LEGADO DO PAPA *rejubila.)*

O LEGADO:

Por ti, Jordão, a Egreja é triumphante?
O terceiro Geral serás da Ordem
Dos Prégadores, por teu feito eximio.

GIL:

Uma só cousa peço: a derradeira
Manifestação simples da Vontade,
Que eu renuncio, ao servir a Ordem.

O LEGADO:

Declaral-a podeis, Frei Gil Rodrigues.

FREI GIL:

Que eu a minha primeira Missa diga,
A *Missa aurea* no altar da Virgem,
Em Toledo, onde está a sepultura
Da Rainha leoneza, a desditosa
Dona Thereza, esposa divorciada,
Que teve fé em mim! e que m'o disse.

O LEGADO, *áparte:*

Como eu, tambem amou uma Rainha!
Menos feliz do que eu, n'alma lhe leio.
Isso bastava para entrar na Ordem.

(Alto:)

Sei mui bem, que a Rainha leoneza
Dera o chão para a fundação em Coimbra
Do primeiro Domínico Mosteiro,
Em Portugal erecto. A *Missa aurea*
Vae celebrar ao pé da sepultura
Da mulher desditosa, a amada... Heresta.

Em Toledo, na Egreja do Santo Espirito, onde está a sepultura da Rainha leoneza.

Frei Gil Rodrigues, *meditando:*

Ella em mim teve fé, e confessou-m'o!
Sua graciosidade e gentileza
De seducção e feminil impulso,
Acordaram-me a intuição na mente,
No sentimento os vehementes éstos!
O Amor, o Amor appareceu-me como
Revelação suprema da existencia.
Nem me preoccupei se era casada!
Bastou-me vêl-a; esse latente influxo
Que vinha d'ella, n'um olhar, n'um riso
Honesto e vago, dominou-me logo.
Nada eguala a impressão de horror e magoa
Que em mim sinto, quando a rasão perdida
Manifestou no attonito delirio!
Como a expressão da gentileza e graça
Se apagou em lethargica inconsciencia!
Louca! em morte moral precipitada
Pela pressão dos intimos desgostos.
Que devia eu fazer, tendo-lhe ouvido
A palavra de confiança extrema?
Votei, para salval-a, o meu futuro;
Fui a Paris cursar a Medicina,
Cuidando que á rasão a restituia,
Trazendo-a á consciencia pelo affecto.
O Amor é a maxima das forças
No Cahos do Universo, em que conflagram
Repulsivas potencias: faz-se a ordem
Só pela aggregação, do Amor a essencia,
Que as fórmas transitorias unifica.
Em meio d'estas altas esperanças,

Veiu a morte arrancal-a ao soffrimento,
Libertou-a! Prophetica divisa
A minha; as esperanças apagaram-se,
Cortando-me essa esplendida carreira
Dos meus estudos. Vim refugiar-me
No claustral e esteril monachismo.
Ainda aqui eu poderei servil-a
Na sanctificação das suas magoas:
Vêl-a um dia sobre o altar sagrado
Venerado seu vulto.

(Com surpreza, reparando.)

Vulto estranho
Se approxima de mim! Sonho ou deliro?
Será pura illusão dos meus sentidos?
O mesmo andar...

INFANTA D. SANCHA:

Ouvi a vossa missa,
Na capella onde está a sepultura
De minha irmã, a infeliz Rainha.
Ella em vós tinha fé.

FREI GIL, *indo ao seu encontro:*

Sois vós, Senhora!
Semelhaveis apparição celeste
Da leoneza Rainha falecida.
Que parecença nos semblantes vossos!

INFANTA:

Além do sangue, o soffrimento uniu-nos
Dando-nos magoadas parecenças;
Communicou-me a fé que ella em vós tinha.
Sou hoje *Ancilla Christi*, renunciando
A' hierarchia minha, aos privilegios,
Votada em absoluto ao bem dos outros.

FREI GIL:

O verdadeiro Amor esse é, Senhora;
Sem elle a Fé é obsessão sombria;
A Esperança ideal irrealisavel!
Quem não amar não poderá ser crente.
E' toda a Esperança uma anciedade,
Se não a alenta o Amor, que jámais cansa.

INFANTA:

Vossas palavras tanto me transportam,
Como quando medito de Cassiano
As *Collecções dos Santos Padres do Ermo!*
A' espiritual direcção vossa
Como eu feliz, segura me entregára!
Vêde em mim minha irmã.

FREI GIL, *erguendo os olhos e fitando-a:*

O ascendente
Moral, nas almas, não se impõe, possue-se;
Prestigio inexplicavel, que chamamos
Na terrena incerteza — Sympathia!

Natural e espontanea persistindo
Doce affectividade, — quantas vezes
Esses lampejos emotivos fulgem
Em um clarão que é do Amor incendio!
O Seraphim de Assis assim envolve
Clara na esphera da attracção divina,
E chegaram a amar-se as almas puras.

INFANTA:

Comprehendo esse Amor! Nem outro existe.
Tudo o mais se resume em guerra e dores!
Mas essa referencia vossa agora
Ao Seraphim de Assis inconfundivel,
Lembra-me uma missão, que a cumprir tenho:
O *Cantico das Creaturas* guardo,
Que compoz San Francisco, e traduzido
Na lingua portugueza por Antonio,
Seu discipulo e nosso conterraneo;
Deu-m'o Thereza, a ultima lembrança,
Só para vós! foram palavras d'ella.
E' thesouro e reliquia.

FREI GIL, *reconcentrado:*

Ella amou-me...
Este só pensamento me enche a vida.

INFANTA, *tirando do seio o Cantico:*

Eil-o o *Cantico.* Affirmam entendidos
Que se perdera o texto italiano,
A fórma portugueza subsistindo
Em que o recita Antonio de Lisboa.

FREI GIL, *beijando o papel:*

Vem-me d'elle um perfume que hallucina,
Calor que reaccende a ardencia antiga
Da mocidade. E' o retrato d'ella
A piedosa Infanta Dona Sancha!
Fallam os Sabios na Matempsychose;
Eu creio no saber da Antiguidade.

(Desdobra a copia do Cantico das Creaturas, e percorre-o com a vista.)

INFANTA:

De Antonio de Lisboa a propria letra.

FREI GIL:

Com abreviaturas caprichosas,
Agora em voga. Eu o sentido alcanço.

INFANTA:

Nunca pude lêr bem esta poesia.

(Lêem juntos, approximando os rostos ante uma abreviatura difficil.)

FREI GIL:

Este halito me embriaga, e como inflamma
Do meu sêr as latentes energias!

(A voz treme-lhe e apaga-se na leitura.)

INFANTA:

Soffreis, Frei Gil?

FREI GIL:

Um extasis, apenas.

INFANTA:

Um Director assim ambicionara.
Com tal guia os espinhos da existencia
Ao trilhal-os, convertem-se em delicias.

(Mette o rosto entre as mãos do frade.)

Occulto na penumbra de um confessionario espreita o ESCHOLAR POBRE, que se appresenta como frade com o nome de

FREI JOÃO FRANCEZ:

O Amor divino a encarnar-se tende;
Sae da aspiração mystica, buscando
Um Symbolo, ou melhor — a realidade
Que se toca. Frei Gil, bem se recorda
Da Montanha Latina, onde as doutrinas
Do Santo Espirito estudava attento.
Foi lá, que a milaneza Guilhelmina,
Formosa, se entregava aos que adoravam
Do Santo Espirito as visiveis fórmas.

FREI GIL, *voltando a si do extasis:*

Levantae-vos, Senhora! Eu é que devo
Rojar-me a vossos pés.

INFANTA:

Eu, vossa filha,
Minha inteira vontade vos entrego;
Por esta mão piedosa irei segura
No Itinerario da beatitude.

(Toca a garrida para o Côro da tarde.)

FREI GIL:

São as horas canonicas.

INFANTA, *recolhendo-se:*

Separam-nos.

FREI JOÃO FRANCEZ:

A final, no Convento de Saint Jacques
Tu foste professar, buscando a força
Que tem a Ordem dos Dominicanos,
Hoje o baluarte da Orthodoxia!
Não te levou a Fé para a clausura;
A ambição do *Poder* e o desespêro
Deram causa ao que chamas sacrificio.
Eu tambem entendi fazer-me Frade,

Como o creado do Rufian dichoso,
De uma lenda que ouvi outr'ora em Hespanha:
Sou *Frei João Francez;* cheguei a tempo
De eu ajudar tua primeira missa,
A *Missa aurea* dedicada á Virgem,
Unida á ideia sensual de Heresta.

Frei Gil, *fita com pasmo o vulto do frade, que reconhece:*

O Escholar pobre! E's tu Titivetilus,
Nós estamos em franca hostilidade,
Temos os nossos arraiaes assentes.

Frei João Francez:

O Pacto guardo, em que te constituiste
Adscripto á Negação! e agora cuidas
Refugiar-te de mim junto aos altares.
Mas em ti a Rasão domina sempre,
Fez-se o *Organum* em ti de sangue e carne.

Frei Gil:

Como fazes valer o juramento,
Quando tu foste o proprio que incutiste
A negativa critica, o desprezo
Das vãs fórmulas pela vacuidade?

FREI JOÃO FRANCEZ, *appresentando a Cédula do Pacto:*

Mas diante da letra d'este Pacto,
E' tua assignatura irrefragavel,
Firmada, authenticada com teu sangue;
Ousas tu affrontar a realidade?

FREI GIL, *serenamente:*

A critica inventou a nova Sciencia
Da Exegese dos Textos, e na Letra
Mostra sentidos varios, distinguindo
O historico, o mystico, o allegorico,
E o moral, conforme a conveniencia.

FREI JOÃO FRANCEZ:

Authentica é pois esta assignatura,
Por tua propria mão, com sangue, escripta.

(Mostra-lhe o texto do Pacto.)

FREI GIL, *com ironia:*

Eu julguei que mais Logica soubesses!
Não é assignatura o que ahi mostras;
Lê bem! Duas palavras — *Aegi diu,*
Que traduzidas em romance, exprimem
«Luctei por muito tempo!»

FREI JOÃO FRANCEZ:

Fui logrado!
Tão ladino és, que ainda serás Santo,
Tanto enganas a Deus como ao Diabo.
Não me serve dos textos a incerteza;
Aos Theologos enrede a Exegese.
Quando um dia se usar letra de molde,
Multiplicando os Livros, entre o vulgo
Espalharei as Paginas sagradas
Para que á luz do Livre Exame as lêam.
Eu então n'essa nova Renascença,
Irei tentar o Sabio de outra fórma:
Quando já velho e gasto sobre os livros
Se recordar da extincta mocidade,
Mostro-lhe a sedução da Natureza,
Da ignorada Circe encantadora,
N'um impeto sensual a alma me entrega
Pelo regresso a alegre juventude.

(Vae ao encontro de FREI GIL, *que indo a beijar o Annel da esmeralda dá pela sua falta.)*

Cessou a relação de dependencia
Que entre nós existia: Isso que importa?
Como espiritos criticos vivamos;
Eu bem sei que és uma alma apaixonada,
Que, faltando-te um dia o amor terrestre,
Todo te absorves no Amor divino.
Ainda assim continuarás servindo
O espirito de Negação...

(Vendo um Mensageiro entregar uma carta a FREI GIL.*)*

Chamam-te
De Paris, para a Junta dos Prelados;
N'estes conflictos entre os dois Poderes
Espiritual e temporal, coopéras
Servindo a um para a ruina de ambos.

(Desapparece. FREI GIL RODRIGUES, *mette-se a caminho para Paris, chamado pelo Geral da Ordem.)*

2.º Quadro — A JUNTA DOS PRELADOS

Nos aposentos do PRINCIPE D. AFFONSO, Fidalgos portuguezes emigrados em conferencia.

D. JOÃO DE ABOYM:

Chegaram os Prelados portuguezes;
Vêm de Roma contentes, sobre todos
O Arcebispo de Braga, Dom João d'Egas,
E Dom Tiburcio, o Bispo de Coimbra.

PRINCIPE D. AFFONSO:

Mas, da deposição trazem a Bulla?

D. JOÃO DE ABOYM:

Sei que trazem Capitulos assentes,
Que tendes de jurar. Com os Prelados,
Frei Domingos de Braga, franciscano,
E o dominicano Pedro Affonso
Tambem vieram, mais os dois fidalgos
Ruy Gomes de Briteiros, Gomes Viegas.

PRINCIPE:

E da Bulla do Papa não fallaram?

D. JOÃO D'ABOYM:

Antes de a Bulla vêrmos, é mostrada
Ao Legado Saint Ange; á vista d'ella
E' que se faz o casamento vosso
Com Mathilde, Condessa de Bolonha;
Deve ser celebrado hoje aqui mesmo,
Em presença da Junta dos Prelados.
As noticias de Portugal exigem
Rapidez, acção prompta. Um rumcr ouço...

(Passos de gente que se aproxima; vae á porta e volta subitamente.)

Os Prelados e os Fidalgos chegam,
Aos vossos aposentos se dirigem;
Vêm celebrar a Junta. O tempo urge.

O ARCEBISPO, *entrando adiante:*

Como a meu Rei, senhor, a mão vos beijo.

(Os outros personagens vão repetindo a cerimonia, dispondo-se em volta do PRINCIPE D. AFFONSO.)

Entrego-vos Capitulos do Accôrdo
Entre o Poder real e o da Egreja,
Que tendes de jurar, por fundamento
De vos reconhecermos Soberano.

PRINCIPE, *percorrendo os Capitulos:*

Ecclesiasticas immunidades?
Juro cumprir o conteúdo á risca.

GOMES VIEGAS, *entregando uma Cártula:*

Capitulos do Fôro da Nobreza
Os Fidalgos de Portugal vos trazem.

PRINCIPE, *lendo por alto:*

Juro cumprir as clausulas prescriptas
Nos Privilegios vossos de Linhagem.

(GOMES VIEGAS *vae beijar a mão do Principe, e os demais Fidalgos o imitam.)*

Até aqui tenho eu assegurada
A obediencia do Clero e Fidalguia.
A vontade do Povo quem garante?
O juramento de Fidelidade...

D. JOÃO DE ABOYM:

Pela Bulla do Papa é dissolvido.

BISPO DE COIMBRA:

Deu-a Honorio Terceiro, o Santo Padre;
Trouxemol-a; em poder é do Legado,
Que ora á Rainha Branca de Castella
A foi mostrar risonho e pressuroso.
Exige o Papa, que um Sacerdote
Corajoso, appresente pessoalmente
A Bulla que depôe Sancho Segundo
Do throno, e ao monarcha em mão a entregue!
Não é facil achar clerigo ousado
Que á cerimonia emocional, tremenda
Se preste; — só se fôr Dominicano.

PRINCIPE:

Na Junta dos Prelados portuguezes
Ha quem se preste ao acto decisivo
E o mais altivo do Poder da Egreja?

BISPO DE COIMBRA:

De todos os Prelados que aqui vêmos,
Nenhum quer a corôa de martyrio.

(Os demais Prelados ficam silenciosos.)

PRINCIPE:

O requisito essencial me falta
Da imposição da Bulla; vale o mesmo
Que não ter sido dada pelo Papa.

O LEGADO, *apparecendo:*

Aos Bispos e Prelados portuguezes
A Bulla que depõe Sancho Segundo
Entrego reverente. Em breves dias,
Frade dominicano a Paris chega,
De alto saber e de caracter firme,
Que pela obediencia não hesita
Levar a Portugal de Honorio a Bulla,
E appresental-a ao Rei solemnemente.

PRINCIPE:

Frei Gil Rodrigues?

D. João de Aboym:

Sim; vem de Toledo,
Pelo Geral da Ordem foi chamado.
Vós partireis com elle. O plano é simples:
Sendo intimada a Bulla, ireis de prompto
Pelos Castellos todos, a homenagem
Tomando dos Alcaides, começando
Por Lisboa, por Santarem, Leiria,
Comprando-os com dinheiro ou indulgencias,
Conforme for preciso.

O Legado:

Como em breve
Partireis para Portugal, segui-me
Para a Capella do Palacio, aonde
Vae celebrar-se o vosso casamento;
A Rainha e Mathilde vos esperam.

(Levantam-se e dirigem-se todos para a Capella real.)

Principe, *áparte:*

O casamento estava contractado,
Da deposição era a Bulla o preço;
Mas, não me lisonjêam tantas pressas!

O Arcebispo de Braga, *para o* Principe:

O pensamento vosso eu estou lendo.
Faça-se o casamento inevitavel,
Preciso para o exito completo
D'esta empreza, que dá de um throno a posse...

Nada de apprehensões! Roma é comnosco;
Assim como dissolve o juramento
Que liga o Povo aos Reis, tambem desata
Os laços conjugaes pelo divorcio...
Quando lhe dão *valiosos* fundamentos.

(Entre a Rainha *e o* Legado, *realisa-se na Capella o consorcio do* Principe D. Affonso *com* Mathilde, Condessa de Bolonha.)

Na cella do Convento de Saint Jacques, dos Frades Pregadores, em Paris.

Frei Gil Rodrigues:

Triste missão! A Junta dos Prelados
Reunida em Paris, me entrega a Bulla
Que ao Rei de Portugal depõe do throno!
Tenho de ir pessoalmente ante o monarcha
Esse raio vibrar do Vaticano.
Sancho Segundo, altivo e irascivel,
Hade aparar o golpe. Eu obedeço.
Os Capitulos jura Dom Affonso,
Que o Clero e a Nobreza lhe impozeram;
E' destemido, e já commigo parte.
Vae tomar a homenagem dos Alcaides
Que os Castellos pelo seu Rei guardavam,
Que ora por Soberano o reconheçam.
Em meio de tudo isto, é bem patente
A dissidencia entre os dois Poderes!

Enfraquecem-se, e vão-se destruindo
Pela força latente que encaminha
Para uma Ordem nova! As criminosas
Ambições, que entre si ambos profligam,
São a acção negativa, que prepara
Para o advento da normal Edade.

Outro Poder se fórma, ao que presinto,
Embora venha longe: a Intelligencia,
Da noção scientifica do mundo
Dando á humana consciencia uma outra norma,
Espiritual Poder estabelece;
A Lei escripta, que o Arbitrio annulla,
No accôrdo das Vontades fundamenta
O Poder temporal que a Ordem firma.
Não é odiosa a alta missão que cumpro;
N'este conflicto entre os dois Poderes
Eu sirvo a grande causa do futuro.

JORDÃO DE SAXE, *entrando na cella:*

Vaes para Portugal partir em breve;
Grandes são os perigos da jornada,
Maiores tens no termo da carreira.
Venho um Salvo-Conducto confiar-te,
Maravilhoso, de exito infalivel,
Na audaciosa empreza que tu cumpres.

(Entrega-lhe um bastão.)

FREI GIL:

Um bastão de jornada! é conveniente
Na perigrinação longa que enceto.

JORDÃO:

E' mais do que Bastão: é tambem Sceptro.
Confio-te o Bastão de San Domingos,
De que se conta a extraordinaria lenda:
Quando o fundador nosso esteve em Roma,
Ahi teve a visão, em que San Pedro
Apparecendo, este Bastão lhe entrega,
Dizendo: «Emprega-o como vara ou Sceptro.»
N'este momento contra a Realeza
Importa garantir a auctoridade
Da Ordem Dominicana. A ti confio
O Bastão do patriarcha San Domingos.

FREI GIL, *reverente:*

Em tuas mãos virei deposital-o.

No palacio da Alcáçova, em Santarem, aonde se acha DOM SANCHO II, depois do rapto de D. MECIA DE HARO.

MORDOMO, *para o* REI:

Senhor! vêm Frades processionalmente,
Entrando no alcaçar; á frente avança
Frei Gil Rodrigues, o Dominicano,
Com a Bulla do Papa desdobrada
Em fórma de guião!

EL REI:

Que entrem os Frades
Com a Bulla... antipathica visita!
Interdicto ou anathema annuncia.

(Frei Gil *entra, acompanhado por seis frades dominicanos e seis frades franciscanos com tochas accesas, até á presença do monarcha:)*

Pois que é universal na Christandade
O Poder do Pontifice, esta Bulla
Manda Honorio Terceiro, destituindo
Do throno portuguez Sancho Segundo ;
E desliga os Fidalgos e os vassallos
Do Juramento de fidelidade.

(Depõe a Bulla diante do monarcha, e os Frades deixam cahir as tochas apagadas.)

El Rei, *afastando-se da Bulla:*

Frei Gil Rodrigues! és o indigno filho
Do honrado Ruy Pires Valadares,
Que foi Alcaide-mór de Coimbra outr'ora,
Sempre leal ao seu Rei nas fortes luctas
Com fidalgos e ávidos Prelados.
De quem herdaste tanta felonia?
Eu devera enviar-te para a forca
Por vil traidor. Mentiram os Prelados
Que te mandaram cá por covardia.
O Papa pusilânime me chama,
E negligente! Os factos o contestam:
Eu tomei ao dominio mussulmano
Elvas e Juromenha! tomei Serpa,
Mértola, apoz Arronches e Ayamonte!
Conquistei Aljustrel... e outras terras
Que enumerar não quero, dilatando
Por todo esse Alemtejo o luso Reino.
E eu, que assim repelli os inimigos

Da Cruz, eu sou do Papa maltratado!
Um impulso malévolo ha na Egreja,
Que ao Poder temporal a assaltar leva;
A Ordem Dominicana é o instrumento,
E tu o servo, ambicioso frade!
Eu sei bem por que se desencadêa
Sobre mim esta odiosa tempestade:
A Rainha leoneza, minha tia,
E' que sustava os desvarios torpes
Das ambições dos Bispos e Abbades;
Meu pae me confiára á sua guarda,
Ella morreu...

MORDOMO, *sobresaltado:*

Senhor! desembarcado
Em Lisboa é o Principe, que viera
De França! Já o Alcaide a homenagem
Lhe entregou do Castello e da Cidade.

PAGEM, *precipitadamente:*

Evadiu-se de Santarem o Alcaide,
Ao saber que se achava desligado
Do juramento de fidelidade;
Ao encontro do Principe partira.
Seguir-se-ha logo o Alcaide de Leiria,
Talvez o de Coimbra... Correm vozes...

EL REI:

Espectaculo da abjecção humana,
Que a vontade de morrer incita!
A rêde das traições é vasta... a terra
Que engrandeci não cobrirá meus ossos.

(Em devaneio amargurado)

Ha um unico sitio onde a minha alma
Acha consolação — é em Toledo,
Junto da sepultura em que repousa
A Rainha leoneza! Cedo o campo
Aos traidores, á espoliação fraterna.

(O Rei abandona Santarem e parte desvairado.)

UM MESTEIRAL:

Quero vêr como Dom Affonso, agora
Assim nas mãos dos Bispos e Fidalgos,
Póde governar isto com justiça.

OVENÇAL:

Elle é bastante esperto, e com certeza
Logra as duas facções.

MESTEIRAL:

Dando a Lisboa
Confirmação de antigos privilegios,
Junto do Rei, Frei Gil assigna a Carta!

OVENÇAL:

Apesar d'esta amostra, estou na minha.
Dom Affonso hade procurar no Povo
A segurança para o seu governo,
Se elle não quizer ter do irmão a sorte.

A pretexto de ir tomar o grào In-Sacra Pagina, FREI GIL RODRIGUES dirige-se a Paris, indo primeiramente a Toledo.

FREI GIL, *ouvindo dobres funereos:*

Morreu por certo egregio personagem?
Harmonisam-se os funerarios dobres
Com o lucto que ha tanto trago n'alma.
A destituição de um Rei parece
Por pathetica, execução de morte.

OVENÇAL, *explicando o facto:*

Estes signaes que ouvis, são as exequias
Do Rei de Portugal Sancho Segundo.
Desamparou seu reino desolado
Por lhe raptarem a mulher querida,
Do Solar de Haro uma formosa dama!
Não a achou em Toledo, e ha quem diga
Que, por ser portuguez — morreu de amores.

FREI GIL:

Lenda de flores que os espinhos cobrem.

OVENÇAL:

Dizem ahi que o Alcaide-mór de Coimbra
Vindo de Portugal, seu Rei procura.

FREI GIL, *vendo na praça de Toledo um Cavalleiro portuguez que se dirige para elle:*

Conheci-vos de longe, pelo aspecto
De portuguez, que tanto vos distingue.

MARTIM DE FREITAS:

Recordações me acordam vossas fallas.

FREI GIL:

Pela accentuação sois de Coimbra?

MARTIM DE FREITAS:

O Alcaide do Castello da cidade.

FREI GIL, *com pasmo:*

Martim de Freitas? O preclaro Alcaide,
Que ao Principe não entregou as chaves
Do Castello, que tinha em homenagem?...
A Alcaidaria-mór de Coimbra teve-a
Meu pae, em tempo do Segundo Affonso.

MARTIM DE FREITAS:

Sois Gil de Valadares, celebrado
De Paris nas Escholas pela Sciencia,
E na Ordem Dominicana agora?
Vós deixaes Portugal, quando o monarcha
Mais dos conselhos vossos necessita?

FREI GIL:

Vou acabar o curso interrompido
Da sacra Theologia; assim o ordena
O Geral...

MARTIM DE FREITAS:

Mas, em Portugal ainda
Não ha um pleno accôrdo entre os Alcaides.
Os de Lisboa, Santarem, Leiria,
Entregaram as chaves promptamente;
De Trancoso e Faria ignoro. Correm
Canções de escaneo entre o povo, sobre
O preço da entrega dos Castellos,
Tambem das Indulgencias que absolveram
Os Alcaides do cynico prejurio.

FREI GIL:

Prejurio? quando a Bulla ha dissolvido
O juramento de Fidelidade,
Que a Dom Sancho Segundo era prestado?
Não vos pediu o Principe homenagem?

MARTIM DE FREITAS:

Dom Affonso intimou-me a que entregasse
As chaves do Castello de Coimbra
Sem quebra do meu preito; que em Toledo
Morrera seu irmão El Rei Dom Sancho.
Ser traidor não eguala o ser burlado;
Ao Principe pedi que consentisse
Na viagem a Toledo, e a verdade
Verificasse do funéreo evento.

FREI GIL:

Vossa presença aqui me denuncia
Que o Principe é rasoavel, complacente.
Na Cathedral da conciliar Toledo
Ahi jaz sepultado El Rei Dom Sancho.

MARTIM DE FREITAS:

Para socego meu de consciencia,
Necessito de vêr com estes olhos
O cadaver do Rei Sancho Segundo!
Como obtêr permissão que se alevante
A lapide da regia sepultura?

FREI GIL:

Permittindo-o o Arcebispo de Toledo.
Poderei alcançar-vos tal licença,
Logo que finalisem as exequias.

Levantamento da lagem do sarcophago do Rei de Portugal.

MARTIM DE FREITAS:

Indubitavelmente El Rei Dom Sancho,
O Segundo de Portugal, conheço!
Como christão ajoelho ante seus restos;
Como subito em sua mão deponho
As chaves do Castello de Coimbra.

(Dirigindo-se ao cadaver.)

Senhor! de vossa mão, pela confiança
Na jurada fidelidade minha,
Recebi estas Chaves do Castello
Em Coimbra erecto, e de que fui Alcaide!
Eu á Soberania incontestada
Prestei preito legitimo, e devido;
Veiu a morte solver o juramento.
Em vossas frias mãos deponho as chaves,
Symbolo do Poder que delegastes,
Correspondendo á inteira confiança.
Sem felonia, agora as chaves tomo
De vossas mãos, inertes pela morte,
Que eu irei entregar a quem compete
Por successão dynastica a Corôa!

(Ergue-se, tomando de novo as chaves do Castello de Coimbra, e assenta-se a lagem sepulchral.)

FREI GIL:

Para Portugal ides promptamente?

MARTIM DE FREITAS:

Por favor, á presença conduzi-me
Do Arcebispo; eu quero o annel beijar-lhe
Grato á concessão, com que patente
Me poz do infeliz Rei a sepultura.

FREI GIL, *acompanhando-o:*

Daes da fidelidade portugueza
Grande exemplo moral, inolvidavel;
Hade este nome de Martim de Freitas
Fulgir na lusa historia, que enaltece;
E o feito com que resgastaes perfidias
De traidores felizes, memorado
Será de edade em edade! Com certeza
Ha um Poder, que excede os outros todos:
O ascendente moral — que se não perde
Ainda além da morte, além dos tempos.

(Abraçam-se separando-se no atrio do palacio archiepiscopal.)

Em Paris, na cella do Convento de San Domingos, FREI GIL prepara-se para as Vespérias do Gráo doutoral em Theologia.

JORDÃO DE SAXE, *entrando inesperadamente:*

Ordem expressa o Papa me transmitte,
Que a Portugal vos mande promptamente,
Pois vos concede o Gráo interrompido...

FREI GIL:

Ha conflicto entre a Curia e o Monarcha?

JORDÃO:

As mesmas dissidencias do passado.
Queixam-se os Bispos, que não são cumpridos
Por Affonso Terceiro os que jurara
Capitulos da Junta dos Prelados!
A Fidalguia queixa-se impaciente,
Que o Rei não a escuta, nem acata
Privilegios heraldicos; que assigna
A's povoações as Cartas foraleiras,
Dando mais garantia assim ás terras,
Que ao Estatuto pessoal, criando
Resistencia e apoio entre o Povo.

FREI GIL:

Caso é para remedio immediato,
Antes que...

JORDÃO:

Mas ainda ha peior do que isto:
Foi Mathilde, a Condessa de Bolonha,
Que em Paris Dom Affonso desposara,
Queixar-se ao Papa, de que seu marido
Chegando ella a Cascaes em um navio,
Lhe prohibira que desembarcasse,
Nem que pisasse terra portugueza!
Nem quiz tampouco receber o filho
Do consorcio legitimo nascido.

FREI GIL:

Custa a crêr em um Principe tal crueza!

JORDÃO:

Ha caso atroz. Para o Poder do Papa
Mathilde recorreu, pois Dom Affonso
Casou com Beatriz, filha bastarda
Do grande Rei de Hespanha Affonso o Sabio,
Sendo a primeira esposa viva ainda!
Contra a violação do sacramento
Do Matrimonio e torpe bigamia,
Protege o Papa a infeliz Mathilde;
E antes que elle fulmine o Interdicto
Sobre o Rei Dom Affonso e seus estados,
Quer que vades adiante... em vós confia.

FREI GIL:

Que heide fazer? ou que Instrucções recebo?

JORDÃO:

Entende o Papa, que o melhor partido
E' residirdes perto do Monarcha.
Para não attender Nobres e Bispos,
Faz-se Affonso Terceiro sempre doente;
Vós sois Medico, e está justificada
D'elle junto uma assidua presença.
Pela intima confiança e bom conselho,
Só vós tendes poder. Parti em breve.
Outra vez vos entrego o prestigioso
Bastão de San Domingos; conservae-o
Até á morte este palladio da Ordem.

Em marcha para a Côrte portugueza, entra FREI GIL em Coimbra, quando se fazia a Procissão dos Nús, no recebimento das Reliquias dos Martyres de Marrocos.

FREI GIL, *para um popular:*

Que procissão é esta, acompanhando
Cinco defunctos em caixões dourados?
Trasladação de ossadas de Reis, vindas
De Santa Cruz para os sepulchros?

OVENÇAL:

Certo,
Chegaes de muito longe, não sabendo
Que o Infante Dom Pedro, de El Rei tio,
Por espirito aventuroso esteve
Na Côrte do Imperio de Marrocos;
E regressando agora, trouxe ossadas
De cinco frades martyres, thesouro
Que ao Mosteiro de Santa Cruz offerta.

FREI GIL:

Tem dado que fallar assás no mundo
O Infante Dom Pedro, por proêzas
De coragem de insólita bravura.
Singular procissão! com gente núa,
Tal como em bacchanal desenfreada,
E tanta compuncção ao mesmo tempo!
A devoção dos Flagellantes leva
A multidão a orgiasticos delirios.

THOMAZ SCOTTO, *apparecendo entre o povo:*

Onde vim encontrar-te, Gil! Debaixo
Da cúgula monastica escondido,
O intelligente homem que brilhava
Em Paris, nas Escholas acclamado!

FREI GIL:

Um destino conscientemente eu sigo.

THOMAZ SCOTTO:

A Portugal trouxeram-me saudades.
Não descansava sem que outra vez visse
Este céo, de um azul incomparavel,
Este ár. E que originaes costumes!
A Procissão dos Nús é imponente,
Pelo effeito macabro, pittoresco
De um tripudio diabolico; em Janeiro,
Com este frio que trespassa os ossos,
E que arripia as carnes! São milhares;
Apenas uma toalha a cinta envolve,
Ligeiro simulacro de dencencia;
Levam cruzes ás costas, arrastando
Grilhões pezados. Quanto ensurdescente
E' o ruido, o bater das disciplinas
Sobre esses corpos nús ensanguentados.
Como a piedade incauta engana as almas!

Mas, que phantasmagorica lembrança
Teve o Infante Dom Pedro, dando aos Cruzios
As ossadas dos Martyres-Marrocos!
Suspeito que elle tem secreto plano:
Sabe que El Rei está ferindo á tôa
Todo o partido que lhe deu o throno,
Faltando ao juramento que aos Prelados
Em Paris lhes prestara; e até o Papa
A causa da infeliz Mathilde attende.
O Infante Dom Pedro assim prepara
A popularidade e sympathia
Que o tornem dos Prelados — Pretendente.

FREI GIL:

Sempre o critico acerbo, que eu conheço.
E' o Infante Dom Pedro audacioso,
Sonhador, prompto a intrépidas Emprezas,
Passos de Armas, e Votos denodados.

THOMAZ SCOTTO, *entrando com a Procissão dos Nús para o Mosteiro:*

O Sermão das Reliquias vae seguir-se!
Não devemos perdel-o! Nós, que ouvimos
Em Paris celebrados Prégadores,
E os mais sabios lentes. Já lá se ergue
No pulpito o Orador.

FREI GIL:

Então ouçamos.

(Vae-se attenuando o borborinho da multidão; cessam os estalidos dos Flagellantes, silencio geral.)

PRÉGADOR:

. . . .
Vêde: a *Rosa vermelha* symbolisa
Pela Fé santa o transe do Martyrio.
E' a Alma humana a ingenua Donzella
Que a colher a Flor mystica descende
Para o jardim fechado. Em vez dos textos
Da verdade buscar nos Santos Padres,
Eu, propheticamente, a encontro expressa
N'uma velha Canção, vulgar em França,
Em que aos cinco botões da Rosa allude,
E de que a *Belle Alice* fez grinalda.

THOMAZ SCOTTO, *para* FREI GIL:

Queres vêr como o Prégador repete
O que fez de Cantórbery o Arcebispo
Etienne Laugton, que a *Belle Alice*
N'um Sermão em latim intercalara?

FREI GIL:

Eu acho interessante a coincidencia.
Como corre o absurdo o mundo todo!

PRÉGADOR, *continuando:*

São da *Rosa florida* os botões cinco,
Os Martyres do Imperio de Marrocos,
Trazidos para este inclyto Mosteiro.
Póde a comparação levar-se longe:

Santa Cruz é agora a *Belle Alice*,
Que vem colher as Flores olorosas
Com que hade com pureza engrinaldar-se.
Ora ouvi a Canção, como se canta.

(Preludio campesino no orgão. O PRÉGADOR *entôa em falsete:)*

Belle Alix matin leva,
Son cors vesti e para
De rose fleurie.

Son cors vesti e para,
Enz un verger s'entra
De rose fleurie.

Enz un verger s'entra,
Cinq fleurettes y truva
De rose fleurie.

(Intervallo em que os Nús se disciplinam fortemente, escorrendo sangue, como signal da comprehensão da Allegoria.)

O PRÉGADOR, *cantarolando:*

Cinq fleurettes y truva,
Un chapelet fet en a
De rose fleurie.

Un chapelet fet en a:
— Par Deu, trahez vus en là,
Vus kai n'amez amie.—

THOMAZ SCOTTO:

Bem applicada foi a Canção velha,
Prestando-se á graciosa allegoria.

FREI GIL:

Repelle a Egreja os Canticos do Povo;
Só quer o fabordão gregoriano,
Com que mascára as Cantilenas bellas.
Vou descansar da viagem no Mosteiro
Da Ordem minha, aqui fundado em Coimbra.

(Despedem-se.)

Emquanto FREI GIL RODRIGUES está recolhido no Convento de San Domingos, apparece-lhe TITIVETILUS, o ESCHOLAR POBRE, como Irmão Converso, com o nome de

FREI JOÃO FRANCEZ:

Livre do meu influxo, na tua alma
Mantem a Negação seu predominio;
A Portugal tu vens para servil-a.
Toda esta lucta hoje entre os dous Poderes,
O conflicto de Crenças e de Ideias,
Prolongar-se-ha por seculos ainda.
Tens de assistir apathico, impotente,
A' demolição pávida de um mundo,
Sem entrevêr o plano que dirija
Tanto esforço ao trabalho constructivo.
Terão as guerras movel religioso;
Será da Egreja o seio lacerado

Pelos Papas com fortes heresias;
Serão as Monarchias demolidas
Pelas Revoluções; e este estado
Anarchico, de crises transitorias,
Systematico e mais feroz se torna.
Foi brilhante essa phase a que assististe!
Testemunha passiva, na impotencia
Hasde morrer, embora na confiança
Do Papa e o Rei, que em arbitro te arvoram.

FREI GIL:

Prosegue na tua obra dissolvente;
Para mim esta situação me basta
De pensador sincero e isolado,
Na pessoal renuncia...

FREI JOÃO FRANCEZ:

Bem te entendo.
O ascendente moral é quanto aspiras!
Se um dia conseguires essa fórma
Do Poder, verdadeiro e mais completo,
Dar-me-hei por vencido. Agora escuta
O Vexamen do gráo *In Sacra Pagina*,
Que em Paris preparava o Escholar Pobre:

Que importa que as beguinas dementadas
Glorifiquem teu nome em vagas lendas,
Propagadas por obcecados monges,
Se o teu nome enfileira-se entre aquelles
Que os Pactos demoniacos firmaram,
Como *Theophilo*, o Vidamo d'Andamo,

Militarius, *Proterius*, e *Cypriano*,
Anthémios; não fallando dos antigos,
Apollonio de Thyane e *Simão Mago*,
Cynops e *Heliodoro*. Essas lendas
De sanctificação bem cedo esquecem.
Ah, se um dia, no mundo eccoar teu nome,
Ao negativo espirito essa gloria
Tu deves, pois te eleva na phalange
De Alberto Magno e de Rogerio Bacon,
De Abailard e Arnaldo Villa Nova,
Trithemio e Gilberto. Todos esses,
Accusados do Pacto com o Diabo,
A pura luz da Sciencia diffundiram.
O Theurgismo, a Alchimia e a Cabala,
A Scholastica e a Heterodoxia,
A Gnose e a Medicina te formaram
A lenda tenebrosa, que em ti sempre
A auréola da Santidade empana.

(Canta de gallo, em ár de sarcasmo.)

Como ao cantar do gallo acordou Pedro,
De ter tres vezes renegado Christo,
Eu, Frei João Francez, tambem sou Gallo
A acordar-te as loucuras do passado.

Frei Gil, *para o irmão Converso:*

E's um pobre lycanthropo, de accessos
Passageiros, nos quaes tu te imaginas
Entidade malévola, sinistra.
Os errores nocturnos, a presteza
Com que appareces e veloz te occultas,
Cacarejos de gallo, uivos de lobo,

Em tua vida de Escholar errante
Fazem de ti, magnifico e completo
Exemplar da *Lycanthropia magica.*
Pódes ter cura. A' Medicina cabe
Dar-te as ervas solâneas, que te accalmem,
Pobre doente, bem digno de piedade.

UM LEIGO, *ás reverencias:*

Padre Mestre! é chegado um mensageiro;
Vem da parte de El Rei com uma carta,
De Santarem, onde a Frei Gil espera
Nos seus paços da Alcáçova.

FREI GIL:

Já parto.

EPILOGO

—

O BASTÃO E O SCEPTRO

—

Nos Paços da Alcaçova, em Santarem; o rei D. Affonso III gemendo, atacado de gotta; Frei Gil, apoiando-se no Bastão de San Domingos, ainda cansado da jornada.

D. Affonso III:

Bem venhaes, Padre! Espero que a presença
Vossa, de tantas dôres me liberte,
Que me amarram ao leito, como a ecúleo,
Sem eu poder tomar conhecimento
Das queixas dos Prelados e Fidalgos,
A quem eu devo unicamente o throno.

Frei Gil:

A noticia de vossos soffrimentos
Tem chegado, senhor, longe, mui longe;
A elles se attribue certas demoras
Em cumprir os Capitulos jurados...

D. Affonso iii:

Em Paris! Foram bellos esses tempos;
Sinto-me reviver com taes lembranças.
Emprestae-me o Bastão vosso, com elle
Quero erguer-me, e andar por esta sala.

(Tomando o Bastão, alevanta-se e move-se andando com desembaraço.)

Sinto-me outra vez homem; não mais dôres!
N'este momento movo-me á vontade.
E' o vosso Bastão maravilhoso;
Quanta virtude lhe communicastes!

Frei Gil, *sorrindo:*

Não esqueci ainda a Medicina,
Que estudei em Paris: esta doença
E' que vos guarda de um peior achaque,
O assalto dos Prelados e Fidalgos
Contra o Poder real que se organisa.

D. Affonso iii, *a sorrir-se:*

Pelo vosso Bastão trocara o Sceptro,
N'este momento. Espero outro milagre:
O Papa inflige-me asperas censuras,
Tambem com o Interdicto me ameaça,
Dando ouvidos ás queixas de Mathilde,
Que em Paris desposei, n'aquelle accôrdo
Da *honteuse connivence*...

Vós, sómente,
Podeis trazer o Papa a bom conselho,
Concedendo o divorcio. O casamento
Com a filha do rei Affonso o Sabio,
De Portugal amplia o territorio
Aos Algarves d'áquem, — um novo Reino,
Dando á Nobreza campo a dignos feitos,
Mesmo aos Bispos mais Sés, onde a Cruz se erga.
Vendo Honorio Terceiro de alto as cousas,
De Mathilde o divorcio me concede;
De vós depende o exito do caso.

FREI GIL:

Sei que a Condessa de Bolonha é morta...

D. AFFONSO III, *com surpresa:*

Tomae vosso Bastão; tenho receio
De mais milagres, que a fortuna egualem
Do Annel de Polycrates outr'ora.

No pequeno jardim do asceterio de FREI GIL RODRIGUES, em Santarem, onde o Rei o visita.

D. AFFONSO III:

Vem no Poema de Dante tres Doutores
Glorificados, — um é *Gil de Roma*,
Com *Sigier* de Brabant, audaz e arguto,
E o pontifice nosso *Pedro Hispano*,
O que fez de Aristoteles a Summa.

Tenho pena que o Vate florentino
N'essa constellação de pensadores
Não incluisse ahi o nome vosso,
Ao *Doctor fundatissimus* reunido.
Talvez rivalidades das Escholas
Entre o Medico e o theologo latentes?...

FREI GIL:

O philosopho arabe Avempace
A' *Republica solitaria* guia
Quantos pensam e ao Ideal aspiram,
Sem renunciarem ao social contacto.
N'esse mundo sereno, subjectivo,
Refugia-se o espirito, encontrando
Contra o atrazo do tempo e dos Poderes
Consolação, amparo e equilibrio
Entre as aspirações e a realidade.
O Monge, na apathia da existencia
Do claustro cae no egoismo e idiotia;
O Philosopho, na abstracção se perde
Impotente, desalentado, esteril.
Sem succumbir ás decepções tremendas
De um Seculo que o retrocesso annulla,
Sem descrêr das Ideias generosas,
Na *Republica solitaria* encontro
Do sêr moral a placida atmosphera
Da humana concordia e beatitude.
Bem haja o alto philosopho Avempace,
A' revolta e anarchia da minha alma
Pacificação deu, que gosa o Santo.

Eu prefiro ás estrophes dos Poetas
A augusta voz da Tradição do povo,
Quando a lenda consoladora fórma:
A immortalidade verdadeira
Só consiste em — viver na sympathia.
O homem erra quando affirma ou nega;
Destróe, quando edifica nas ruinas
Que revolve ao abrir os alicerces;
N'uma lucta incessante o mundo existe!
Mas para que a *Verdade* a Sciencia espalhe,
E para que o Poder a *Paz* assente,
Sómente o Amor é que unifica as almas
Na vibração da intima concordia.
E' pelo *Amor*, que esta tremenda crise
Que um seculo obscurece, hade vencer-se,
Cedo ou tarde, que importa! A Natureza
Dará o impulso a nova Renascença.

A lenda dos Sete dormentes

N'uma caverna, em meio das ruinas
Do Artemision, foram esconder-se,
Foragidos das luctas do Imperio,
Sete nobres romanos.

O torpôr dos mephiticos vapôres
Quebrantando-lhe os membros, lethal somno
Em morbida dormencia os prostra, e ficam
No humano esquecimento.

Desde o imperio de Decio ao de Theodosio,
Duzentos annos passam decorridos;
Até que um dia a luz, o ár irrompem
Na caverna soturna.

Prompto os Sete dormentes despertados
Do pezadello secular, inquietos
Percorrem a Cidade, e a não conhecem!
Não entendem a lingua.

Sobre a grimpa dos templos arvorada
Estava a Cruz! Costumes differentes,
Interesses e normas de existencia
Attonitos observam!

Como as aves da treva espavoridas
Pelo clarão do sol, — restos de um mundo
Ante a visão da Era nova, estranha,
Vão os Sete dormentes.

*

Nova Cidade se alevanta hoje,
Paz e *Verdade* tem por alicerces!
Dando ao alto Ideal realidade,
A Humanidade acclama!

Vós, Monarchas, Pontifices, Senhores
Dos privilegiados nascimentos,
Parasitas do Capital, do mando,
Restos do antigo abuso;

Juristas das Leis mortas sem Justiça,
Sabios estereis da banal Sciencia,
N'esta vaza de um mundo que se extingue
Sois os lodosos vermes.

Mais que os Sete dormentes, desvairados
Perante a grande luz da Edade nova,
Tornaes incompativel o presente,
Renegando o futuro.

Fechados na caverna infecta, escura
Das monstruosidades do egoismo,
Cerra-vos o horisonte — o dia de hoje,
Que augusto Ideal occulta.

Outros Symbolos fallam á consciencia,
Da Humanidade o imperio definindo;
Altas aspirações não vos acordam
Oh Dormentes da lenda!

(O Monge octogenario fica absorto em um prolongado extasis; o REI *vendo-o n'aquella serenidade, retira-se sem ruido da cella.)*

FREI JOÃO FRANCEZ, *apparece e desperta o monge:*

Vigilate, quia nescitis horam!
Com o Rei eu ouvi toda a conversa...
Quando o homem contemplo, na sublime
Energia da ideia, e da consciencia,
Nas paixões que o agitam, ou o elevam,
Digo commigo: — Creação tão bella,
Possuindo o imperio da vontade,
Mesquinho dó me inspira! ao vêr o effeito
Da essencia perfectivel produzindo
Hypocritas, malvados e velhacos,
Em maioria, governando o mundo.

FREI GIL:

Ha no erro uma alma de verdade,
Como contém o mal bem relativo:
E' por isso que a antithese que avultas,
Não apaga a noção de Humanidade
Que se destaca do odio e da anarchia!
No atroz conflicto de paixões egoistas,
Consegui libertar-me dos impulsos
Que da linha ideal me desviaram;
Todo esse mal á perfeição me guia.

Do *Quadrante solar*, como um emblema,
Tomo a Divisa que esta norma exprime:
— A *luz* da altura me dirige a marcha,
A vós sómente a *sombra* vos governa! —

(Duas mulheres embiocadas dirigem-se para o Asceterio; FREI JOÃO FRANCEZ *retira-se mysteriosamente.)*

Em visita ao asceterio, ELVIRA DURANDA, a emparedada de San Domingos, e D. JOANNA DIAS, espreitam para dentro da cella.

DURANDA:

E' aqui a morada do homem santo
Que me salvou. Eu não tornei a vêl-o
Desde que achei refugio na clausura.
Frei Umberto, que escreve as *Vitae Patrum*,
Pede noticias de Frei Gil Rodrigues;
Eu lhe lembrara o nome e as virtudes
Do luminar da Ordem.

D. JOANNA:

De Toledo,
Manda pedir-lhe a Infanta Dona Sancha
Por mim, tambem, a piedosa benção.

FREI GIL, *levantando a cabeça, ainda em estado extatico:*

Lá vêm as Santas Mulheres
Chorosas, á sepultura
Aonde fôra enterrado
Jesus, sob lagem dura.
Vêm derramar piedosas
Pranto infindo de ternura;
Era quasi ao fim da tarde,
Ainda não bem noite escura.

Ao chegarem á caverna,
Contemplam o antro sombrio,
Aonde a viva piedade
Do Discipulo encobriu
Do martyr, divino Mestre,
O corpo chagado, frio;
Acham a lagem revolta,
E o sepulchro vasio!

Inspira ardente linguagem
Do mysterio a intuição!
E em delirio arrebatadas,
Crentes, proclamando vão:
«Ahi n'essa estreita jazida
Não podia caber, não,
O Amor eterno e immenso
Que enchia o seu coração.

«O Amor, que é a vida d'outrem,
A dor mais o alentaria!
Da sepultura alevanta
A pesada lagem fria;
Irrompe como a luz pura
Ao raiar de alegre dia;
Da morte as sombras dissipa,
Os céos enche de harmonia.»

Em tanto Amor inebriadas,
No delirio que as agita,
Voltam as Santas Mulheres
Ao povoado, n'alta grita:
«Jesus succumbiu á morte,
Mas nas almas resuscita
Pelo Amor, que em nós se accende,
O Amor, essencia infinita.»

(Terminada a exaltação do extasis, pende-lhe a cabeça sobre o livro que tem aberto diante de si e fica inerte.)

DURANDA, *approximando-se e vendo-o morto:*

Estava lendo o Poema de Boecio.

D. JOANNA DIAS, *observando o livro:*

Por letra de Frei Gil termina o Poema:
«Lembrança da Rainha divorciada.»

(Com magoa:)

Elle não conheceu o amor immenso
Que lhe votei na alegre mocidade;
Nem todo o sacrificio de uma vida,
Gasta na penitencia por salval-o
D'esses estudos da Magia negra.
A voz do Povo acclama-o por Santo;
E como a Santo, a mim resta-me ainda
Alevantar-lhe o sepulchral moimento,
Pela piedade que o amor puro exalta.

DURANDA, *tomando como reliquia uma homilia de* FREI GIL, *e lê:*

«A Religião da Confraternidade
Fundou-a a condolencia feminina,
Quando deu a Jesus immortal gloria;
O mesmo sentimento excelso, ingenuo,
E' que revela a Providencia humana.»

AMBAS, *ajoelhando e beijando-lhe as mãos:*

Dá-nos o amor feliz presentimento:
Mais do que a laurea doutoral do Sabio,
Refulge eterna a auréola do Santo.

FIM

INDICE

FREI GIL DE SANTAREM

I

IDEIA DO POEMA:

I. A primeira Renascença.—Symbolisação artistica.
II. A Lenda agiologica e as tentativas de elaboração litteraria . . . .

PRELUDIO

Canção do Sino corrido. . . . .

PARTE I

O AMOR

JORNADA PRIMEIRA

Vigilia do Escholar

1.º Quadro—A Noite da Tuna. . . . .
2.º Quadro—O Castello de Montemór . . . . .
Auto do Abbade João . . . . . .

JORNADA SEGUNDA

Os Irmãos do Livre Espirito

Pag.

1.º Quadro — O Pacto de Negação. 69
2.º Quadro — Os dois Livros 97

PARTE II

A SCIENCIA

JORNADA TERCEIRA

As Covas de Toledo

1.º Quadro — O Thezouro de Guarrazar 121
2.º Quadro — A insurreição mental 151

JORNADA QUARTA

Na Montanha Latina

1.º Quadro — Oh Mater alma 177
Auto dos Zelos de José Carpinteiro. . 217
2.º Quadro — A Investida do Becjaune 230
Scenas da Depositio 250

PARTE III

O PODER

JORNADA QUINTA

A Côrte de Branca de Castella

1.º Quadro — Honteuse connivence 265
Auto da Noiva de Corynthio 291
2.º Quadro — A Junta dos Prelados 334

EPILOGO

O Bastão e o Sceptro 363